



Museus Pedagógicos: diálogos ibero-americanos¹

Pedagogical Museums: ibero-American dialogues

Museos Pedagógicos: diálogos iberoamericanos

Organização

Vera Lucia Gaspar da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina (Brasil)
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
<https://orcid.org/0000-0003-2957-5708>
<http://lattes.cnpq.br/8881750759405221>
vera.gaspar.udesc@gmail.com

Resumo

Com o presente Dossiê vislumbramos explorar vínculos entre diferentes Museus Pedagógicos estabelecidos na América e na Europa nos anos finais do século XIX e em princípios do XX, além de destacar particularidades destas instituições que não tiveram somente os modelos francês e espanhol como referência, mas também, agregaram elementos resultantes de parcerias e diálogos. Assim reunimos estudos que contemplam o Museu Pedagógico Nacional da Espanha fundado em 1882 na cidade de Madri (abordado por Pedro Luis Moreno Martínez); o Museu Pedagógico de Portugal criado em 1883 na cidade de Lisboa em Portugal (por Maria João Mogarro); o Museu Pedagógico da Argentina criado em 1888 na cidade de Buenos Aires (por María Cristina Linares); o Museo Pedagógico do Uruguai criado em 1889 na cidade de Montevideo (por Vera Gaspar e Gabriel Scagliola) e o Museu Pedagógico Nacional do Brasil criado em 1890 no Rio de Janeiro (por Camila Marchi da Silva).

Palavras-chave: Museus Pedagógicos. Cultura material escolar. Circulação de modelos pedagógicos.

¹ Trabalho articulado ao Projeto de Pesquisa “Objetos da Escola: Por uma história material da experiência escolar (1880-1920)” (UDESC/CNPq/FAPESC). Revisão dos originais de Fernando Coelho - zeffiretto@gmail.com.

Abstract

With this Dossier we intend to explore links between different Pedagogical Museums established in the Americas and Europe in the late nineteenth and early twentieth centuries, and highlight particularities of these institutions. References for these museums were not only French and Spanish models, and they include elements resulting from partnerships and dialogues. We gathered studies that consider the National Pedagogical Museum of Spain, founded in 1882 in the city of Madrid (in a study by Pedro Luis Moreno Martínez); the Pedagogical Museum of Portugal, created in 1883 in the city of Lisbon, Portugal (by Maria João Mogarro); the Pedagogical Museum of Argentina, created in 1888 in the city of Buenos Aires (by María Cristina Linares); the Pedagogical Museum of Uruguay, created in 1889 in the city of Montevideo (by Vera Gaspar and Gabriel Scagliola); and the National Pedagogical Museum of Brazil, created in 1890 in Rio de Janeiro (by Camila Marchi da Silva).

Keywords: Pedagogical Museum. School material culture. Circulation of pedagogical models.

Resumen

Con este Dossier nos proponemos explorar los vínculos entre los diferentes Museos Pedagógicos establecidos en América y Europa a finales del siglo XIX y principios del siglo XX, además de destacar las particularidades de estas instituciones que no solo tenían como referencia los modelos francés y español, sino que también añadían elementos resultantes de colaboraciones y diálogos. Así reunimos los estudios que incluyen el Museo Pedagógico Nacional de España, fundado en 1882 en la ciudad de Madrid (abordado por Pedro Luis Moreno Martínez); el Museo Pedagógico de Portugal, creado en 1883 en la ciudad de Lisboa en Portugal (por Maria João Mogarro); el Museo Pedagógico de Argentina, creado en 1888 en la ciudad de Buenos Aires (por María Cristina Linares); el Museo Pedagógico de Uruguay, creado en 1889 en la ciudad de Montevideo (por Vera Gaspar y Gabriel Scagliola); y el Museo Pedagógico Nacional de Brasil, creado en 1890 en Río de Janeiro (por Camila Marchi da Silva).

Palabras-clave: Museo Pedagógico. Cultura material escolar. Circulación de modelos pedagógicos.

Recebido: 09/09/2021

Aprovado: 11/11/2021

Apresentação

A circulação de ideias pedagógicas que contribuíram para edificar projetos de escolarização da infância, acompanhando a consolidação dos Estados-nação, teve alguns sustentáculos. Destacamos aqui o aparato legislativo, que compreende um conjunto de prescrições que apoiaram o desenho da composição administrativa, entre elas a obrigatoriedade escolar; as Exposições Universais como espaços de difusão de modelos, ideias, circulação de mercadorias direcionadas ao provimento da escola - especialmente a primária - e à promoção de um nicho de mercado; e a organização de Museus Pedagógicos, os quais assumem, neste Dossiê, lugar central.

Numa caracterização mais ampla, os Museus Pedagógicos² podem ser descritos “como um centro de formação para professores, onde seriam desenvolvidos, testados, apresentados e difundidos novos métodos, mobiliários e instrumentos didáticos” (Petry; Gaspar da Silva, 2013, p. 82). Ou, como o propunha Bartolomé Cossío (1886), um órgão que serviria para a introdução dos avanços referentes à educação primária presentes em países considerados referência (*in*: García del Dujo, 1985). Para Pedro Moreno Martínez,

el Museo se caracterizó por ser un organismo vivo y dinámico, un centro de investigación y enseñanza, una puerta abierta a la recepción, estudio y difusión de las innovaciones educativas internacionales, que contribuyeron a la renovación y la modernización de la educación primaria y la pedagogía española. (Moreno Martínez, 2022, p.7)

Embora a reflexão do autor se dirija ao museu instalado Madri, ela expressa a configuração de muitos outros. María Cristina Linares destaca que

Creados en pleno auge de la constitución de los Estados naciones, la idea de renovar los aspectos pedagógicos de la educación se asoció al objetivo de construcción de la nacionalidad y al desarrollo de la ciencia y la técnica para favorecer el desarrollo industrial. (Linares, 2022, p.3)

Em dicionários de Pedagogia, como as edições³ organizadas por Ferdinand Buisson (1878-1887 e 1911), encontramos elementos que ajudam a compreender em termos conceituais muitos dos aspectos que compõem a história da educação; entre os verbetes encontram-se informações sobre Museus Pedagógicos. Aliás, na edição de 1911, o verbete traz um conjunto de informações

² Sobre diferenças entre Museus Pedagógicos, Museus Escolares e Museus de Escola sugerimos leitura do texto “Museu Escolar: Sentidos, Propostas e Projetos para a Escola Primária (Séculos 19 e 20)”, de autoria de Marília Gabriela Petry e Vera Lucia Gaspar da Silva, publicado na Revista *História da Educação* (v. 17, p. 79-101, 2013) e disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/2095/showToc>; da Dissertação de Mestrado de Marília Gabriela Petry “*Da Recolha À Exposição: A Constituição de Museus Escolares em Escolas Públicas Primárias de Santa Catarina (Brasil-1911 a 1952)*”, PPGE UDESC, 2013, disponível em http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/151/marilia_gabriela_petry.pdf e dos artigos que compõem o Dossiê “Museus de Educação: histórias e perspectivas transnacionais”, organizado por Alberto Barausse e Zita Rosane Possamai e publicado na Revista *Museologia & Interdisciplinaridade* (v. 8, p. 12-124, 2019), disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/issue/view/1839>.

³ Sobre as edições deste dicionário sugerimos a leitura de DUBOIS, Patrick. O Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire de F. Buisson (1878-1887 e 1911): Bíblia da escola republicana. *História da Educação*. ASPHE/UFPel. Pelotas, v.5, n.9, pp.59-76, abr. 2001.

que permitiram a recomposição de quadros que registram a presença destas instituições⁴ em vários países. Para fazê-lo, o autor do verbete, Maurice Pellisson, se apoia especialmente na obra de Max Hübner, intitulada *Die Ausländischen Schulmuseen*, que traz dados sobre vários Museus Pedagógicos existentes em diferentes países.

M. Max Hübner, directeur du Musée pédagogique de Breslau, en a fait très soigneusement le relevé, dans un ouvrage paru en 1906 (*Die ausländischen Schulmuseen*, Breslau). Ce relevé comprend 76 établissements ; nous ne saurions ici, faute de place, parler en détail de chacun d'eux; il en est, d'ailleurs, qui sont à l'état embryonnaire ou qui n'ont pris qu'un développement médiocre. Nous nous bornerons donc à reproduire d'abord la liste dressée par M. Max Hübner, et à donner ensuite des renseignements sommaires sur ceux de ces « musées » qui ont acquis une importance véritable⁵. (Pellisson In.: Buisson, 1911, p. 1373)

Já sabemos⁶ que Max Hübner fez da obra um negócio, seja cobrando para apresentar os Museus ou comercializando para os próprios museus o produto de seu trabalho. Este é um aspecto importante que nos alerta sobre a possibilidade de imprecisão dos dados ali apresentados; é bem possível que o autor tenha feito uma seleção entre um conjunto de Museus para compor o livro. O fato é que os dados por ele apresentados, assim como foram reproduzidos na edição de 1911 do Dicionário organizado por Buisson, têm servido de referência para a composição de narrativas históricas sobre Museus Pedagógicos⁷. No quadro abaixo, com base nas informações que constam no verbete de Maurice Pellisson, destacamos o primeiro criado em cada país ali registrado, com o intuito de apresentar um desenho que retrate a ocorrência deste tipo de instituição “pelo mundo”.

Relação do primeiro Museu Pedagógico de cada país (1850-1906)

Cidade	País	Ano de Criação ou Instalação
Stuttgart	Alemania	1851
Toronto	Canadá	1857
Londres	Inglaterra	1857
Saint-Petersbourg	Rússia	1864
Vienne	Austria-Hungria	1872
Rome	Italia	1874
Zurich	Suíça	1875
Amsterdam	Holanda	1877

⁴ Optamos aqui por tratar os Museus Pedagógicos como instituições, já que muitas vezes, embora em geral vinculados às pastas responsáveis pela instrução, mantinham certa autonomia e identidade própria. Na bibliografia e documentação consultadas também são tratados como órgãos.

⁵ Em tradução livre: “O Sr. Max Hübner, diretor do Museu Pedagógico de Breslau, fez deles um inventário cuidadoso em um livro publicado em 1906 (*Die ausländischen Schulmuseen*, Breslau). Este inventário abrange 76 estabelecimentos; não poderíamos falar aqui em detalhe de cada um deles, por falta de espaço; há-os, aliás, que estão em estado embrionário ou que tiveram um desenvolvimento medíocre. Limitar-nos-emos, portanto, a reproduzir inicialmente a lista preparada pelo Sr. Max Hübner, e a dar em seguida informações sumárias sobre alguns desses ‘museus’ que adquiriram uma importância verdadeira.”

⁶ Estamos empenhados em reunir informações que ajudem a recompor a história da obra de Max Hübner. Registramos nossos agradecimentos a Luiza Ferber e Raphael Melo pela busca e localização da obra em bibliotecas de Berlim, na Alemanha.

⁷ A título de exemplo citamos os trabalhos de García del Dujo (1985), Munakata & Braghini (2014), Gaspar da Silva & Scagliola (2019) e Gaspar da Silva & Souza (2018), referenciados ao final deste texto.

Tokio	Japón	1878
Paris	Francia	1879
Bruselles	Bélgica	1880
Washington	EE.UU.	1881
Rio de Janeiro	Brasil	1883 ⁸
Lisboa	Portugal	1883
Madrid	España	1884/82 ⁹
Copenhague	Dinamarca	1887
Buenos-Aires	Argentina	1888
Monevideo	Uruguay	1889
Belgrade	Yugoslavia	1898
Christiania	Noruega	1901
Sofía	Bulgaria	1905
Atenas	Grecia	1905

Fonte: Pellisson, Maurice. *Musées Pédagogiques*. In: F. Buisson, *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'Instruction Primaire*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1911, pp. 1367-1376.¹⁰ (No quadro acima reproduzimos os nomes das cidades como aparecem no original e acrescentamos com grafia atualizada os países.)

O quadro acima, ainda que, conforme já alertado, possa trazer imprecisões, é revelador da força deste tipo de instituição na organização dos projetos de escolarização, particularmente no caso das iniciativas estatais. Tal presença e força nos estimulou a reunir estudos que coloquem em diálogo iniciativas com origem em países da América ibérica¹¹, e que possam ajudar a compreender a constituição, função e influência tanto dentro do próprio país, como no diálogo com seus congêneres. Neste diálogo destacamos alguns aspectos convergentes: a organização dos Museus a partir de acervos herdados de Exposições Universais ou similares¹²; a função comercial que desempenharam, seja expondo produtos e catálogos, seja muitas vezes servindo de entreposto de comercialização; a missão de renovação de aspectos pedagógicos com divulgação de formas de ensinar, formação de docentes e apresentação de materiais pedagógicos; a elaboração de impressos pedagógicos, em particular revistas destinadas aos professores e às professoras; a realização de conferências pedagógicas... Trata-se de instituições que, como já anunciado por Martin Lawn (2013), ajudaram a colocar escolas, alunos e professores como consumidores sociais e de produtos industrializados, produtos estes muitas vezes portadores, ainda que simbolicamente, de modernidade e expressão de novas tecnologias educacionais.

⁸ Conforme o leitor poderá ler no texto de autoria de Camila Marchi, que trata do Museu brasileiro, esta data faz referência ao Museu Escolar Nacional, formado a partir do espólio da Exposição Universal do Rio de Janeiro de 1883, cujo acervo passará a compor o Museu Pedagógico Nacional – Pedagogium, criado em 1890.

⁹ Considerando o trabalho de autoria de Pedro L. Moreno Martínez, que compõe o presente Dossiê e que trata do Museu Pedagógico Nacional de Madri, tal instituição teria sido fundada em 1882.

¹⁰ Para compor este artigo consultamos a versão impressa do Dicionário, disponível na Biblioteca Pedagógica Central Mtro. Sebastián Morey Otero, que funciona no mesmo edifício que abriga o Museu Pedagógico José Pedro Varela, em Montevideu, além da versão disponível *on-line* no endereço <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/document.php?id=3241>.

¹¹ Tal recorte geográfico foi motivado por proposição que está na origem do presente Dossiê, qual seja, a organização de um Paineiro aprovado para apresentação no CIHELA 2020, que, adiado em razão da pandemia da COVID-19, foi realizado no formato *on-line* em 2021. Os textos não foram submetidos para publicação nas Atas do evento, configurando-se como inéditos.

¹² Destaca-se aqui o caso do Museu Pedagógico argentino, que, segundo María Cristina Linares (2022, p.4), “surgió a partir de la Exposición Sudamericana Industrial, Agrícola y de Bellas Artes de 1882, en la que se llevó a cabo el Congreso Pedagógico”.

No texto dedicado ao Museu Pedagógico brasileiro, Camila Marchi da Silva dá especial atenção ao aspecto comercial. Em sua análise,

De acordo com Borges (2011, p. 151, 154), o comissário geral da Exposição Universal de Paris de 1867, Frédéric Le Play, propôs que o espólio das exposições fossem transformados em Museus Comerciais. Isso significa na prática que toda a mercadoria continuaria exposta em museus específicos. Nesse sentido, os museus comerciais estavam associados às grandes exposições visando à atração do público por meio de atividades de publicidade. A ideia era ativar o interesse do público às novidades com o objetivo de vendê-las, ampliando a circulação dos interesses desde o fabricante, o expositor – pensado como um intermediário – e o comprador. (Marchi da Silva, 2022, p.4)

Aspectos como os acima destacados corroboram a tese de Kuhlmann Jr. (2013, p. 36) de que não é possível atribuir a um único país a referência, numa espécie de modelo, para a criação dessas instituições, mas é importante compreendê-las como parte de um amplo processo de difusão de projetos civilizatórios característicos do final do século XIX. Como se pode ler no texto de Pedro Moreno Martínez (2022, p.6), o Museu de Madri, por exemplo, “establecería relaciones con los gobiernos de otros países para propiciar el intercambio de publicaciones y materiales, conocer el estado de las escuelas españolas y las del extranjero recurriendo para ello a las visitas y los viajes de su personal”, atividade que estará presente em muitos outros.

Tal passagem é reveladora de intercâmbios entre os museus, o que se pode ver também na correspondência que trocavam, como apresentado por Gaspar da Silva e Scagliola (2019) com base em correspondências localizadas no acervo do Museu Pedagógico José Pedro Varela. O trabalho de Maria João Mogarro também destacará tal aspecto; para a autora

o Museu Pedagógico Municipal de Lisboa integrava-se na corrente internacional da moderna pedagogia, que considerava os museus pedagógicos como instituições fundamentais para o estudo dos assuntos relacionados com a educação e o ensino e para a formação profissional dos professores. (Mogarro, 2022, p.3)

Outro ponto comum entre os Museus em seus primeiros anos é a instalação em sedes provisórias, como é o caso da Espanha: “Ubicado en sus inicios, provisionalmente, en un corredor y dos salas de la Escuela de Veterinaria de la Universidad Central de Madrid, el Museo recibiría un nuevo impulso tras su ubicación definitiva, en 1886, en la Escuela Normal Central de Maestros.” (Moreno Martínez, 2022, p.9). Portugal viveu situação similar, conforme relata Maria Mogarro (2022, p.6): “O museu será aberto ao publico no 1.º do proximo mez de julho, em condições muito modestas e n’uma casa provisoria, pouco adequada, aproveitada na escola municipal n.º 6’ (Coelho, 1883, p. 74), em Santa Isabel.”

Além disso, os Museus eram organizados em Seções, observando-se a recorrência das dos seguintes itens: mobiliário escolar, plantas e edifícios escolares, material para educação e ensino etc. Via de regra os Museus também dispunham de uma Revista e uma Biblioteca Pedagógica. Há ainda ênfase na educação da infância (ou primeira infância) e escola primária, além das funções e atividades direcionadas à formação de professores e professoras que atuavam nestes níveis de ensino, bem como os gabinetes de física e química. Também é ponto comum dos acervos a guarda de exemplares de Relatórios das Exposições Universais.

Os textos do presente Dossiê também trazem informações sobre circulação de materiais entre os museus, como é o caso abordado por Maria Mogarro, que informa que Augusto dos Reis teria enviado um modelo de fachada e planta “do jardim infantil de Lisboa para o Pedagogium, o museu pedagógico do Rio de Janeiro, assim como alguns trabalhos das crianças que lhe haviam sido oferecidos pela diretora.” (Mogarro, 2022, p.10). É também Mogarro que traz informações sobre visitas:

O Livro de visitantes do Museu (que terá sido também da escola) recebeu a assinatura, na sua primeira página, de Francisco Giner de Los Rios e de Manuel Bartolomé Cossío, quando eles visitaram Adolfo Coelho em setembro de 1883. A partir de então, mantiveram uma colaboração próxima entre eles, envolvendo também Bernardino Machado (Otero Urtaza, 2004, pp. 9-37). (Mogarro, 2022, p.11)

Estas trocas indiciam sobre camaradagens entre os diretores destas instituições, muitos deles bastante envolvidos com os projetos de renovação pedagógica de seus países e na organização do que mais tarde seriam os sistemas de ensino, em particular aquele voltado à escolarização da infância. Figuras de prestígio na área educacional e com projeção política em geral foram seus mentores. Registramos aqui a nominata dos primeiros diretores dos Museus Pedagógicos tratados no presente Dossiê, por ordem cronológica de inauguração do Museu: Manuel Bartolomé Cossío (1857-1935¹³), Madri / Espanha; Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), Lisboa / Portugal; Ricardo Torino¹⁴ (1883-???), Buenos Aires / Argentina; Alberto Gómez Ruano (1858-1923) Montevideu / Uruguai; e Joaquim José Menezes Vieira (1848-1897), Rio de Janeiro / Brasil.

Os dados acima apresentados servem de convite à leitura dos textos que se seguem, cuja ordem foi definida pelo ano de criação do Museu. Assim temos os seguintes artigos: **El Museo Pedagógico Nacional y la renovación educativa en España (1882-1941)**, de autoria de Pedro Luis Moreno Martínez (Universidad de Murcia - Espanha); **O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa (Portugal, 1883-1933): Percurso e significado de uma instituição renovadora**, de autoria de Maria João Mogarro (Instituto de Educação, Universidade de Lisboa - Portugal); **El Museo Pedagógico en Argentina: nacimiento y avatares de una Institución renovadora (1883-1940)**, de autoria de María Cristina Linares (Universidad Nacional de Luján - Argentina); **Museu e Biblioteca Pedagógicos: um grande gabinete experimental de ciência popular (Montevideu / Uruguai, 1889...)**, escrito em parceria por Vera Lucia Gaspar da Silva (Universidade do Estado de Santa Catarina - Brasil) e Gabriel Scagliola (Museo Pedagógico José Pedro Varela e Institutos Normales de Montevideo - Uruguai); e **Museu Pedagógico Nacional – Pedagogium, uma vitrine comercial (1890-1919)**, escrito por Camila Marchi da Silva (Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade – EHPS / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC / SP - Brasil).

¹³ Esta referência correspondia ao ciclo de vida de cada um e não ao período em que estariam à frente dos respectivos Museus.

¹⁴ Segundo mensagens trocadas com María Cristina Linares, el Presidente del Consejo Nacional de Educación teve iniciativa de criação do Museu que teve como primeiro diretor Ricardo Torino. Até o momento não foi possível localizar o período de seu mandato, sabe-se que em 1907 o Prof. Pascual Guaglianone era o diretor da Biblioteca y Museo Pedagógicos de Buenos Aires (Gaspar da Silva & Scagliola, 2022, p.11).

Referências

- BARAUSSE, Alberto; POSSAMAI, Zita Rosane (Orgs) (2019). Dossiê “Museus de Educação: histórias e perspectivas transnacionais”. *Museologia & Interdisciplinaridade*. v.8, pp.12-124, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.28104>.
- BUISSON, Ferdinand (Directeur) (1911). *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire*. Paris: Librairie Hachette et Cie. L'édition électronique. Disponível em: <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/>. Acesso em 04 jun. 2021.
- DUBOIS, Patrick (2001). O Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire de F. Buisson (1878-1887 e 1911): Bíblia da escola republicana. *História da Educação*. ASPHE/UFPel. Pelotas, v.5, n.9, pp.59-76, abr.2001. Disponível em file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/30470-118041-1-PB.pdf. Acesso em 24/05/2021.
- GARCÍA del DUJO, Angel (1985). *Museo Pedagógico Nacional (1882-1941): Teoría educativa y desarrollo histórico*. Salamanca / Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca. Instituto de Ciencias de la Educación.
- GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SCAGLIOLA, Gabriel (2019). Museu Pedagógico José Pedro Varela: expressando uma comunidade de aspirações! *Museologia & Interdisciplinaridade*. v.8, n.16, Ago./Dez., p.88-104. DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.25135>.
- GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SCAGLIOLA, Gabriel (2022). Museu e Biblioteca Pedagógicos: um grande gabinete experimental de ciência popular (Montevidéu / Uruguai, 1889...). *Cadernos de História da Educação*. v.21, p.1-14, DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-105>
- GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele (2018). Objetos de Utilidade Prática para o Ensino Elementar: Museus Pedagógicos e Escolares em debate. In: GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele; CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: EDUFES, pp. 119-141) (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil, Volume 14).
- HÜBNER, Max (1906). *Die Ausländischen Schulmuseen*. Veröffentlichungen des Städtischen Schulmuseums zu Breslau, nº 6. Breslau: Ferdinand Hirt, Königliche Universitäts – und Verlagsbuchhandlung.
- KUHLMANN Jr., Moysés (2013). O Pedagogium: sua criação e finalidades. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.) *Pedagogium: Símbolo da Modernidade Educacional Republicana*. Rio de Janeiro: Quartet / FAPERJ, pp. 25-42.
- LAWN, Martin (2013). Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. Tradução de David Antonio da Costa & Gustavo Rugoni de Sousa. *Revista Linhas*, Florianópolis, v.14, n.26, p.222–243. DOI: <https://doi.org/10.5965/1984723814262013222>.

LINARES, María Cristina (2022). El Museo Pedagógico en Argentina: nacimiento y avatares de una Institución renovadora (1883-1940). *Cadernos de História da Educação*. v.21, p.1-13, DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-104>

MARCHI da SILVA, Camila (2022). Museu Pedagógico Nacional – Pedagogium, uma vitrine comercial (1890-1919). *Cadernos de História da Educação*, v.21, p.1-20. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-106>

MOGARRO, Maria João (2022). O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa (Portugal, 1883-1933): Percurso e significado de uma instituição renovadora. *Cadernos de História da Educação*, v.21, p.1-22. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-103>

MORENO MARTÍNEZ, Pedro Luis (2022). El Museo Pedagógico Nacional y la renovación educativa en España (1882-1941). *Cadernos de História da Educação*, v.21, p.1-15. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-102>

MUNAKATA, Kazumi; BRAGHINI, Katya M. Z. (2014). Fontes para a história da educação dos sentidos, numa abordagem transnacional. In: *XVIII Jornadas Argentinas de Historia de la Educación*, 2014, General Sarmiento. *Historia de la educación: usos del pasado y aportes a los debates educativos contemporáneos*. ANAIS... General Sarmiento: Sociedad Argentina de Historia de la Educación (pp. 1-11).

PELLISSON, Maurice (1911). BUISSON, Ferdinand (Directeur) (1911). *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire*. Paris : Librairie Hachette et Cie. L'édition électronique. Disponível em : <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/>. Acesso em 04/06/2021.

PETRY, Marília Gabriela (2013). *Da Recolha À Exposição: A Constituição de Museus Escolares em Escolas Públicas Primárias de Santa Catarina (Brasil - 1911 a 1952)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/151/marilia_gabriela_petry.pdf.

PETRY, Marília Gabriela; GASPARD da SILVA, Vera Lucia (2013). Museu Escolar: Sentidos, Propostas e Projetos para a Escola Primária (Séculos 19 e 20). *Revista História da Educação*, v.17, p.79-101. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2236-34592013000300006>.



El Museo Pedagógico Nacional y la renovación educativa en España (1882-1941)

The National Pedagogical Museum and educational renewal in Spain (1882-1941)

O Museu Pedagógico Nacional e a renovação educativa na Espanha (1882-1941)

Pedro Luis Moreno Martínez
Universidad de Murcia (España)
<https://orcid.org/0000-0002-1936-7078>
plmoreno@um.es

Resumen

El *Museo Pedagógico Nacional*, fundado en 1882 con el nombre, inicialmente, de *Museo de Instrucción Primaria* de Madrid, fue creado a propuesta de la Institución Libre de Enseñanza como parte de su proyecto pedagógico y político para lograr la modernización y la transformación social del país. La iniciativa se vinculaba a la necesidad de acometer las reformas necesarias para mejorar las condiciones de la primera enseñanza tomando como referencia la experiencia museística internacional. El Museo, tal y como fue concebido por su primer director Manuel Bartolomé Cossío (1857-1935), tenía que ser la puerta por la que se introdujeran en España todos los adelantos que en la primera educación se verificaran en los demás países. Sus principales líneas de actuación irían encaminadas a la formación docente, la reforma del mobiliario escolar y el material de enseñanza, así como convertirse en el centro de información, estudio, renovación y difusión pedagógica más importante del país.

Palabras clave: Museo Pedagógico Nacional. España. Formación. Investigación. Renovación educativa.

Abstract

The *National Pedagogical Museum*, founded in 1882 was originally known as the *Madrid Museum of Primary Instruction*. It was created following a proposal from the Free Institution of Teaching as part of its pedagogical and political project to achieve modernization and social transformation in the country. The initiative sprang from the need to undertake the necessary reforms to improve the conditions of primary education, and took as its reference the international museum experience. The Museum, as conceived by its first director Manuel Bartolomé Cossío (1857-1935), was to be the gateway through which all the advances made in early education in other countries were introduced into Spain. Its main action lines would be aimed at teacher training, renewing school furniture and teaching materials, and at becoming the most important center for information, study, renewal and pedagogical dissemination in the country.

Keywords: National Pedagogical Museum. Spain. Training. Research. Educational renewal.

O *Museo Pedagógico Nacional*, fundado em 1882 em Madri, inicialmente com o nome de *Museo de Instrucción Primaria*, foi criado a partir de uma proposta da Institución Libre de Enseñanza como parte do seu projeto pedagógico e político. Visava a modernização e a transformação social do país. A iniciativa estava vinculada à necessidade de fomentar as reformas necessárias para melhorar as condições do ensino primário, tendo como referência a experiência museal internacional. O Museo, tal como foi concebido pelo seu primeiro diretor, Manuel Bartolomé Cossío (1857-1935), deveria ser a porta pela qual seriam introduzidos na Espanha os avanços já verificados em outros países em relação ao ensino primário. As suas principais linhas de atuação estavam direcionadas à formação docente, à reforma do mobiliário escolar e do material para o ensino. Propunha-se, também, converter-se no centro de informação, estudo, renovação e difusão pedagógica mais importante do país naquele período.

Palavras-chave: Museo Pedagógico Nacional. Espanha. Formação. Pesquisa. Renovação educativa.

Introducción

Tras el denominado Sexenio Democrático (1868-1874), en los inicios de la España de la Restauración, la llegada al poder del partido liberal de Sagasta, en 1881, hizo posible la adopción de ciertas iniciativas que pretendían afrontar la heterogeneidad de problemas que venía padeciendo la escuela española. Las primeras tentativas de modernización y europeización de la educación española, impulsadas por Francisco Giner de los Ríos (1839-1915) y la Institución Libre de Enseñanza (ILE), fundada en 1876, inspiradas en los ideales krausistas, reformistas y regeneracionistas, que aspiraban a renovar la educación como proyecto pedagógico y político para lograr la transformación social del país, dieron lugar a la paulatina gestación de organismos públicos dependientes del Estado. La primera de las iniciativas asumida e impulsada por la administración liberal, fruto del espíritu entusiasta y reformador de la Institución, fue la creación del *Museo de Instrucción Primaria* de Madrid en 1882, que pasaría a denominarse definitivamente, a partir de la ley de presupuestos de 1894-95, *Museo Pedagógico Nacional*. Un organismo al que seguirían la creación de otras entidades tan relevantes para la renovación y modernización científica, pedagógica y cultural de España como fueron, entre otras, la Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas en 1907, la Residencia de Estudiantes en 1910, la Residencia de Señoritas en 1915 o el Instituto-Escuela en 1918 (Molero, 2000; Viñao, 2004: 20-27).

El estudio que presentamos pretende efectuar una aproximación general al conocimiento histórico del Museo Pedagógico Nacional de España, en el contexto del movimiento museístico internacional coetáneo, a sus orígenes, apertura y vocación internacional, configuración, finalidades, así como a las principales líneas de actuación llevadas a cabo con el fin de favorecer la recepción y la circulación de las ideas pedagógicas renovadoras emergentes y su proyección en la transformación de la escuela española.

Gestación del Museo Pedagógico Nacional

El mismo año que tenía lugar el primer Congreso Nacional Pedagógico en España y, vinculada al mismo, se realizaba la primera Exposición Pedagógica (Ferrer, 1882), siendo ministro de Fomento el liberal José Luis Albareda y Director General de Instrucción Pública Juan Facundo Riaño (Giner, 1927) se llevaba a cabo la creación oficial, por Real Decreto de 6 de mayo de 1882 (*Gaceta* del 7 de mayo), el denominado, inicialmente, *Museo de Instrucción Primaria* de Madrid.

El Gobierno justificaba su creación, en la exposición de motivos de dicha norma, en la necesidad de acometer las reformas para “mejorar las condiciones de la primera enseñanza” que reclamaban las sociedades modernas. Con no pocas cautelas, las autoridades expresaban su esperanza de que el Museo llegara a convertirse en “un núcleo de ilustración” que generara “grandísimas ventajas”. La elección de una entidad de esta naturaleza para responder a los desafíos existentes evidenciaba el reconocimiento gubernamental al desarrollo y la trayectoria que los museos pedagógicos emergentes venían experimentando en el concierto internacional, desde su progresiva gestación a partir de los inicios de la segunda mitad del siglo XIX, a sus potencialidades para transformar la realidad y modelar el futuro (Lawn, 2009).

Siguiendo la estela de tales museos la norma establecía que el Museo contendría: modelos, proyectos, planos y dibujos de establecimientos españoles y extranjeros de primera enseñanza, mobiliario y menaje escolar, material científico para la enseñanza, colecciones de

objetos para las lecciones de cosas, dones de Froebel –autor, cuyas teorías pedagógicas constituyeron una de las señas de identidad más destacadas de la ILE (Otero, 2012: 442)–, juegos y una biblioteca de instrucción primaria. Entre sus funciones principales tendría las de publicar catálogos de los libros y objetos adquiridos, organizar conferencias, ser centro facultativo, contar con exposiciones, dar a conocer los objetos expuestos a los visitantes o ensayar la reproducción de aparatos y material de enseñanza. El Museo de Instrucción Primaria quedaba constituido como un organismo autónomo, de carácter técnico, con dependencia directa de la Dirección general de Instrucción primaria (Moreno, 2012).

La promulgación unos meses más tarde de la norma que establecía el reglamento del Museo, por Real Orden de 8 de julio de 1882 (*Gaceta* del 6 agosto), le daba la oportunidad a la administración educativa de seguir profundizando en la configuración del nuevo organismo. Por un lado, le permitía completar o matizar las funciones iniciales asignadas al mismo, que continuarían desarrollándose y ampliándose con el transcurso del tiempo y, por otro, fijar los deberes atribuidos a su personal técnico, limitado inicialmente a las figuras de director y secretario, así como a regular el sistema de acceso a tales cargos.

Una de las aportaciones más novedosas ofrecidas por el reglamento, en cuanto a los cometidos del mismo, consistía en el valor atribuido a la cultura material, a los objetos existentes en el Museo, como medio para dar a conocer el estado de la primera enseñanza en España y las demás naciones, así como “los adelantos que ofrece el progreso de la pedagogía”. Al Museo se le asignaba una función eminentemente técnica, que trascendía el contexto español, como era la atención destacada al estudio de los avances pedagógicos experimentados en otras naciones, que pudieran servir de referencia para la introducción de posibles innovaciones educativas futuras en nuestro país.

Asimismo, el reglamento establecía las atribuciones y las funciones asignadas a ambos cargos y detallaba el procedimiento a seguir para su selección. Por los cometidos esencialmente pedagógicos a desempeñar por su personal directivo, lejos de quedar reducidos a la condición de meros conservadores de objetos o la asunción de actividades administrativas, debía tener un carácter técnico y facultativo. Su nombramiento se llevaría a cabo mediante una convocatoria pública de oposición que venía a reforzar tanto la autonomía como la autoridad técnica y científica del nuevo organismo (García, 1985: 59-60).

Las oposiciones para cubrir las plazas de director y secretario fueron convocadas en agosto de 1882, celebrándose las primeras, a la dirección, a finales de 1883 y las segundas, a la secretaría, en julio de 1884. Dichos cargos fueron desempeñados interinamente, en un primer momento, respectivamente, por Pedro de Alcántara García y Manuel Serrano Marqués, hasta la toma de posesión, tras la superación de tales oposiciones, por dos personas tan significadas, vinculadas a la Institución Libre de Enseñanza como eran Manuel Bartolomé Cossío (1857-1935) y Ricardo Rubio Álvarez (1856-1935). Cossío, discípulo y continuador de la obra impulsada por Giner de los Ríos, llegaría a ser, además de director del Museo Pedagógico, el primer catedrático de pedagogía de la universidad española en 1904, consejero de instrucción pública en 1921 y presidente del Patronato de Misiones Pedagógicas en 1931. Cossío, que probablemente pueda ser considerado el pedagogo español más emblemático desde la fundación de la Institución a la II República, fue la persona en la que Giner depositó su confianza para llevar a cabo este proyecto.

Figura 1. Ricardo Rubio Álvarez, Francisco Giner de los Ríos y Manuel Bartolomé Cossío (El Pardo, Madrid, julio de 1892).



Fuente: Fundación Francisco Giner de los Ríos, Institución Libre de Enseñanza, Madrid (Moreno, 2019: 411).

Vocación de apertura internacional del Museo y el proyecto de Manuel Bartolomé Cossío

Como proponía Marc-Antonie Jullien de París, a quien algunos autores atribuían la primera idea de instituir un museo pedagógico (Pellisson, 1911: 1367), en su obra *Esquisse d'un ouvrage sur l'éducation comparée et séries de questions sur l'éducation*, publicada en 1817, para regenerar y perfeccionar la educación pública había que crear, entre otras iniciativas, una “Comisión Especial de Educación, poco numerosa, compuesta por hombres encargados de recoger (...), los materiales de un trabajo general sobre los centros escolares y los métodos de educación y de instrucción de los diferentes estados de Europa” (Jullien, 2017: 9).

La vocación transnacional de la Institución Libre de Enseñanza (ILE), promotora de la creación del Museo, constituyó un principio consustancial a su proyecto de modernización nacional. Las relaciones mantenidas por la ILE, y las entidades e iniciativas que impulsó, con los movimientos de renovación pedagógicos europeos fueron una constante (Otero, 2012a; Otero, 2020: 179-181). En el caso del Museo Pedagógico las finalidades que se le atribuían en los textos legales fundacionales, las bases que debían regir y orientar sus actuaciones y las características con las que tenían que contar las personas que optaran a dirigirlo evidenciaban que el nuevo organismo partía, desde su gestación, con una patente apertura internacional. Una de las pruebas de las que constaba la oposición al cargo de director, para el que se requería una considerable preparación en lenguas extranjeras, consistía en la presentación de una memoria que contuviera una idea acerca de los principales museos existentes, así como lo que debía ser el Museo que se pretendía dirigir.

Cossío contaba con una dilatada trayectoria de estancias en instituciones académicas foráneas y relaciones internacionales previas. Había estado becado en el Real Colegio Mayor de San Clemente de los Españoles de Bolonia, permaneciendo en Italia desde noviembre de 1879 a julio de 1880, donde establecería contactos y efectuaría visitas a destacados krausistas e instituciones educativas de Nápoles, Roma y Venecia, así como llevaría a cabo otras salidas, en 1880, con objetivos similares, a Suiza, Bélgica y Francia. Este primer tour iniciático por Europa posibilitó a Cossío una primera toma de contacto con algunos museos pedagógicos. En Suiza visitaría los de Berna y Zúrich, entrevistándose, en este segundo caso, con Köller el

director de dicho museo. En Bélgica asistiría a la inauguración del Museo Pedagógico de Bruselas el 24 de agosto de 1880, institución que tanto alabaría (Otero, 2007: 47-50). Dos años más tarde, cuando ya había ganado una oposición a la cátedra de Historia de Bellas Artes en la Escuela de Barcelona, con el propósito de preparar unas nuevas oposiciones, en este caso, a la dirección del Museo, emprendería un nuevo viaje a partir del 10 de agosto de 1882, durante cuarenta días, para conocer personalmente, y en ciertos casos visitar, algunos de los principales museos pedagógicos de Alemania, Austria, Bélgica, Francia y Suiza. Cossío tuvo la oportunidad de visitar, en esta ocasión, los museos de Leipzig que había sido creado en 1865, Viena en 1872, Zúrich en 1873, Múnich en 1875, Berlín en 1877, Berna en 1878, París en 1879, Bruselas en 1880 o Dresde en 1881 (Otero, 2012b). Un año más tarde, en 1883, con anterioridad a la celebración de las oposiciones a la dirección del Museo, aún tendría la oportunidad de efectuar un tercer viaje y conocer, en compañía de Giner de los Ríos, el Museo Pedagógico Municipal de Lisboa que acababa de inaugurarse. Al frente del mismo estaba Adolfo Coelho, con quien compartiría afinidades pedagógicas y reformistas y mantendría una relación epistolar estable e intercambio de publicaciones durante los años siguientes (Mogarro, 2003: 88; Otero, 2004). Las impresiones del viaje efectuado por los museos pedagógicos de Europa, en el verano de 1882, no fueron, en realidad, muy positivas. Cossío dejaría constancia de ello en sus anotaciones personales indicando que:

casi ningún museo de los que he visto, tiene bien definido su fin y sabe a donde va y lo que debe y lo que no debe hacer y hasta donde se puede extender y hasta donde no y quedan la mayoría de ellos infructuosos (Cit. en Otero, 2008: 84).

No obstante, tras su regreso, afirmaba estar “muy contento. Traigo datos y es exacto de lo que son, y lo que deben ser. Nada llega en los que he visto a la idea del proyecto español” (Cit. por Otero, 2008: 94).

Las líneas programáticas de lo que el Museo debía ser fueron dadas a conocer por Cossío, unos meses más tarde de su toma de posesión al frente del mismo, en la Conferencia Internacional de Educación celebrada en Londres del 4 al 9 de agosto de 1884. En su intervención, que constituía la presentación pública internacional del Museo, destacaría las claves principales para comprender las finalidades, orientaciones y alcance del nuevo organismo. El recién nombrado director afirmaría que pretendía que fuera un Museo pedagógico, no un Museo escolar, cuyo objetivo principal era, ante todo, colaborar en la formación de los maestros. Para Cossío, la transformación gradual de la primera enseñanza en España tenía que sustentarse en la competencia profesional del magisterio, tanto del que educaba a los niños, como de aquel responsable de capacitar a los futuros maestros en las escuelas normales. El Museo pretendía influir, igualmente, en la modernización de las condiciones materiales de la escuela, los locales y las construcciones escolares, el mobiliario escolar o el material de enseñanza. Asimismo, dispondría de una biblioteca pedagógica, publicaría una revista pedagógica, establecería relaciones con los gobiernos de otros países para propiciar el intercambio de publicaciones y materiales, conocer el estado de las escuelas españolas y las del extranjero recurriendo para ello a las visitas y los viajes de su personal. Cossío apostillaría, en su intervención en la Conferencia londinense, que el Museo estaba llamado a ser “the door for introducing into de country the various advances in elementary education made by other nations” (Cossío, 1884: 593).

Figura 2: Manuel Bartolomé Cossío en Londres, agosto de 1884. Fotografía de Goodfellow.



Fuente: Fundación Francisco Giner de los Ríos, Institución Libre de Enseñanza, Madrid (Guerrero, 2016: 55).

La esencia aperturista atribuida por Cossío al Museo, para contribuir a la recepción y difusión de los avances de la pedagogía coetánea internacional en España, fue una constante en su pensamiento pedagógico (Esteban, 1975). En una conferencia pronunciada quince años después, en la Asamblea Nacional de Productores (Zaragoza, 1899), titulada “Sobre reforma de la educación nacional”, se expresaría en la misma línea afirmando:

para toda reforma, interna o externa, en programas, planes, métodos, organización, etc., no debe haber más que una fórmula: hacer lo que hacen otros pueblos. Es inútil y ridículo meternos a inventar el termómetro. Nuestra gran falta consiste en habernos quedado fuera del movimiento general del mundo y nuestra única salvación está en entrar en esa corriente y en hacer lo mismo que hacen las demás naciones. Somos en enseñanza, como en casi todo lo demás, una excepción y hay que dejar de serlo (Cossío, 1966: 182-183).

Así pues, la vocación aperturista internacional del regeneracionismo español, de la corriente impulsada por los miembros de la ILE, sería una constante presente tanto en sus ideales como en las actuaciones desarrolladas por el Museo Pedagógico Nacional, así como las relaciones mantenidas, a lo largo de su existencia, con los museos pedagógicos de otros países que sigue estando pendiente de estudio.

El Museo Pedagógico Nacional y la renovación educativa en España

A lo largo de las diferentes etapas y vicisitudes experimentadas a lo largo de sus casi sesenta años de existencia (García, 1985: 55), el Museo se caracterizó por ser un organismo vivo y dinámico, un centro de investigación y enseñanza, una puerta abierta a la recepción,

estudio y difusión de las innovaciones educativas internacionales, que contribuyeron a la renovación y la modernización de la educación primaria y la pedagogía española.

Formación docente

Para Cossío, la transformación de la enseñanza primaria en España pasaba por la dignificación del magisterio. Un profesorado que debía contar con una retribución apropiada y una amplia y profunda formación cultural, profesional y pedagógica. La misión principal del Museo, en estas lides, consistía en cooperar, con las escuelas normales, en la formación y la actualización pedagógica de los docentes. Con tal fin, desde el inicio de sus actividades en 1884, promovió cursos y conferencias sobre cultura general y pedagogía general y especial. Iniciativas que se verían reforzadas a partir de 1894 con la creación de dos laboratorios, cuya denominación evidenciaba el propósito de convertirlos en espacios de experimentación, innovación y formación, que se anticipaban a la creación de los institutos pedagógicos en Europa (García, 1987).

El laboratorio de Antropometría y Psicología Experimental, también llamado de Antropología Pedagógica o de Antropología y Psicología Pedagógica, el primero de este género creado en España, al frente del cual estaría Luis Simarro, impulsaría la construcción de un conocimiento pedagógico sobre bases nuevas. Desde el mismo se promovería la realización de cursos de antropometría y psicometría, psicología fisiológica, psicología pedagógica, antropología pedagógica o psicología experimental. La acción del Museo en general, y de este laboratorio en particular, desempeñó un papel fundamental en el desarrollo de la investigación, entre otros, en los campos de la psicología pedagógica, la padiología, la higiene escolar o la antropometría pedagógica. Unas parcelas de investigación que también serían cultivadas por responsables del Museo tan relevantes, al igual que posteriormente lo serían en la política educativa republicana, como Lorenzo Luzuriaga o Domingo Barnés Salinas (Moreno, 2019: 412-413).

El segundo de los laboratorios creados, el de Física y Química, ejercería una influencia notable en la modernización de la enseñanza de las ciencias en España, tanto por los cursos de formación impartidos de estrategias experimentales y de laboratorio, como por convertirse en un centro de referencia por sus orientaciones pedagógicas renovadoras. Las tres personas responsables de la enseñanza de este ámbito disciplinar en el Museo, Ricardo Rubio de Botánica, y Francisco Quiroga y Edmundo Lozano de Química, también se ocuparían de los problemas centrales que presentaban la enseñanza de las ciencias y la formación del profesorado de los distintos niveles educativos (Bernal, 2001: 63-99).

La entidad de la actividad docente desarrollada por el Museo pronto fue reconocida y apreciada tanto dentro (Posada, 1904) como fuera de las fronteras del país (Buisson, 1887: 1986-1987; Monroe, 1896: 390; Romano, 1897: 21-29; Melon, 1898: 102). Unas iniciativas que se incrementaron a partir de 1911 tanto por el aumento de la oferta formativa propia, como por su colaboración con organismos tales como el Museo de Ciencias Naturales, la Escuela de Estudios Superiores del Magisterio, la Residencia de Estudiantes o la Junta para Ampliación de Estudios. Tales iniciativas comenzarían a reducirse a finales de la segunda década del siglo XX y sus laboratorios desaparecerían. Tras la reorganización experimentada por el Museo en el período republicano, la formación docente perduraría aunque pasaría a ser meramente testimonial (García, 1985: 115).

Los cursos fueron impartidos por personal del propio Museo, profesorado de la ILE, de la Universidad de Madrid o del cuerpo de inspectores de primera enseñanza. Para las conferencias se contó con personalidades del mundo de la ciencia, la cultura y la política como Francisco Giner de los Ríos, José Ortega y Gasset, Américo Castro, Carlos Navarro y Rodrigo, Juan Facundo Riaño, Emilia Pardo Bazán o Juan Valera, así como

reputados pedagogos y psicopedagogos europeos, entre los que cabe mencionar a Alexis Sluys, fundador de la Escuela Modelo de Bruselas, o Édouard Claparède, promotor del Instituto Juan Jacobo Rousseau de Ginebra.

La acción formativa del museo alcanzaría a docentes de diferentes niveles educativos, principalmente de Madrid, a comisionados por sus municipios o diputaciones, al alumnado de las escuelas normales y de la Escuela Normal Central, a intelectuales, universitarios y público en general. Testimonios de estudiantes llegados de provincias a Madrid para completar su formación en la Escuela Normal Central, como sería el caso de Félix Martí Alpera (1875-1946) el curso 1894-95, dejarían constancia de las huella originada por los cursos y las conferencias promovidos por el Museo ofrecidas, por ejemplo, por Luis Simarro, Rafael Altamira o Emilia Pardo Bazán, de las visitas culturales realizadas, con Cossío o Rubio, a museos madrileños como el Prado, las “excursiones artísticas” a ciudades como Segovia, Guadalajara, El Escorial o Toledo, los desplazamientos a entornos naturales, las “excursiones geológicas” o la admiración despertada por Cossío (Martí, 2011: 127-139).

Renovación del mobiliario escolar y el material de enseñanza

Ubicado en sus inicios, provisionalmente, en un corredor y dos salas de la Escuela de Veterinaria de la Universidad Central de Madrid, el Museo recibiría un nuevo impulso tras su ubicación definitiva, en 1886, en la Escuela Normal Central de Maestros. Sus salas evidenciaban la atención prestada a la renovación de las condiciones materiales de la escuela. En ellas se exponía mobiliario escolar y material de enseñanza entre el que cabe destacar, al menos en sus primeros años, el correspondiente a ciencias naturales y geografía, entre otras, de las casas Fischer, Reimer y Chun de Berlín, Meinhold de Dresde o Suzanne y Delagrave de París, colecciones de trabajos manuales de la Escuela sueca de Nääs, trabajos caligráficos, bordados, etc. El mobiliario y el material procedían, en parte, de la Exposición pedagógica del Congreso Nacional Pedagógico de 1882, así como de adquisiciones y donaciones de editores, comerciantes, industriales, particulares, establecimientos de enseñanza y organismos oficiales nacionales y extranjeros (Cossío, 1887b: 249-257).

Figura 3: Sala del Museo Pedagógico Nacional. Madrid, 1909.



Fuente: (Institución Libre de Enseñanza, 1985: 15).

El Museo Pedagógico prestó, desde su gestación, como hiciera el propio Cossío en sus viajes, una atención destacada al mobiliario escolar, convirtiéndose en el centro de referencia en este campo en España. Contribuyó a la introducción de las innovaciones higiénicas y pedagógicas internacionales en nuestras instituciones educativas. El diseño y construcción de diferentes modalidades de mobiliario escolar convirtió al Museo en un centro de experimentación en estas lides. Asimismo, su condición como organismo consultor técnico tendría, en este caso, consecuencias político-administrativas. El dictamen solicitado por la Dirección General de Primera Enseñanza sobre mobiliario escolar, que daría lugar a la redacción del *Informe técnico sobre moblaje y decoración escolares*, de 23 de abril de 1913, sería asumido y promulgado por el Ministerio, por Real Orden 30 de junio de 1913 (*Gaceta* del 11 de julio), estableciendo las pautas a las que tenía que atenerse el mobiliario escolar. La norma convertía a la mesa-banco del Museo Pedagógico, de hecho, en el modelo oficial de pupitre de las escuelas españolas (Moreno, 2005: 76-77).

Figura 4: Modelo de mesa-banco escolar bipersonal diseñado por el Museo Pedagógico.



Fuente: (Ministerio, 1913, Moreno, 2006: 804).

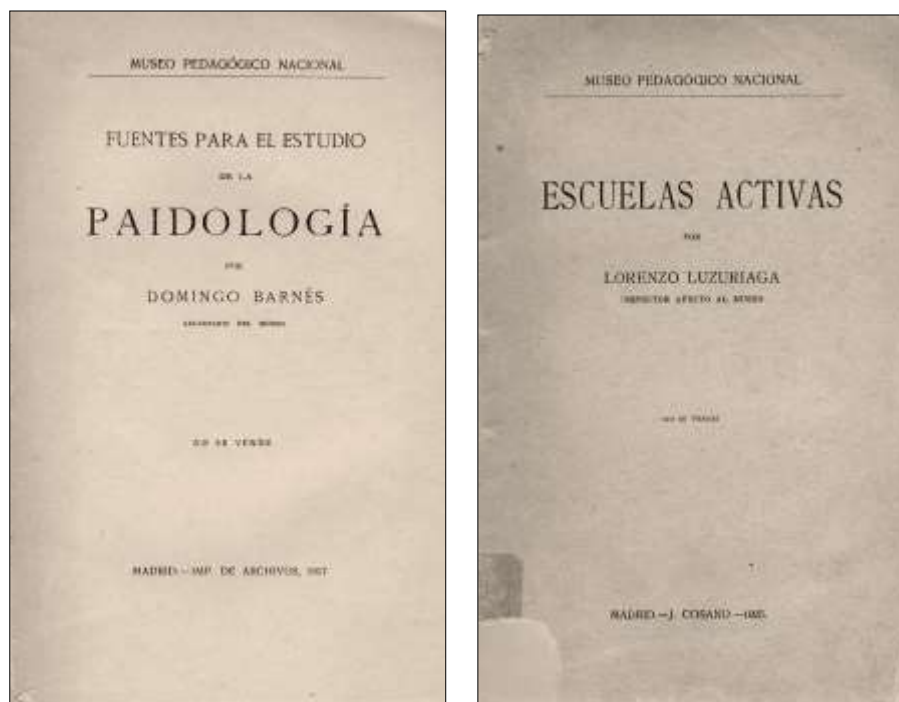
El Museo Pedagógico también prestó al material de enseñanza una atención especial en consonancia con las ideas formuladas por Cossío de lograr un material construido y vivificado por el maestro (Moreno, 2016: 415). La acción del Museo discurrió, en este caso, por unas vías similares a las del mobiliario escolar. No se limitó a la exposición de las novedades distribuidas por las editoriales y las casas comerciales, sino que pretendió analizar su utilidad pedagógica e influir en la industria para mejorar los procesos de producción. El Museo pretendía ser un centro de experimentación de material de enseñanza (Cossío, 1887b: 253-254 y 260). Tras la remodelación llevada a cabo en la Segunda República, con la promulgación del nuevo reglamento de 1932, esta parcela de actuación se vería reforzada dedicando dos de las tres secciones creadas por aquel entonces a material escolar, a cargo de la profesora de la Escuela Normal de Segovia Regina Lago, y a didáctica al frente de la cual estaría el inspector de primera enseñanza de Madrid Vicente Valls (García, 1985: 184).

Centro de información, estudio y difusión pedagógica

El Museo se convirtió en el centro de información pedagógica más importante del país. Su biblioteca contaría con dos servicios, la sala de lectura y la biblioteca general circulante, a los que en la segunda década del siglo XX se sumaría otro servicio circulante para niños. Entre 1886 y 1901, el número de libros tuvo un incremento medio anual de unos

800 volúmenes, llegando a alcanzar en 1911, las cifras de 16.225 volúmenes y 12.870 folletos. Los fondos de la biblioteca, nutridos inicialmente de bibliografía básicamente extranjera, contaron con tratados pedagógicos, textos dirigidos a la formación del profesorado, así como con un nutrido elenco de publicaciones periódicas de carácter general y pedagógico editadas en Hispanoamérica –Argentina, Chile, Cuba o Uruguay–, Estados Unidos y Europa –Alemania, Bélgica, Francia, Italia, Portugal y Reino Unido– (Cossío, 1915: 198-201). A excepción de la Biblioteca Nacional, la biblioteca del Museo Pedagógico era en Madrid la que atraía al mayor y más diverso número de lectores españoles y extranjeros, principalmente estudiantes de la Universidad Central, las escuelas normales, la Escuela Superior del Magisterio, profesores u opositores a cuerpos docentes, con un número medio de consultas diarias, a lo largo de la segunda década del pasado siglo XX, superior a las doscientas. Sus fondos se darían a conocer mediante la publicación, por parte del propio Museo, de la serie *Bibliografía y material de enseñanza*, editada, en su práctica totalidad, entre 1913 y 1927. La biblioteca sería el único servicio del Museo que perduraría a lo largo de toda su existencia. La labor de asesoramiento del Museo también se manifestaría en el terreno de la lectura mediante su colaboración en la selección de las obras destinadas a dotar las bibliotecas escolares, las bibliotecas circulantes para niños y las bibliotecas populares distribuidas por el Patronato de Misiones Pedagógicas (García, 1985: 126-132).

El Museo también fue un centro de estudio y difusión pedagógico. En lugar de publicar el *Boletín Pedagógico* previsto, inicialmente, optó por promover la elaboración de una serie de monografías siguiendo el tipo de las *Mémoires et Documents Scolaires* del Museo Pedagógico de París, las *Circulars of Information* de la Secretaría de Educación de Washington o los *Special Reports* del Comité de Educación de Londres. Llevaría a cabo una destacada labor editorial propia que se extendería desde sus inicios en 1884 hasta 1934. Además de la serie *Bibliografía y material de enseñanza* mencionada, compuesta por nueve títulos, y aquella otra referida a las *colonias escolares* que abarcaría una treintena de folletos, las memorias de las iniciativas de esta índole promovidas por el Museo, que las había introducido y contribuido a su configuración y promoción en nuestro país (Moreno, 2009: 137-143), también publicaría casi medio centenar de títulos. Un primer grupo de textos correspondía a estudios efectuados por Domingo Barnés, Manuel B. Cossío, José Castillejo, Lorenzo Luzuriaga, Ricardo Rubio o traducciones de autores, como Friederich Paulsen, Andrew F. West y Edward D. Perry, sobre los sistemas y los diferentes niveles educativos, estadísticas internacionales, la enseñanza y el movimiento de renovación pedagógica –la educación nueva, la escuela activa, etc.– en el mundo, especialmente, en Hispanoamérica, Alemania, Austria, Bélgica, Francia, Holanda, Portugal, Reino Unido o Suiza. Un segundo grupo de obras incluía propuestas metodológicas innovadoras para la enseñanza de la historia, la botánica, la física o la química, a cargo de autores como Rafael Altamira, Ricardo Rubio, Ignacio González, Ramiro Suárez o Edmundo Lozano. A su vez, editaría informes sobre la educación en España, material de enseñanza, mobiliario escolar, estudios sobre la historia de la educación, paidología, antropometría, formación del profesorado, centros especiales, Misiones Pedagógicas, bibliotecas escolares, conferencias impartidas por Rafael Altamira, Pedro Blanco, Manuel B. Cossío, Lorenzo Luzuriaga, Heinrich Morf o Emilia Pardo Bazán, o documentos oficiales del Museo. Los trabajos de investigación impulsados por el Museo Pedagógico Nacional y la producción editorial consiguiente evidencia el destacado papel que desempeñó en la recepción, el estudio y la difusión de las corrientes pedagógicas renovadoras internacionales, así como el esfuerzo desplegado para contribuir a la modernización de la educación en España.

Figura 5: Cubiertas de dos publicaciones del Museo Pedagógico Nacional.

Fuente: obras de D. Barnés (1917). *Fuentes para el estudio de la Paidología* (Madrid: Imp. de Archivos) y L. Luzuriaga (1925). *Escuelas activas* (Madrid: J. Cosano).

A modo de conclusión

El Museo Pedagógico Nacional constituyó, en suma, un centro de alta cultura pedagógica, una institución que desarrolló una labor crucial de mediación entre la detección y recepción de las nuevas corrientes pedagógicas, su introducción y adaptación, en su caso, a la escuela española y su propagación entre el profesorado. A través de sus actividades docentes e investigadoras impulsó la generación de una pedagogía científica y la renovación de los métodos de enseñanza, de acuerdo con las tendencias psicológicas y paidológicas y los avances experimentados por la fisiología, la higiene, la medicina o la sociología contemporáneas. No fue una entidad limitada a la exposición de colecciones de objetos inertes, sino un centro de ensayo y renovación de mobiliario escolar y material de enseñanza que reflexionaba sobre su utilidad pedagógica e influía en las industrias culturales dedicadas a la producción del equipamiento escolar. Sus informes técnicos tendrían consecuencias normativas y prácticas para la transformación de nuestras instituciones educativas. No sólo fue el centro de información pedagógica más importante del país, sino una plataforma para la gestación y difusión de estudios tanto sobre algunos de los sistemas educativos más relevantes del mundo, los movimientos de renovación pedagógica internacional, así como de la realidad española. El Museo Pedagógico Nacional, que representaba el primer baluarte de la Institución Libre de Enseñanza y ejercería una influencia muy destacada en la modernización de la escuela y la educación española, tras una etapa de declive que se intentaría superar con la remodelación impulsada durante la Segunda República, sería suprimido por el régimen franquista en 1941.

Referencias

BERNAL MARTÍNEZ, J. M. (2001). *Renovación Pedagógica y Enseñanza de las Ciencias. Medio siglo de propuestas y experiencias escolares (1882-1936)*. Madrid: Biblioteca Nueva.

BUISSON, F. (Dir.) (1887), *Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire*. Paris: Librairie Hachette, 2 Vols.

COSSÍO (1884). Some account of the Educational Museum of Spain. En R. Cowper (Ed.), *Proceedings of the International Conference of Education. London, 1884* (pp. 590-598). London: William Clowes and sons, Limited. vol. II. (Texto publicado en español en Cossío, M. B. (1887a). El Museo Pedagógico de Madrid. En *Anuario de Primera Enseñanza correspondiente a 1886* (pp. 235-245). Madrid: Imprenta del Colegio Nacional de sordomudos y de ciegos).

COSSÍO, M. B. (1887b). Memoria sobre los trabajos del Museo 1882-1886. En *Anuario de Primera Enseñanza correspondiente a 1886* (pp. 247-266). Madrid: Imprenta del Colegio Nacional de sordomudos y de ciegos.

COSSÍO, M. B. (1915). *La enseñanza primaria en España*. Segunda edición renovada por Lorenzo Luzuriaga. Madrid: Museo Pedagógico Nacional.

COSSÍO, M. B. (1966). Sobre reforma de la educación nacional. En M. B. Cossío, *De su Jornada* (pp. 181-190). Madrid: Aguilar.

ESTEBAN MATEO, L. (1975). Cossío, el «Museo Pedagógico Nacional» y su actitud comparativista europea. En *Homenaje al Dr. D. Juan Reglà Campistol* (pp. 391-403). Valencia: Universidad de Valencia. Facultad de Filosofía y Letras, vol. II.

FERRER Y RIVERO, P. (1882). Revista de la Exposición pedagógica celebrada en Madrid en junio de 1882 por iniciativa de El Fomento de las Artes. En *Congreso nacional pedagógico* (pp. 421-450). Madrid: Librería de G. Hernando.

GARCÍA DEL DUJO, A. (1985). *Museo Pedagógico Nacional (1882-1941). Teoría educativa y desarrollo histórico*. Salamanca: ediciones de la Universidad de Salamanca.

GARCÍA DEL DUJO, A. (1987). El Museo Pedagógico Nacional y la formación del profesorado. En J. Ruiz Berrio, A. Tiana Ferrer y O. Negrín Fajardo (Eds.), *Un educador para un pueblo. Manuel B. Cossío y la renovación pedagógica institucionista* (pp. 149-175). Madrid: UNED.

GINER DE LOS RÍOS, F. (1927). Riaño y la Institución Libre. En F. Giner de los Ríos, *Obras completas. Ensayos menores sobre educación y enseñanza* (pp. 59-66). Madrid: Espasa Calpe, t. I.

GUERRERO, S. (Ed.) (2016). *El arte de saber ver. Manuel B. Cossío, la Institución Libre de Enseñanza y el Greco*. Madrid: Fundación Francisco Giner de los Ríos [Institución Libre de Enseñanza] / Acción Cultural Española.

INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA (1985). *Manuel B. Cossío y el Museo Pedagógico: [exposición]*. Madrid: Institución Libre de Enseñanza, Fundación Francisco Giner de los Ríos, Consejería de Educación de la Comunidad de Madrid.

JULLIEN DE PARÍS, M. A. (2017). *Esbozo de una obra sobre educación comparada y series de preguntas sobre Educación*. Edición y estudio introductorio de L. M.^a Naya Garmendia. Madrid: Delta.

LAWN, M. (Ed.) (2009). *Modelling the Future. Exhibitions and the Materiality of Education*. Oxford: Symposium Books. DOI: <https://doi.org/10.15730/books.71>.

MARTÍ ALPERA, F. (2011). *Memorias*. Edición y estudio introductorio de Pedro L. Moreno Martínez. Murcia: edit.um. Ediciones de la Universidad de Murcia.

MELON, P. (1898). *L'Enseignement Supérieur en Espagne*. Paris: Armand Collin.

MINISTERIO DE INSTRUCCIÓN PÚBLICA Y BELLAS ARTES (1913). *Material escolar. Dictamen técnico e instrucciones*. Madrid: Sucesores de Rivadeneyra.

MOGARRO, M. J. (2003). Os museus pedagógicos em Portugal: história e actualidade. En V. Peña Saavedra (Coord.), *I Foro Ibérico de Museísmo Pedagógico. O museísmo pedagógico en España e Portugal: itinerarios, experiencias e perspectivas*. Actas (pp. 85-107). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

MOLERO PINTADO, A. (2000). *La Institución Libre de Enseñanza. Un proyecto de reforma pedagógica*. Madrid: Biblioteca Nueva.

MONROE, W. S. (1896). *Educational Museums and Libraries of Europe*. New York: Educational Review.

MORENO MARTÍNEZ, P. L. (2005). History of School Desk Development in Terms of Hygiene and Pedagogy in Spain (1838-1936). En M. Lawn & I. Grosvenor (Eds.), *Materialities of Schooling. Design – Technology – Objects – Routines* (pp. 71-95). Oxford: Symposium Books.

MORENO MARTÍNEZ, P. L. (2006). The Hygienist Movement and the Modernization of Education in Spain. *Paedagogica Historica*, 42 (6), 793-815. DOI: <https://doi.org/10.1080/00309230600929542>.

MORENO MARTÍNEZ, P. L. (2009). De la caridad y la filantropía a la protección social del Estado: las colonias escolares de vacaciones en España (1887-1936). *Historia de la Educación*, 28, 135-159.

MORENO MARTÍNEZ, P. L. (2012). El Museo Pedagógico Nacional y la modernización educativa en España (1882-1941). En J. García Velasco y A. Morales Moya (Eds.), *La Institución Libre de Enseñanza y Francisco Giner de los Ríos: Nuevas perspectivas. 2. La Institución Libre de Enseñanza y la cultura española* (pp. 458-475). Madrid: Fundación Francisco Giner de los Ríos [Institución Libre de Enseñanza] / Acción Cultural Española, Vol. 2.

MORENO MARTÍNEZ, P. L. (2016). La modernización de la cultura material de la escuela pública en España, 1882-1936. En M. C. Menezes (Org.), *Desafios Iberoamericanos: o Patrimônio Histórico-Educativo em Rede* (pp. 393-438). São Paulo: CME/FEUSP – CIVILIS/FE/UNICAMP RIDPHE.

MORENO MARTÍNEZ, P. L. (2019). El Museo Pedagógico Nacional. Un laboratorio para la formación del magisterio. En B. Alarcó (Coord.), *La Nueva Educación. En el centenario del Instituto-Escuela* (pp. 408-415). Madrid: Fundación Francisco Giner de los Ríos [Institución Libre de Enseñanza] / Acción Cultural Española.

OTERO URTAZA, E. (2004). Adolfo Coelho: as súas relacións pedagóxicas e intercambio de ideas con Francisco Giner e Manuel B. Cossío. En *Investigación e innovación na Escola Universitaria de Formación del Profesorado de Lugo* (pp. 269-288). Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.

OTERO URTAZA, E. (2007). Las primeras expediciones de maestros de la Junta para Ampliación de Estudios y sus antecedentes: los viajes de Cossío entre 1880 y 1889. *Revista de Educación*, núm. Extraordinario, 45-66.

OTERO URTAZA, E. (2008). El viaje de Manuel Bartolomé Cossío por los Museos Pedagógicos de Europa en 1882. En *I Encontro Iberoamericano de Museos Pedagógicos e Museólogos da Educación. Santiago de Compostela, 20 ao 22 de febreiro de 2008. Actas* (pp. 73-97). Santiago de Compostela: Museo Pedagógico de Galicia.

OTERO URTAZA, E. (2012a). La relación de la Institución Libre de Enseñanza con los movimientos pedagógicos europeos. En J. García Velasco y A. Morales Moya (Eds.), *La Institución Libre de Enseñanza y Francisco Giner de los Ríos: Nuevas perspectivas. 2. La Institución Libre de Enseñanza y la cultura española* (pp. 437-457). Madrid: Fundación Francisco Giner de los Ríos [Institución Libre de Enseñanza] / Acción Cultural Española, Vol. 2.

OTERO URTAZA, E. (2012b). Manuel B. Cossío's 1882 tour of European education museums. *Paedagogica Historica*, 48 (2), 197-213.

OTERO URTAZA, E. (2020). Las relaciones transnacionales en la creación del Museo Pedagógico de Madrid (1879-1889). En A. Barausse; T. de Freitas Ermel y V. Viola (Eds.), *Prospettive incrociate sul Patrimonio Storico Educativo* (pp. 179-202). Lecce/Rovato: Pensa MultiMedia. DOI: <https://doi.org/10.1080/00309230.2010.542763>.

PELLISSON, M. (1911). Musées Pédagogiques. En F. Buisson (Dir.), *Nouveau dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire* (pp. 1367-1376). Paris: Librairie Hachette, 2 Vols., 2ª ed.

POSADA, A. (1904). El Museo Pedagógico Nacional. *Nuestro Tiempo*, 2, 74-87.

ROMANO, P. (1897). *Il Museo Pedagogico Nazionale di Madrid e l'insegnamento della Pedagogia in Italia*. Torino: G. B. Paravia.

VIÑAO, A. (2004). *Escuela para todos. Educación y modernidad en la España del siglo XX*. Madrid: Marcial Pons.



O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa (Portugal, 1883-1933): Percurso e significado de uma instituição renovadora¹

The Municipal Educational Museum of Lisbon (Portugal, 1883-1933): Journey and meaning of a renewing institution

El Museo Pedagógico Municipal de Lisboa (Portugal, 1883-1933): Itinerario y significado de una institución renovadora

Maria João Mogarro
Universidade de Lisboa (Portugal)
<https://orcid.org/0000-0002-5841-9280>
mjmogarro@ie.ulisboa.pt

Resumo

O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa foi inaugurado em 1 de julho de 1883, inscrevendo-se num movimento internacional de afirmação de instituições semelhantes. Adolfo Coelho dirigiu o Museu e teve um papel fundamental na sua organização; ele concebeu a sua estrutura e selecionou e comprou os seus materiais e livros. O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa, a partir de 1892 designado Museu Pedagógico de Lisboa, ilustrava bem as concepções pedagógicas e as orientações para uma renovação do ensino que marcavam o discurso pedagógico da época. Ele integrava-se na corrente internacional da moderna pedagogia, que considerava os museus pedagógicos como dispositivos fundamentais para o estudo da educação e do ensino e para a formação profissional dos professores. A reconstituição da sua biblioteca confirma o lugar do Museu na rede transnacional de circulação das ideias, nela se encontrando obras de autores de referência da pedagogia mundial, publicadas em diversas línguas.

Palavras-chave: Museu pedagógico. Circulação de modelos pedagógicos. Cultura material escolar.

¹ No presente texto, atualizamos publicações anteriores que desenvolvemos sobre o tema, nomeadamente em colaboração com outros autores (Mogarro, 2003, 2010, 2013a, 2013b, 2020; Mogarro & Namora, 2013; Mogarro & Sanches, 2009; Toledo & Mogarro, 2011; Sanches, 2010). Particularmente o texto retoma, em grande parte, as ideias apresentadas em Mogarro, M. J. (2020). O Museu pedagógico de Lisboa num tempo de modernização educativa e de circulação transnacional de ideias. In A. Barausse, T. F. Ermel, V. Viola (Ed.). *Prospettive incrociate sul Patrimonio Storico Educativo / Perspectivas cruzadas sobre o Patrimonio Histórico Educativo / Perspectivas entrelazadas en el Patrimonio Histórico Educativo* (pp. 151-178). Lecce, Rovato: Pensa MultiMedia Editore. Trata-se de coletânea publicada na Itália na forma de livro.

Abstract

The Municipal Pedagogical Museum of Lisbon was inaugurated on July 1, 1883, as part of an international movement for the affirmation of similar institutions. Adolfo Coelho managed the Museum and played a key role in its organization; he designed its structure and selected and bought its materials and books. The Municipal Pedagogical Museum of Lisbon, from 1892 designated the Pedagogical Museum of Lisbon, illustrated well the pedagogical conceptions and the orientations for a renovation of the teaching that marked the pedagogical discourse of the time. It was part of the international current of modern pedagogy, which considered pedagogical museums as fundamental devices for the study of education and teaching and for the professional training of teachers. The reconstitution of its library confirms the Museum's place in the transnational network of ideas circulation, containing works by renowned authors of world pedagogy, published in several languages.

Keywords: Pedagogical museum. Circulation of pedagogical models. School culture.

Resumen

El Museo Pedagógico Municipal de Lisboa fue inaugurado el 1 de julio de 1883, como parte de un movimiento internacional de afirmación de instituciones similares. Adolfo Coelho dirigió el Museo y jugó un papel clave en su organización; él diseñó su estructura y seleccionó y compró sus materiales y libros. El Museo Pedagógico Municipal de Lisboa, designado desde 1892 Museo Pedagógico de Lisboa, ilustra bien las concepciones pedagógicas y las orientaciones para una renovación de la enseñanza que marcó el discurso pedagógico de la época. Formaba parte de la corriente internacional de la pedagogía moderna, que consideraba a los museos pedagógicos como dispositivos fundamentales para el estudio de la educación y la docencia y para la formación profesional de los docentes. La reconstitución de su biblioteca confirma el lugar del Museo en la red transnacional de circulación de ideas, en la que se encuentran obras de autores de referencia de la pedagogía mundial, publicadas en varios idiomas.

Palabras-clave: Museo pedagógico. Circulación de modelos pedagógicos. Cultura material escolar.

Introdução

O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa foi inaugurado em 1 de julho de 1883 e constituiu um dispositivo fundamental para a promoção do ensino ativo, inscrevendo-se a sua criação no processo de renovação educativa que uma geração de pedagogos defendia e na qual sobressaiu Francisco Adolfo Coelho. No contexto da época, a criação deste museu tem também de ser perspectivada no processo de emergência e afirmação da ciência da educação e na difusão de uma cultura pedagógica moderna. Estas ideias constituíam uma bandeira para os dirigentes do município de Lisboa, que vivia na década de 80 do século XIX um período de descentralização em matéria educativa e teve a possibilidade de tomar um conjunto notável de iniciativas ao serviço da educação – além do museu pedagógico, destacam-se a revista Froebel, o jardim infantil de inspiração froebeliana, as escolas primárias centrais e profissionais, etc. Neste processo, o Museu Pedagógico desempenhava um papel estratégico e de significativa importância.

Adolfo Coelho dirigiu e organizou o Museu Pedagógico, desde o seu início, tendo sido ele que fez a escolha de muitos materiais, de todos os livros que compuseram a sua biblioteca pedagógica e das restantes coleções do acervo. O plano organizativo e as secções que constituíam o Museu foram também concebidos por Francisco Adolfo Coelho.

O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa, a partir de 1892 designado Museu Pedagógico de Lisboa, ilustrava bem as concepções pedagógicas e as orientações para uma renovação do ensino que marcavam o discurso pedagógico da época, no universo internacional. O Museu foi uma instituição de formação, destinada aos professores e ao serviço da sua atualização profissional. Nele se realizaram cursos e adquiriu-se o material pedagógico e didático adequado aos contextos em que seria utilizado. Deste modo, o Museu Pedagógico Municipal de Lisboa integrava-se na corrente internacional da moderna pedagogia, que considerava os museus pedagógicos como instituições fundamentais para o estudo dos assuntos relacionados com a educação e o ensino e para a formação profissional dos professores. Com este museu, Lisboa colocava-se a par de outras cidades de referência, como Londres, Toronto, S. Petersburgo, Washington, Roma, Viena, Zurique, Amesterdão, Bruxelas e Paris, que tinham já os seus museus pedagógicos; por seu lado, relacionava-se mais diretamente com os museus similares de Madrid e do Rio de Janeiro. A reconstituição da sua biblioteca confirma o lugar do Museu na rede transnacional de circulação das ideias, nela se encontrando os nomes de referência da pedagogia mundial com as suas obras publicadas em várias línguas (francês, português, inglês, alemão, castelhano).

1. O papel de Francisco Adolfo Coelho no processo de construção da modernidade pedagógica

A identidade do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa está indissociavelmente marcada pela personalidade que esteve na sua origem, Francisco Adolfo Coelho, que nasceu em Coimbra, em 1847, e faleceu em Carcavelos, perto de Lisboa, em 1919. Ele foi um nome de grande relevo na cultura portuguesa, durante o último quartel de oitocentos e as primeiras décadas do século XX. No entanto, a sua ação educativa mantém-se relativamente desconhecida, pois os raros estudos existentes sobre este campo da sua atividade centram-se no pensamento pedagógico que desenvolveu em obras publicadas sobre os temas de educação e ensino (Fernandes, 1973).

O lugar alcançado por Adolfo Coelho no panorama cultural português afirmou-se, principalmente, pelos seus estudos de literatura e de glotologia, das tradições populares, de antropologia, de etnografia e etnologia, campos em que era especialista e para cujo desenvolvimento contribuiu de forma decisiva. Ele introduziu em Portugal as novas ciências

sociais e foi a partir da perspectiva antropológica que abordou alguns dos problemas da educação nacional,² assumindo também um papel pioneiro na introdução das novas ideias pedagógicas no país. O reconhecimento da sua importância pelos contemporâneos é evidente. De entre os seus pares, destaca-se as palavras de Marques Leitão que escreveu, por volta de 1920:

não se torna necessário sair de casa procurando opiniões de estranhos. Os princípios que modernamente se divulgam, já foram tratados entre nós com proficiência e criteriosa investigação pelo erudito professor Dr. Francisco Adolfo Coelho (...) [e reflectiram-se na] feição organizadora da antiga escola Rodrigues Sampaio, à qual o mencionado professor deu a exemplificação prática (...) O distinto filólogo, Dr. Francisco Adolfo Coelho, faleceu a 9 de Fevereiro de 1919. O país perdeu um dos mais eruditos professores, que legou valiosíssimos estudos, que louvores mereceram de sábios estrangeiros. (pp. 27 e 30)

Ele esteve, com outros seus conterrâneos, na origem das célebres Conferências do Casino e participou com a conferência *A questão do Ensino* (1872). Francisco Adolfo Coelho viveu anteriormente uma infância marcada pelas dificuldades, após a morte do pai. Fez os seus estudos no liceu de Coimbra e matriculou-se em matemática, na universidade da mesma cidade. Desiludido com o ambiente académico, o ar inquisitorial de alguns professores, o ensino oratório e de “ornato” (a que viria a contrapor criticamente o ensino objectivo e científico da universidade alemã), abandonou os estudos universitários e definiu para si próprio um programa de formação centrado fundamentalmente em autores germânicos, tendo, para tal, aprendido a língua alemã.

Decide-se (...) pela difícil empresa de formar-se a si próprio, explorando uma atmosfera marcada pelo espírito positivo da ciência, pela inquietação intelectual e por grandes movimentos de síntese e de ecletismo a partir de Comte, de Spencer e do romantismo alemão. Regressa com frequência ao nacionalismo de finais de Setecentos como ponto de partida para a compreensão do século XIX, nomeadamente para a interpretação da crescente influência do germanismo. Racionalista, intelectualista, ao enveredar pelo autodidactismo, Adolfo Coelho adopta uma ‘educação intelectual feita ao acaso, quase sem método, além do que a própria experiência do mau êxito ensina, às apalpadelas, numa palavra.’ (Magalhães & Machado, 2003, p. 345)

As vertentes de filólogo, etnógrafo e pedagogo condensam a sua obra, vasta e multifacetada, que teve o seu suporte na busca sistemática por informação atualizada e cientificamente consolidada. Nestes três domínios, procura encontrar a explicação para a decadência nacional, assim como um caminho para o ressurgimento do país, que passava por “uma reforma das mentalidades operada a partir da acção pedagógica” (Magalhães & Machado, 2003, p. 345). É ainda neste sentido que se compreendem as suas posições sobre a total separação entre o Estado e a Igreja (combatendo a submissão do ensino às ideias religiosas) e a defesa e promoção da liberdade de pensamento.

² Ver, por exemplo, F. A. Coelho, *Os elementos tradicionais da educação*, 1883; F. A. Coelho, *A pedagogia do povo português*, 1898; e F. A. Coelho, *Cultura e analfabetismo*, 1916.

Figura 1: Francisco Adolfo Coelho

Fonte: Adolfo Coelho, Gravura, Alberto, in *O Occidente*, Lisboa 1880, vol. III, p. 184.

Francisco Adolfo Coelho foi professor no curso superior de Letras, onde ensinou Filologia Românica Comparada e Filologia Portuguesa e assistiu à sua transformação em Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Exerceu ainda actividades docentes na Escola Normal Superior de Lisboa e participou em várias comissões do ensino médio e superior. Nos intensos debates pedagógicos que ocorreram durante a sua vida, ele surgiu como um participante sempre presente, informado, crítico e cáustico, numa atividade veemente que também se refletiu nos numerosos artigos de jornal que publicou na época e nas polémicas em que se envolveu. Contudo, são as suas funções de diretor do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa e da Escola Primária Superior Rodrigues Sampaio (ambas as instituições criadas com o seu decisivo contributo e que ele manteve fortemente interligadas), que aqui destacamos.

Adolfo Coelho impôs-se na academia pelos estudos que realizou, principalmente nas áreas da filologia e da etnografia, sendo por isso proposto por um grande conjunto de intelectuais para leccionar no curso superior de Letras, apesar de não possuir um diploma universitário. O seu mérito era reconhecido pelos seus pares (com destaque para Carolina Michaelis de Vasconcelos e seu marido, Joaquim de Vasconcelos, que sempre o apoiaram) e culminaria na atribuição do diploma de doutor *honoris causa* pela Universidade de Gottingen (Alemanha), em 1888.

António Sérgio escreveu numa dedicatória de 1914, em livro que ofereceu a Adolfo Coelho, que ele era “um dos raríssimos homens de verdadeiro saber e alta honestidade intelectual que encontrou num país de charlatães” (Sá, 1978, p. 57).

2. O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa (1883-1892) e a modernização pedagógica num período de descentralização educativa

O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa foi um dispositivo importante para o processo de modernização educativa em Portugal, conjuntamente com a Escola Rodrigues Sampaio, sendo as duas instituições dirigidas por Adolfo Coelho. Ambas as instituições foram criadas no âmbito da política educativa do município de Lisboa, nos anos 80 do século XIX, no âmbito da descentralização do ensino (Mogarro, 2010, pp. 89-114).

Assumiu então maior protagonismo um projeto de desenvolvimento educativo de Teófilo Ferreira, quando este ocupou o pelouro da educação na Câmara Municipal de Lisboa e desenvolveu, com um grupo em que se destacava a figura de Adolfo Coelho, um conjunto notável de iniciativas: a *Froebel. Revista de Instrução Primária* (quinzenário

publicado em Lisboa, 24 números, entre 21 de abril de 1882 e 1884 [sem mês]); o jardim de infância da Estrela (o primeiro em Portugal, de inspiração froebeliana); a Escola Central Municipal n.º 1, uma escola graduada; o Museu Pedagógico Municipal de Lisboa; a escola primária superior Rodrigues Sampaio (masculina, de natureza profissional); e a escola Maria Pia (feminina). Estes dispositivos pedagógicos, na sua diversidade e complementaridade, foram essenciais para o processo de renovação e inovação pedagógica desenvolvida pelo município de Lisboa.

A revista *Froebel* exprime nas suas páginas as preocupações, a acção e o pensamento deste grupo de pedagogos, tendo Adolfo Coelho publicado alguns dos mais importantes textos da revista, nomeadamente artigos sobre: *Vida e obras de Frederico Froebel*, *Caixas económicas escolares*, *A instrução primária em França*, *O trabalho manual na escola primária* e *A educação técnica e a educação geral*. Os textos publicados por Adolfo Coelho revelam a filiação do seu pensamento pedagógico e dos seus pares, inscrevendo-o no movimento renovador internacional e elegendo Froebel como a sua grande referência, embora salvaguardando as necessárias adaptações ao caso português. Aliás, Froebel tinha acompanhado grande parte do percurso formativo de Adolfo Coelho, pois já na década de 1870, no Porto, havia recebido de “Carolina Michaelis indicações sobre a prática dos exercícios pedagógicos de Froebel, que o habilitaram à defesa e propagação da sua obra e dos jardins de infância” (Sá, 1978, p. 52).

O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa foi inaugurado em 1 de julho de 1883 (*Froebel*, 1883, p. 127) como o próprio Adolfo Coelho anunciou, um mês antes, no relatório que apresentou à Junta Departamental do Sul no Congresso das associações portuguesas: “O museu será aberto ao publico no 1.º do proximo mez de julho, em condições muito modestas e n’uma casa provisoria, pouco adequada, aproveitada na escola municipal n.º 6” (Coelho, 1883, p. 74), em Santa Isabel. O número acima referido da revista *Froebel* sublinha esta inauguração, incluindo também um artigo pormenorizado de Feio Terenas sobre o Museu (Terenas, 1883, pp. 121-123). A imprensa também noticiou a abertura do Museu:

Efectuou-se hontem a abertura do museu pedagogico municipal [...] Presidiu o sr. Rosa Araujo, tendo á direita o sr. Theophilo Ferreira, vereador do pelouro da instrucção e á esquerda o sr. Adolpho Coelho, director do referido museu. Aberta a sessão deu o sr. presidente a palavra ao illustre pedagogista sr. Adolpho Coelho, que n’um eloquentissimo discurso expoz os fins e a utilidade d’aquella sympathica instituição. A sua palavra autorisada foi ouvida com o maior interesse pelo numeroso publico que enchia a sala e coroada com uma calorosa salva de palmas. Grande numero de senhoras assistiu a esta brilhante e civilisadora festa, e entre os cavalheiros vimos os srs. Henrique Midosi, Silva Amado, Oliveira Feijão, Estrella Braga, Sousa Telles, Feio Terenas, Ferreira Mendes, Caetano Pinto, Branco Rodrigues, Eduardo Dias, delegado da junta escolar; Pedro Monteiro, Martins da Fonseca, Costa e Sousa, José Antonio Dias, José Miguel dos Santos, o director d’aquella escola, professores muncipaes, etc. Visitaram as salas do museu centenares de pessoas que eram unanimes em manifestar a sua admiração pela escolha e boa disposição dos productos expostos. Na sala principal do museu viam-se o material para a educação e ensino na familia, na creche, no jardim da infancia, na escola primaria elementar, complementar, nas escolas profissionaes, nos cursos de adultos e de aperfeiçoamento geral ou

industrial e nas escolas normaes; a biblioteca pedagogica, a primeira que se estabelece em Portugal, e o arquivo compreendendo trabalhos dos alumnos das escolas primarias, documentos relativos ao ensino no nosso paiz, etc. Em outra sala estavam expostos modelos de mobilia escolar, mandados vir expressamente do estrangeiro e escolhidos dos melhores catalogos dos Estados-Unidos e da Europa. Fez a guarda de honra o batalhão dos alumnos municipaes (...). A entrada é publica. (*Diário de Notícias*, 1883, p. 1)

Para Adolfo Coelho, o museu pedagógico constituía um suporte fundamental do ensino activo, inscrevendo-se a sua criação no processo de renovação educativa que ele defendia. A fundação do museu tem também de ser perspectivada no contexto da época, quando ocorria a emergência e afirmação da ciência da educação e se pretendia difundir uma cultura pedagógica moderna. Estas ideias constituíam uma bandeira para o município de Lisboa, que propugnava por uma educação popular. Neste processo, o museu desempenhava um papel instrumental de significativa importância, ao serviço da educação.

Adolfo Coelho dirigiu e organizou o museu, desde inícios de 1883, tendo sido ele que “fez escolha de muitos aparelhos, todos os livros de que se compõe a bibliotheca pedagogica, annexa ao museu” (Terenas, 1883, pp. 121-122) e restante recheio da instituição. Nas palavras de Rogério Fernandes, “destinava-se [o Museu] a apoiar os estudos educacionais e foi o primeiro estabelecimento do género a existir no país” (1973, p. 215). O plano organizativo e as secções que constituíam o Museu foram também concebidos por Francisco Adolfo Coelho.

A *Secção A* era dedicada à construção e mobília, devendo esta secção possuir plantas architectónicas, alçados e modelos de creches, jardins de infância e escolas maternas, de asilos e respectivas salas, de escolas primárias elementares e superiores, de escolas profissionais, salas de conferências populares, bibliotecas populares e escolares, museus escolares, populares e pedagógicos. Relativamente ao mobiliário, consideravam-se os modelos para a primeira infância e, genericamente, as «mobílias escolares». A organização científica deste sector reflectia a preocupação de adequar os tipos de construção e mobiliário às novas concepções sobre o ensino, que pressupunham técnicas pedagógicas e didácticas inovadoras, devendo o espaço architectónico e as mobílias corresponder, de forma lógica e harmoniosa, às preocupações educativas mais avançadas.

A *Secção B* integrava o material para a educação e o ensino. Dando atenção ao desenvolvimento ontogénico da criança, iniciava-se um verdadeiro roteiro da sua formação com a «educação e ensino antes da escola»: educação na família, na creche, no asilo, no jardim de infância. Depois, passava-se à documentação referente à educação e ao ensino especificamente escolares – na escola primária elementar e superior, ou complementar, escolas profissionais populares, cursos de adultos e de aperfeiçoamento, geral ou industrial, de ambos os sexos, Escolas Normais, contemplando neste campo objectivos didácticos especiais, tais como: leitura e escrita, ensino instrutivo geral, matemáticas, cosmografia, geografia, história natural, física e química, fisiologia e higiene, história social, tecnologia, desenho, aquarela e modelação, música, horticultura e agricultura, trabalhos manuais de ambos os sexos, ginástica e jogos de movimento. Nesta secção encontrava-se ainda documentação relativa a cursos e conferências públicas, assim como à educação e ensino de alunos portadores de deficiência (que na época surgem com a designação de gogos, surdos-mudos e idiotas, para as pessoas que se encontravam diminuídas nas suas capacidades de inteligência).

A biblioteca ocupava a *Secção C* e apresentava uma estrutura relacionada com os estudos educacionais. O primeiro campo, o da Pedagogia, iniciava-se com a sua história: os fundamentos corporizados nas obras dos clássicos da pedagogia (originais e traduções), seguindo-se depois as histórias, gerais ou especiais, da educação e ensino, as monografias referentes a pedagogistas e professores notáveis, assim como a história de instituições escolares (universidades, colégios e escolas). Os fundos bibliográficos deviam ainda compreender as bases científicas da pedagogia, incluindo obras sobre fisiologia, psicologia humana e comparada (livros dos principais psicólogos e história da psicologia), ética (obras representando as principais escolas antigas e modernas) e economia social, expressando uma perspetiva verdadeiramente inovadora de inclusão desta disciplina no campo das ciências educacionais. A biblioteca comportava também um conjunto de obras relativas à pedagogia sistemática, geral e especial, teórica e prática, assim como obras contemporâneas (não sistemáticas) sobre a educação e o ensino; era ainda contemplada a organização do ensino e da educação, na época e em todos os países considerados civilizados, registando-se de forma clara a necessidade de existirem na biblioteca a legislação, os planos e os programas de estudo, assim como dados estatísticos. A biblioteca possuía também colecções mistas, revistas de educação e ensino, documentação relativa a arquitectura e higiene escolares, livros infantis, livros elementares e auxiliares de classe para os estabelecimentos de ensino referenciados, assim como espécimes de livros para bibliotecas escolares e populares.

Finalmente, a *Secção D* comportava o arquivo, no qual eram recolhidos os documentos relativos aos diversos graus de ensino, no sistema educativo português, com especial destaque para o ensino primário, assim como documentos relativos a bibliotecas populares, escolares e municipais, associações para a propaganda da instrução e, ainda, trabalhos dos alunos das escolas primárias de Portugal e, especialmente, das do município de Lisboa.

O plano que Adolfo Coelho concebeu para o Museu Pedagógico Municipal de Lisboa foi apresentado por Feio Terenas na Revista *Froebel* e ilustrava bem as concepções pedagógicas e as orientações para uma renovação do ensino que o seu autor defendia. Com a sua criação pretendia-se facultar:

uma exposição de factos destinada ao estudo da pedagogia comparada... [que permitisse a compreensão dos] meios e processos de ensino e educação em uso ou remotos, quer sejam de um quer de muitos países, de um determinado período ou de uma extensa época, o mesmo é que dispor de factos a que aplicar a observação, ler nas observações dos outros, e, por consequência, reunir os melhores elementos de estudo. (Terenas, 1883, p. 122)

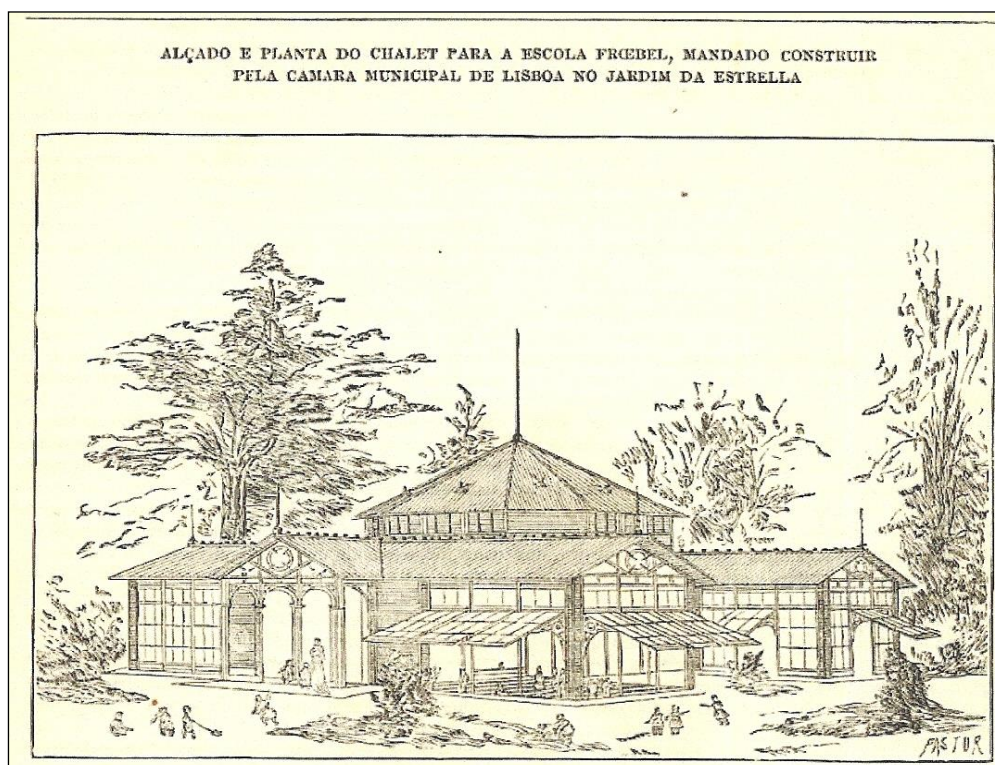
O Museu tinha também a missão de contribuir para a formação dos professores e outros profissionais da educação. Neste sentido, uma das iniciativas que Francisco Adolfo Coelho tomou foi:

fazer no Museu pedagogico municipal um curso de pedagogia froebeliana ás segundas e sextas feiras das 3 ás 4 horas da tarde, destinado exclusivamente ao pessoal da escola Froebel e ás classes infantis (...) e algumas alumnas dos cursos dominicaes, que tenham a necessaria proporção, e desejem dedicar-se ao professorado. (Lisboa, Câmara Municipal. Ofício do director do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa, Francisco Adolfo Coelho, para o vereador... Teófilo Ferreira, datado de 8 de outubro de 1883, Ofício n.º 19)

O Jardim de Infância de Lisboa foi a primeira Escola Infantil froebeliana em Portugal e outro símbolo da política municipal lisboeta nesta década. Solenemente inaugurado no Passeio da Estrela no dia 21 de abril de 1882, constituiu o ponto alto das comemorações do centenário do nascimento de Frederico Froebel, a par da revista com o nome do pedagogo alemão. O município de Lisboa tinha a aspiração de criar um jardim de infância de matriz froebeliana, que exprimira na altura da celebração do tricentenário da morte de Camões, em 1880 (Câmara Municipal de Lisboa, 1880, p. 315). Um novo impulso seria dado a este assunto por Teófilo Ferreira, logo que assumiu o pelouro da instrução da Câmara Municipal de Lisboa. A primeira escola infantil ficou instalada num sóbrio e elegante *chalet*, construído em madeira, pintado de verde e composto por salas de aula e espaços exteriores cobertos. O edifício foi projectado pela repartição técnica da Câmara Municipal de Lisboa e a autoria pertenceu ao arquiteto José Luís Monteiro.

A escola Froebel inspirava-se no sistema de educação concebido pelo pedagogo alemão, visando o desenvolvimento simultâneo das faculdades físicas e intelectuais das crianças. O entusiasmo e persistência que Teófilo Ferreira e o seu grupo colocaram na edificação da escola Froebel de Lisboa não podem deixar de se compreender à luz dos conhecimentos que adquiriram nos circuitos internacionais. Teófilo Ferreira participou, em 1880, do Congresso Internacional de Pedagogia, realizado em Bruxelas, tendo continuado a sua estadia no estrangeiro com visitas a escolas na Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça e França. Ele tinha a convicção de que eram necessárias instituições do tipo froebeliano em Portugal e esta sua iniciativa inseria-se na realidade educativa europeia (Ferreira, 1883, pp. 141-142 e 256). Esta aspiração estava em consonância com os interesses de Adolfo Coelho, como a sua ação formativa demonstrou.

Figura 2: Alçado do chalé para a Escola Froebel, mandado construir pela Câmara Municipal de Lisboa no Jardim da Estrela



Fonte: Froebel. *Revista de Instrução Primária*, n. 1, de 21/4/1882.

No Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, realizado em Madrid, em 1892, foi apresentada uma comunicação sobre esta escola infantil, a qual não estava assinada. Contudo, Bernardino Machado, responsável pela secção portuguesa, atribuiu a sua autoria a Carlota Sofia de Brito Freire, directora do jardim da Estrela (Machado, 1898, p. 279). O ensino infantil era apresentado, uma década após o seu início em Portugal, como um dos aspectos mais significativos da modernização pedagógica do país e da sua capital.

O edifício desta escola ainda hoje existe. No seu início, era constituído por quatro salas de classe e um salão para exercícios escolares, recreio e refeitório, pois aí se faziam as refeições das crianças, estando mobilado com duas longas mesas, muito baixas e apropriadas à pequena estatura infantil. Estava ainda equipado com um chafariz para que as crianças lavassem as mãos quando comiam. As instalações de apoio incluíam o vestíbulo, sala de arrumações, 2 gabinetes, retretes e espaço exterior cercado (Figueira, 2004, p. 43).

Na missão pedagógica que realizou à Europa, nomeadamente a Portugal, nos finais do século XIX, o brasileiro Luiz Augusto dos Reis visitou a Escola Froebel de Lisboa e descreveu-a entusiasticamente, realçando que as salas “são muito alegres e de um asseio admirável”, bastante arejadas – a própria casa parece ser “toda de vidro, tal é a abundância de portas e de janelas rasgadas até quase ao solo, que nela existem” (Reis, 1892, p. 82). A sua apreciação confirma a adequação das opções tomadas quanto à localização e edificação da escola infantil, dez anos antes. Também o equipamento mereceu o seu elogio, sublinhando a uniformidade da mobília escolar, com bancos-carteiras do sistema Froebel, baixos e apropriados à idade dos alunos, tal como as mesas destinadas às refeições, assim como os mapas e os objectos necessários ao ensino que existiam nesta escola. Este material certamente fazia parte daquele que fora encomendado por Adolfo Coelho em 1883, estabelecendo-se assim uma ponte com a acção do pedagogo a favor do ensino infantil froebeliano. É por isso particularmente feliz a avaliação que Luiz Augusto dos Reis (1892) faz, sublinhando que:

Não vi, na Espanha, na França e na Bélgica, um jardim infantil superior ao jardim Froebel da *Estrela* em Lisboa, quer pelo prédio, quer pelo asseio, quer pela ordem e regularidade nos trabalhos. É o que se pode desejar de útil, de elegante e de belo. É isto o que francamente me compete dizer. (pp. 83-84)

Augusto dos Reis regista ainda que enviou o alçado e planta deste jardim infantil de Lisboa para o Pedagogium, o museu pedagógico do Rio de Janeiro, assim como alguns trabalhos das crianças que lhe haviam sido oferecidos pela directora.

Adolfo Coelho preparou também a inauguração da Escola Primária Superior Rodrigues Sampaio, que se enquadrava da mesma forma no seu quadro conceptual e que ele havia devidamente explicitado nesse ano de 1883.

Todos os países que se occupam de reformar a sua instrucção publica teem comprehendido que a chave das reformas está na criação ou organização de escolas modelos, onde se possam estudar na pratica os bons methodos de ensino. Projecta o município a criação d’uma escola popular superior com trabalho manual como preparação para a aprendizagem e não pode deixar-se de ver n’esse projecto, realisado em boas condições, um passo importante para resolver o problema da educação technica. (Coelho, 1883, p. 74)

A Escola Primária Superior Rodrigues Sampaio (que iria mudar várias vezes de designação, ao longo dos anos) foi inaugurada em 16 de outubro desse ano, tendo como director

e professor Francisco Adolfo Coelho, que se manteve no cargo até 1915. Na organização desta escola de formação profissional, Francisco Adolfo Coelho teve um papel fundamental, nomeadamente na definição dos objectivos e do plano curricular.

A Câmara Municipal de Lisboa criou também, em 1885, a Escola Maria Pia, destinada ao género feminino. Esta escola ocupou um edifício no Largo do Contador-Mor, em Alfama, e tinha como objetivo principal a emancipação da mulher pela instrução, como se refere no seu primeiro relatório; com uma natureza eminentemente prática, visava “iniciar no país o ensino de carreiras produtivas que podem e devem pôr a mulher (...) ao abrigo das necessidades, habilitando-a a ganhar honestamente os meios de subsistência” (como se pode ler no relatório da Escola Maria Pia relativo ao ano letivo de 1885-1886). Com estes objetivos, ministrava 4 cursos: labores, tipografia, telegrafia e escrituração comercial.

Por seu lado, a Escola Rodrigues Sampaio ficou instalada no edifício da escola central municipal n.º 6, conjuntamente com o museu municipal. Contudo, esta casa, situada na Rua de Santa Isabel, n.º 25, não tinha condições adequadas para o funcionamento do Museu Pedagógico Municipal e da escola Rodrigues Sampaio, sendo estas instituições transferidas, em setembro de 1884, para um outro edifício, mais apropriado e alugado pela Câmara, na Rua do Sacramento à Lapa, n.º 25 e 27. As obras que então se realizaram, de adaptação e restauro, obrigaram ao encerramento do Museu durante um ano, tendo este voltado a reabrir em agosto de 1885.

A escola e o museu, apesar de serem instituições distintas, tinham sido criadas e inauguradas com poucos meses de diferença, tiveram o mesmo director e estiveram instaladas, até 1892, no mesmo edifício – nesta coexistência, certamente que muitos recursos eram partilhados e também se confundiam, de forma natural, atividades, funções e meios humanos e materiais.

O *Livro de visitantes* do Museu (que terá sido também da escola) recebeu a assinatura, na sua primeira página, de Francisco Giner de Los Rios e de Manuel Bartolomé Cossío, quando eles visitaram Adolfo Coelho em setembro de 1883. A partir de então, mantiveram uma colaboração próxima entre eles, envolvendo também Bernardino Machado (Otero Urtaza, 2004, pp. 9-37).

Na qualidade de diretor da Escola Rodrigues Sampaio, Adolfo Coelho desenvolveu uma actividade pedagógica persistente e continuada, expressando muitas das suas preocupações e ideias educativas. O contributo da cultura pedagógica alemã esteve sempre subjacente à sua actividade. Esta influência pode ser exemplificada em dois casos paradigmáticos. Assim, em 1894, dizia relativamente à gestão dos programas e organização dos horários:

É mister alem disso [reforma dos programas de mathematica e ás sciencias naturaes] fazer modificações geraes nos programmas das diversas disciplinas para que elles se correspondam. Os horarios redusiram o numero das lições da maior parte das disciplinas, obrigando a dar algumas d’hora e meia, o que com relação ás materias litterarias e scientificas é muito inconveniente, como está reconhecido na pratica do ensino das nações mais adeantadas. Assim na Allemanha, no ensino primario e secundario, nemhuma lição, excepto as de desenho ou os exercicios manuaes, jamais dura mais de 50 – 60 minutos. (ANTT, 1894, Carta do director da Escola Rodrigues Sampaio, Francisco Adolfo Coelho, [ao inspector das Escolas Industriais da Circunscrição do Sul, Fonseca Benevides] datada de 25 de agosto de 1894, NP 1436, n.º 20)

Também a situação dos manuais escolares lhe merecia uma forte crítica, pela sua inexistência ou pela deficiente qualidade.

Um outro inconveniente com que luctámos no ultimo anno, com que luctamos desde que a escola foi creada, é o da falta de livros adequados que facilitem a repetição aos alumnos, mas sobretudo que sirvam de guia para os professores, acabando com o vago dos *programmas* (...)

12. Livros. Deixo para o ultimo logar este ponto importantissimo. Faltam livros adequados para o ensino como elle deve ser feito numa escola da natureza da desta e bem difficil será faze-los, ainda quando o que se ablance á empresa tenha os conhecimentos scientificos necessarios, senão tiver estudado o problema pelo lado pedagogico. (...) Tenho, traduzido quasi por completo do original allemão, um livro excellente, cujo plano e methodo constituem uma verdadeira revolução pedagogica, e que é destinado ao ensino dos principios elementares de chimica, physica e physiologia, do que os allemães chamam *Naturlehre*, e está-se completando essa traducção para melhor se adaptar o livro ao nosso ensino. Essa obra serviu de guia durante dez annos ao ensino a que se refere, nesta escola, e a experiencia foi em extrema satisfatoria e mais o seria se a tivessemos traduzida e impressa, com as necessarias modificações e addições e se tivessemos todo o material necessario para a execução. (ANTT, 1894, Carta do director da Escola Rodrigues Sampaio, Francisco Adolfo Coelho, [ao inspector das Escolas Industriais da Circunscrição do Sul, Fonseca Benevides] datada de 25 de agosto de 1894, NP 1436, n.º 20)

Adolfo Coelho tinha uma elevada noção da sua responsabilidade e apresentava um plano para edição e distribuição dos manuais que se encontrava a traduzir; este plano não terá avançado, pois não se encontram mais notícias sobre este projeto. Um aspecto que se reforça nesta carta de sua autoria é o facto de a cultura e da pedagogia alemãs continuarem a ser a sua grande referência para as questões educativas.

A compreensão do significado da Escola Rodrigues Sampaio é novamente transmitida pelo Relatório de Luiz Augusto dos Reis que, em 1892, a descreveu como uma instituição modelo para o ensino profissional, “uma escola especial (...) criada pela Câmara Municipal em 1883” e que era “dirigida pelo notável professor e distinto escritor e filólogo Dr. Adolfo Coelho” (Reis, 1892, pp.73-74). No retrato que traça das escolas de Lisboa, esta é contemplada com uma descrição pormenorizada e elogiosa das instalações, programas e outras dimensões da vida escolar, incidindo especialmente nas oficinas. F. Adolfo Coelho ofereceu a Luiz Augusto dos Reis uma colecção de trabalhos manuais feitos pelos alunos, que este designou como “magnífica”:

É magnífica a colecção de trabalhos manuais feitos pelos alunos dessa escola ... Nessa colecção encontram-se *exercícios da oficina de obras de ferro; figuras de chapa do mesmo metal; peças polidas de ferro e de aço; ligações de chapas de ferro; exercícios da oficina de madeira; objectos de uso comum; exercícios preliminares de torno de madeira; ferramentas e objectos de uso comum feitos ao torno.*

Alguns desses trabalhos são feitos com o maior cuidado revelando grande habilidade nas crianças que neles trabalharam e fazem muita honra á utilíssima e bem dirigida *Escola Rodrigues Sampaio*. (Reis, 1892, p.81)

Luiz Augusto dos Reis enviou estes trabalhos manuais para o Pedagogium, o museu pedagógico brasileiro, tal como a colecção de trabalhos que lhe haviam dado na escola Froebel. No mesmo Relatório, Luiz Augusto dos Reis refere-se ao Museu Pedagógico de Lisboa (de cuja designação já tinha desaparecido a palavra municipal) como sendo anexo à Escola Rodrigues Sampaio, “da qual faz parte integrante”. Descreve-o como «bom, mas pequeno, muito pequeno, por enquanto (...) Entretanto, tem algumas colecções boas e são regularmente providos os gabinetes de física e química”. Segundo ele, Adolfo Coelho dissera-lhe que “há pouco começara ele a funcionar e que podia considerar-se apenas como um *ensaio*” (Reis, 1892, p. 75). Em 1887, o Museu fora considerado pela Câmara como “parte integrante” da Escola Rodrigues Sampaio e “a sua direcção sujeita ao Director da mesma escola” (Sanches, 2010, p. 32). Por seu lado, Adolfo Coelho escreveu em 1892 que “conquanto [o museu] não possa manter-se com o título que tem, por suas colecções não corresponderem a tal título, possui já muito valiosos materiais para o ensino escolar.” (Coelho, 1892, p. 24)

Importa enfatizar que o Museu Pedagógico expressa de forma clara as concepções pedagógicas de F. Adolfo Coelho, que ultrapassavam o meio restrito de uma elite intelectual e burguesa, esclarecida e empenhada, que, no entanto, lutava pelo progresso e desenvolvimento do país e pela elevação educacional e cultural da população portuguesa. Com este museu, Lisboa colocava-se a par de outras cidades de referência, que tinham já os seus museus pedagógicos, e podia manter, através dele, um diálogo “fraterno” com instituições similares, como os museus pedagógicos de Madrid (via Francisco Giner de Los Rios e de Manuel Bartolomé Cossío) e do Rio de Janeiro (através de Luiz Augusto dos Reis).

3. Modernidade pedagógica e cultura material nas escolas portuguesas: o caso de Lisboa

A atualidade dos conhecimentos de F. Adolfo Coelho também se revelou nos equipamentos e materiais auxiliares do ensino, demonstrando estar ele a par do que de mais recente aparecia nas exposições universais e era editado por empresas europeias da especialidade.

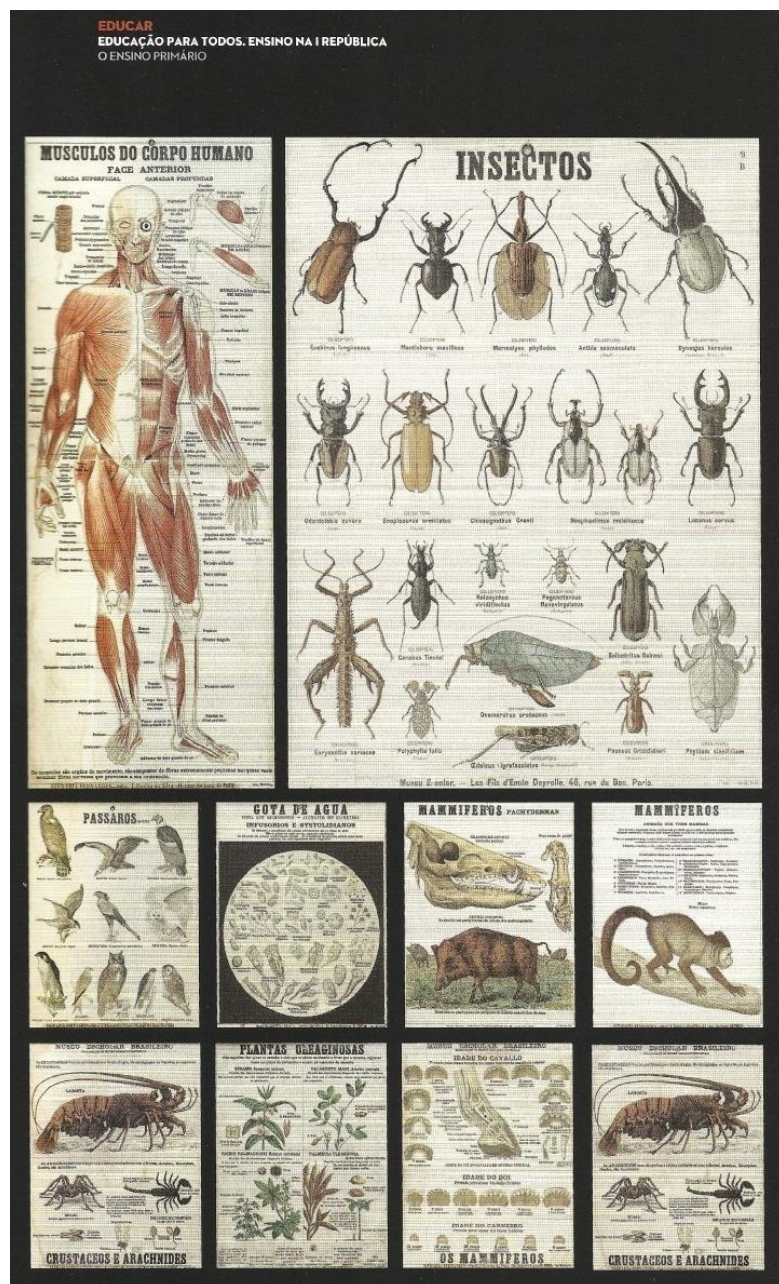
Por exemplo, F. Adolfo Coelho promoveu e controlou a aquisição de material froebeliano. Simultaneamente com as atividades de formação de professores, F. Adolfo Coelho diligenciou a aquisição de material didático adequado, nomeadamente os *dons* e *ocupações* de Froebel, que ele conhecia, desde 1875. A correspondência com o vereador do pelouro da instrução ilustra este processo: “Envio a V. Ex.^a uma nota do material, que convem adquirir com a possível brevidade para a escola Froebel, classes infantis e classes elementares das escolas centraes.” (Lisboa, Câmara Municipal. Ofício do director do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa, Francisco Adolfo Coelho, para o vereador ... Teófilo Ferreira, datado de 8 de outubro de 1883, Ofício n.º 19). Sublinhe-se de novo que Adolfo Coelho assegurava cursos de pedagogia destinados aos professores do concelho de Lisboa (nomeadamente às jardineiras do jardim infantil da Estrela), uma prática formativa que privilegiava na sua ação.

Mais tarde, surgem registos dos materiais adquiridos e do envolvimento e controle que Adolfo Coelho tinha neste processo de aquisição: “Na data d’este envio para a Escola Froebel os objectos, que tinham sido encommendados para Paris por intermedio da casa Cruz e Companhia. Sirva-se V. Ex.^a verificar se vieram todos os objectos pedidos e enviar-me o recibo dos mesmos, para se archivar n’esta repartição” (Lisboa, Câmara Municipal. Ofício (cópia) do Provedor da Instrução da Câmara Municipal de Lisboa, João José de Sousa Teles, para

Francisco Adolfo Coelho, datado de 26 de novembro de 1883, Ofício n.º 574). A cumplicidade de F. Adolfo Coelho com a escola Froebel é evidente nestas suas preocupações.

Ainda nesse ano, Adolfo Coelho afirmava que as escolas que visitara, em Lisboa, começavam a ter bons núcleos de museus escolares, sem os quais não seria possível uma reforma do ensino. Estas escolas possuíam as coleções dos materiais necessários para o ensino do sistema métrico, das formas geométricas, bem como cartas parietais. Algumas delas já estavam equipadas com gabinete de física. Nas escolas havia também os «excelentes Museus escolares de Saffray, e de Deyrolle, estampas de história natural» (Coelho, 1883, p. 73).

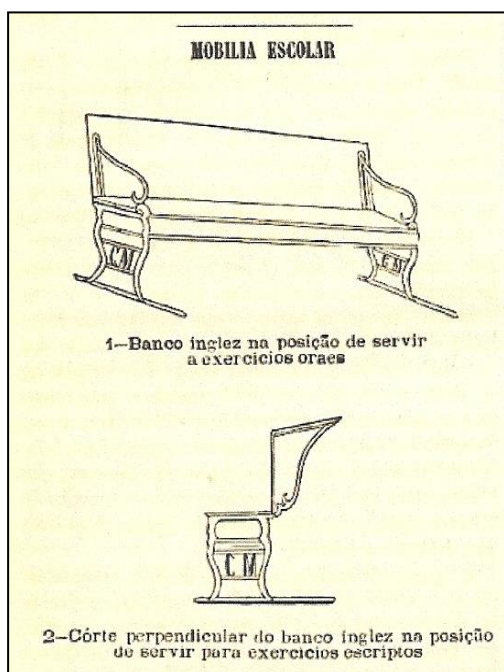
Figura 3: Conjunto de quadros parietais existentes em escolas portuguesas, nomeadamente do Musée scolaire Deyrolle (Exposição “Educar - Educação para Todos”, 2011).



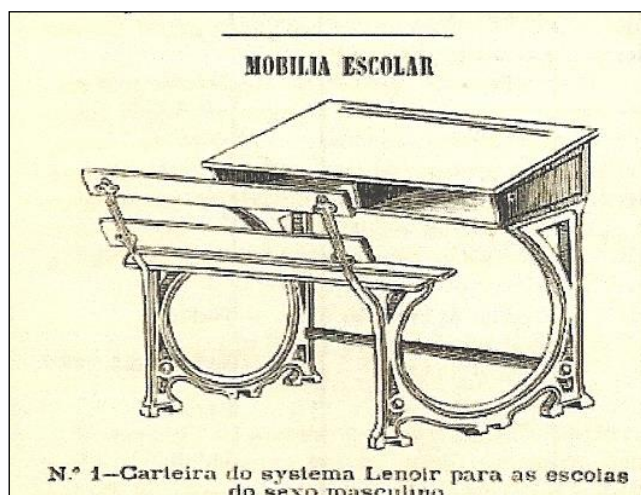
Fonte: Educar - Educação para Todos. Ensino na I República. O ensino primário (Proença, 2011, p. 33).

Na revista *Froebel* também se refletiram as preocupações desta geração de educadores com a aplicação das ideias pedagógicas e higienistas que dominavam o debate do campo educativo. Assim, são apresentados modelos de carteiras que deviam equipar as escolas de Lisboa, pois eram consideradas adequadas á anatomia dos alunos.

Figura 4 e Figur 5: Carteiras escolares (banco inglês e carteira do sistema Lenoir)



Fonte: Froebel, n.º 2, 15/5/1882



Fonte: Froebel, n.º 3, 1/6/1882

Luiz Augusto dos Reis descreveu, no seu Relatório de 1892, os materiais de ensino que encontrou nas escolas de Lisboa e que ilustram também as preocupações por um ensino ativo, experimental e suportado por materiais didáticos modernos, cientificamente elaborados:

- Escola Central n.º 1: gabinete de física; Museu de Saffray para as *lições de cousas*; 1 piano para os exercícios de canto; trapézios, barras, paralelos e outros utensílios para o ensino da ginástica; 40 espingardas com baionetas (para o batalhão escolar); e anexa à escola, havia uma biblioteca pública;
- Escola Central n.º 2: biblioteca; gabinete de física;
- Escola Central n.º 5 e Escola Maria Pia: biblioteca; gabinete de física; laboratório de química; museu de história natural; museu escolar; magníficos trabalhos escolares de desenho e bordado;
- Escola Central n.º 6: instrumentos musicais; peças de artilharia, espingardas, baionetas, cornetas, etc;
- Escola paroquial: livros, penas, canetas, papel para desenhos, tinta, lápis, etc.

As evidências da inserção de Portugal no processo de produção, circulação e apropriação de modelos culturais e pedagógicos estão corporizadas nestes materiais educativos que já equipavam as escolas de Lisboa nos finais de oitocentos e nas primeiras décadas do século XX e que se queriam modernas e com metodologias ativas.

4. O rumo do Museu Pedagógico de Lisboa e a dispersão das suas coleções: a busca por uma biblioteca perdida

Produto das políticas educativas locais da Câmara Municipal de Lisboa, o Museu Pedagógico Municipal sofreu as consequências negativas da transferência dos assuntos da instrução pública de novo para a tutela do estado central, em 1892. Perdeu a sua dimensão municipal e transformou-se, nesse ano, em Museu Pedagógico de Lisboa. Seguiram-se anos de chumbo, debatendo-se com o desinteresse dos poderes públicos, tendo dificuldades em fixar o seu quadro de pessoal e arrastando-se ao longo de um período irreversível de decadência. Os seus materiais foram dispersos por várias instituições, no decurso de um processo lento, que se arrastou por anos, como a investigação exemplarmente desenvolvida por Isabel Sanches (2010, 2016) revela. No entanto, os livros guardam as marcas de pertença à Biblioteca original, como os carimbos do Museu comprovam.

Figura 6 e Figura 7: Carimbos do Museu Pedagógico



Fonte: Carimbos em livros dos Museu Pedagógico pertencentes à Biblioteca Histórica da Educação da Secretaria Geral do Ministério da Educação.

A coleção inicial do museu, constituída e organizada por Adolfo Coelho, sofreu uma separação física nesse ano de 1892: uma parte constituiu o Museu Pedagógico de Lisboa, que se transferiu para as instalações (já anteriormente ocupadas) na Escola Central n. 6, na Rua de Santa Isabel; outra parte integrou-se na escola Rodrigues Sampaio, que no final desse ano também foi transferida para outro edifício, no Largo do Poço Novo, n.º 1. No final da década de 1890, Adolfo Coelho, que mantinha a direcção das duas instituições, consegue que o museu volte a ser anexo da Escola Rodrigues Sampaio, assim surgindo em vários materiais de divulgação e informação (Sanches, 2010, pp. 54-56). Adolfo Coelho voltava a ter as duas instituições no mesmo espaço, facilitando assim a utilização dos materiais, nas atividades pedagógicas que desenvolvia.

Posteriormente, em 1919, as colecções do Museu Pedagógico de Lisboa foram transferidas para a Escola Normal Primária de Lisboa (situada em Benfica), no âmbito do projecto de criação de um museu pedagógico, o qual não se viria a concretizar. Adolfo Lima a elas se refere, como “restos de exemplares, mal conservados” (Lima, 1932, pp. 118-119), que ocupavam três salas. Quando, em 1933, é criada a Biblioteca Museu do Ensino Primário, dirigida pelo próprio Adolfo Lima, os materiais que tinham sobrevivido dessas colecções e permaneciam na Escola Normal de Lisboa foram incorporados na nova Biblioteca Museu, que ficou instalada no mesmo edifício da escola de formação de professores. Na década de 1980, as escolas do magistério foram substituídas pelas escolas superiores de educação e, em Lisboa, este processo foi acompanhado de obras de beneficiação do antigo edifício de Benfica, tendo-se então transferido as coleções da Biblioteca e Museu do Ensino Primário para as instalações da Direcção Geral do Ensino

Básico, no Ministério da Educação. Algumas obras com o carimbo do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa ficaram na biblioteca da Escola do Magistério Primário de Lisboa, pertencendo atualmente aos fundos de reservados da Escola Superior de Educação de Lisboa (Toledo & Mogarro, 2011, pp.161-183).

O Instituto Histórico da Educação, criado em 1998, tratou parcialmente este espólio e procedeu à sua organização e divulgação, entre os investigadores. No entanto, o Instituto Histórico de Educação teve vida curta, sendo extinto em 2002. O espólio da antiga Biblioteca Museu do Ensino Primário está, desde essa data, à guarda da Secretaria-Geral do Ministério da Educação, que tem a tutela destas coleções históricas.

Por seu lado, uma parte significativa das coleções do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa que, em 1892, foram integradas na Escola Rodrigues Sampaio ficaram nesta instituição, acompanhando o seu percurso até 1997, ano em que esta escola foi encerrada; nessa data, ocorre a doação da antiga biblioteca da Escola Rodrigues Sampaio à Secretaria-Geral do Ministério da Educação. Há apenas a notar a cedência de 24 livros à Academia Portuguesa de História, por solicitação desta, em 1938. A estabilidade desta coleção (bem mais numerosa que a do Museu Pedagógico de Lisboa...) contrasta com as sucessivas viagens que os livros do Museu Pedagógico de Lisboa tiveram de fazer, ao longo do tempo, migrando por várias instituições. Este percurso acidentado terá provocado mais perdas do que as que se registaram com o espólio da Escola Rodrigues Sampaio e reflectiu-se também no estado de conservação das obras, que se apresentam mais degradadas (Sanches, 2010, pp. 98-99).

A história custodial da Biblioteca do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa reflete-se na localização atual dos documentos bibliográficos, estabelecida por Isabel Sanches em 2010 e atualizada pela mesma autora em 2016. Hoje temos a seguinte situação: Biblioteca Histórica da Educação da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência (MECSGBHE) – 855 obras oriundas da Escola Rodrigues Sampaio + 197 obras oriundas da Biblioteca e Museu do Ensino Primário, num total de 1052 obras; 32 obras na Escola Superior de Educação de Lisboa; 25 obras na Academia Portuguesa de História; e 315 obras não localizadas. Estamos assim a considerar um universo de 1424 obras (Sanches, 2016, pp. 15-20).

De realçar que a Biblioteca Histórica da Educação da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência (MECSGBHE) é a instituição que detém a maioria dos livros e das revistas que pertenceram ao Museu Pedagógico Municipal de Lisboa, embora em coleções distintas. Como já se havia referido, os documentos que transitaram para a Escola Rodrigues Sampaio, e que chegaram até nós integrados na biblioteca da referida escola, com exceção dos 25 livros que transitaram para a Academia Portuguesa da História em 1938, foram os que menos danos sofreram ao longo destes 130 anos. De facto, a quase totalidade dos documentos “Não localizados” diz respeito às obras que, tendo ficado no Museu Pedagógico de Lisboa, tiveram um percurso muito mais acidentado, por terem “viajado” entre mais instituições, o que originou, eventualmente, mais perdas e também se refletiu negativamente no seu estado de conservação. (Sanches, 2016, p. 18)

5. A biblioteca pedagógica de Adolfo Coelho no Museu Pedagógico Municipal de Lisboa: identidade e significado

A coleção inicial da Biblioteca do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa foi constituída por Adolfo Coelho em função dos seus interesses pedagógicos e traduz o seu pensamento crítico e as suas prioridades relativamente à atividade educativa e docente. A “identidade desta coleção” (Walker, 2009) encontra-se indissolivelmente ligada à personalidade deste intelectual, que foi um dos pedagogos mais informados e produtivos da sua geração e que desenvolveu uma notável ação pedagógica na transição do século XIX para o século XX.

A investigação que reconstituiu o catálogo da biblioteca do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa trouxe uma nova luz sobre esta coleção dispersa e sobre o significado do pensamento e da ação de Adolfo Coelho (Sanches, 2010, 2016; ver também Raven, 2004). Na reconstituição desta Biblioteca, Isabel Sanches cruzou dados e desenvolveu procedimentos que envolveram os catálogos originais, as bases de dados bibliográficas e as técnicas de catalogação, numa sistemática procura dos livros dispersos (muitas vezes recorrendo a marcas de pertença que eles apresentavam, como os carimbos). Além disso, utilizou a pesquisa online em catálogos de referência internacionais, quando a ausência física das obras obrigava a procurar os dados dos livros em outras bibliotecas, em que ainda existiam exemplares da mesma obra. Deste modo, foi possível ter uma visão clara sobre a primeira biblioteca pedagógica portuguesa.

A biblioteca foi constituída por livros de autores de várias nacionalidades, nela se encontrando os nomes de referência da pedagogia mundial, a par de outros textos de natureza educativa. Os idiomas dos 1.418 títulos analisados são marcados pelo predomínio da língua francesa (436), seguida do português (374) e depois do alemão (262), do inglês (253) e do castelhano (82); o latim (9) e o dinamarquês (2) são residuais (Sanches, 2016, pp. 14-15).

A composição da Biblioteca destaca a importância dos “países civilizados”, a expressão que Adolfo Coelho usou para referir os países mais evoluídos, que deviam constituir uma referência e cuja organização dos sistemas educativos e métodos de ensino mereciam ser estudados e implementados em Portugal, seguindo um processo adaptativo. Esta era uma reforma que ele propugnava como fundamental para o progresso e desenvolvimento do país. Na constituição da sua primeira biblioteca pedagógica, ele privilegiou os nomes mais conhecidos da pedagogia do seu tempo e os temas que considerava mais adequados, conferindo-lhe um forte tom de modernidade - uma marca genética do seu pensamento, da sua ação educativa e da natureza desta primeira biblioteca pedagógica portuguesa.

A maior parte das obras desta coleção tem as suas datas de publicação entre 1870 e 1883 (cerca de 1.110 títulos), concentrando-se de forma significativa nos anos de 1880 a 1883 (cerca de 646 títulos; note-se também o número de livros sem data de publicação, cerca de 132 títulos). Estes dados confirmam a forma como Adolfo Coelho se mantinha actualizado sobre o que mais recentemente se publicava, tanto em Portugal como no estrangeiro (Sanches, 2010, pp. 96-106; 2016, p. 15). Considerando a estrutura da biblioteca apresentada na revista *Froebel*, em 1883, foi possível estabelecer um roteiro das obras que constituíam a coleção e sintetizavam os temas e problemas que os professores portugueses deviam dominar e mobilizar para as situações educativas. Neste sentido, sobressai a presença de obras que se inserem nas áreas de “educação e ensino antes da escola”, “música”, “desenho, aquarela e modelação”, “horticultura e agricultura”, “trabalhos manuais de ambos os sexos”, “ginástica e jogos de movimento”, assim como a “história da pedagogia”, em que avulta a leitura dos grandes pedagogos e professores “notáveis”, a par do conhecimento das instituições de referência. As áreas com “obras contemporâneas diversas, não sistemáticas, de educação e ensino” estão bem representadas (cerca de nove dezenas de títulos), assim como a “organização do ensino e

da educação em o nosso tempo, em todos os países civilizados, compreendendo a legislação, planos e programas de estudos e estatística” (mais de 110 títulos) e os “cursos e conferências públicas” (quase 40 títulos). Os relatórios produzidos no âmbito de diferentes Exposições Universais marcavam presença nesta colecção, dando testemunho da importância que Adolfo Coelho lhes atribuía, como espelho do desenvolvimento das nações e excelentes fontes de informação sobre o progresso tecnológico em várias áreas, em particular no campo da educação e do ensino e da produção de materiais didáticos (como os museus escolares). As principais colecções editoriais identificadas por Isabel Sanches (2016, pp. 15-17) nesta biblioteca expressam a natureza dos temas e conteúdos que a compunham.

Conclusão

O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa desempenhou um papel fundamental na modernização educativa do país, assumindo a sua natureza renovadora do ensino e da formação de professores. Este estatuto é indissolúvel do pensamento e da ação de Adolfo Coelho, que o concebeu, organizou e dirigiu. Na realidade, as suas realizações ganham sentido no contexto de uma geração de notáveis pedagogos que o acompanharam, mas o seu lugar assume grande centralidade e singularidade em todo este processo. Não foi um percurso pacífico; pelo contrário, ele foi marcado por conflitos, confrontos de ideias, compromissos e acordos possíveis. No entanto, esta conflitualidade permitiu a afirmação do Museu como instituição pedagógica de referência na época, em articulação com as outras instituições que, com ele, faziam parte desse processo de renovação e modernização.

A reconstituição da Biblioteca do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa (Sanches, 2010, 2016) permite compreender de forma mais profunda a natureza do Museu e o seu itinerário, marcado pela dispersão dos livros que viajaram por várias instituições após o encerramento do Museu. O mesmo terá acontecido com os restantes materiais das suas colecções, embora não tenha sido possível ainda estabelecer as suas “viagens” ao longo do tempo. O conteúdo da Biblioteca revela uma sintonia estreita com os critérios e a organização que Francisco Adolfo Coelho havia definido para a mesma, em 1883, e em linha com as funções que estavam atribuídas a este museu. Esta coerência entre a concepção e a concretização surpreende, quer pela solidez das correlações que se podem estabelecer, quer também pelo leque vasto de temas e abordagens que o conjunto bibliográfico contempla e que confirma a enorme erudição e capacidade de actualização de Francisco Adolfo Coelho. Um dos aspetos mais evidentes é a influência da Alemanha no pensamento e na obra de Adolfo Coelho e está claramente reflectida no universo bibliográfico e arquivístico mobilizado para este estudo. É como se parte de uma biblioteca alemã e um conjunto de materiais didáticos produzidos na Alemanha ou em França (como em outros países de referência) tivessem viajado até nós, condensando aqueles que eram os principais conhecimentos da época.

Na pessoa de Adolfo Coelho materializou-se a capacidade de colocar Portugal no circuito de produção, circulação e apropriação dos modelos culturais e pedagógicos que então eram produzidos nos centros civilizacionais, transportando-os para as instituições portuguesas que dirigiu. Foi nestas instituições que ele realizou uma apropriação pessoal desses conhecimentos, para os colocar ao serviço da sua actividade como professor e pedagogo. Assim, o conceito de “traveling library” (Popkewitz, 2005, pp. 3-36) ganha todo o sentido. No entanto, a apropriação dessa matriz pedagógica não é feita de forma solitária, mas no contexto de uma rede de sociabilidades a que Adolfo Coelho pertencia, interagindo com outros pedagogos da

época que, como ele, eram portadores de um projecto de modernização pedagógica para o país. No entanto, nesta rede ele ocupa um lugar singular.

Francisco Adolfo Coelho encontrou, na cultura alemã, os principais fundamentos científicos para construir, no seu percurso autodidata, um quadro conceptual marcado pelos estudos filológicos, etnográficos e pedagógicos, mas foi no campo educativo que desenvolveu as suas realizações práticas (Mogarro & Sanches, 2009). Na realidade, ele defendia que Portugal não era fatalmente decadente, irremediavelmente pobre e necessariamente atrasado e que, pelo contrário, se poderia regenerar através da reforma da instrução pública. Esta convicção positiva, que, contudo, não era partilhada por todos os intelectuais da sua geração, assentava na base científica dos seus trabalhos e é indissociável do lugar de charneira que ele ocupou no processo de introdução das ciências sociais em Portugal e de modernização educativa do país.

Referências

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo (1894). Carta do director da Escola Rodrigues Sampaio, Francisco Adolfo Coelho, [ao inspector das Escolas Industriais da Circunscrição do Sul, Fonseca Benevides] datada de 25 de agosto de 1894, sobre o trabalho desenvolvido na referida escola no ano lectivo de 1893-94, condições de funcionamento e algumas propostas de alteração do mesmo, ANTT – Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, *Escolas Industriais*, NP 1436, n.º 20.

Câmara Municipal de Lisboa (1880-1882). *Arquivo Municipal de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Ferreira, T. (1883). *Relatório do pelouro da instrução da câmara municipal de Lisboa relativo ao ano civil de 1882*. Lisboa: Tipografia de Eduardo Rosa.

Froebel. *Revista de Instrução Primária* (1882-1885), 24 números.

Coelho, A. (1883). *A instrução do povo em Portugal: relatório apresentado à Junta Departamental do Sul em sessão de 2 de Junho de 1883*. In *Congresso das Associações Portuguesas*, 1, Lisboa, 1883 - *Trabalhos complementares do Primeiro Congresso das Associações Portuguesas: realizado na Câmara Municipal de Lisboa desde 10 a 15 de junho de 1883: relatorios das secções da Junta Departamental do Sul*. Lisboa: Typographia Universal.

Coelho, A. (1892). *O ensino primário superior*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres. *Diário de Notícias* (1883, 2 de Julho), Lisboa, p. 1

Fernandes, R. (1973). *As ideias pedagógicas de F. Adolfo Coelho*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ferreira, T. (1883). *Relatório do pelouro da instrução da câmara municipal de Lisboa relativo ao ano civil de 1882*. Lisboa: Tipografia de Eduardo Rosa.

Figueira, M. H. (2004). *Um roteiro da Educação Nova em Portugal – escolas novas e práticas pedagógicas inovadoras (1882-1935)*. Lisboa: Livros Horizonte.

Froebel. *Revista de Instrução Primária* (1882-1885), 24 números.

Leitão, C. A. Marques (1920). *Trabalhos manuais educativos: instrução secundária*, [S.l., s.n., ca 1920].

Lima, A. (1932). *Metodologia*. Lisboa: Ferin.

Lisboa, Câmara Municipal. Pelouro de Instrução. Museu Pedagógico Municipal - Ofício do director do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa, Francisco Adolfo Coelho, para o vereador do Pelouro da Instrução, Teófilo Ferreira, datado de 8 de outubro de 1883, em que solicita autorização para efectuar um curso de pedagogia froebeliana, AML – EDUC, Gestão Administrativa das Escolas, B-040/01 (Ofício n.º 19).

Lisboa, Câmara Municipal. Pelouro de Instrução. Museu Pedagógico Municipal - Ofício (cópia) do Provedor da Instrução da Câmara Municipal de Lisboa, João José de Sousa Teles, para Francisco Adolfo Coelho, datado de 26 de novembro de 1883, sobre o envio de material solicitado para a Escola Froebel, AML – EDUC, Gestão Administrativa das Escolas, B-025/01. (Ofício n.º 574)

Machado, B. (1898). *O ensino*. Coimbra: Tipografia França Amado.

Magalhães, J. & Machado, J. (2003). *Coelho, Francisco Adolfo*. In A. Nóvoa (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses* (pp. 345-357). Porto: Edições ASA.

Mogarro, M. J. (2003). Os museus pedagógicos em Portugal: história e actualidade. In V. P. Saavedra (Coord.). *I Foro Ibérico de Museísmo Pedagógico – O Museísmo Pedagógico en España e Portugal: itinerarios, experiencias e perspectiva* (pp. 85-114). Santiago de Compostela: Xunta da Galicia / Mupega – Museu Pedagógico da Galicia.

Mogarro, M. J. (2010). *Cultura material e modernização pedagógica em Portugal (sécs. XIX-XX). Educatio Siglo XXI*, Facultad de Educación. Universidad de Murcia, Vol. 28, n.2, pp.89-114.

Mogarro, M. J. (Coord) (2013a). *Educação e Património Cultural: escolas, objetos e práticas*. Lisboa: Colibri/ IEUL.

Mogarro, M. J. (2013b). *Francisco Adolfo Coelho e o Museu Pedagógico de Lisboa*. In A. C. V. Mignot (Org.). *Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana* (pp. 281-306). Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ.

Mogarro, M. J. (2020). O Museu pedagógico de Lisboa num tempo de modernização educativa e de circulação transnacional de ideias. In A. Barausse, T. F. Ermel, V. Viola (Ed.). *Prospettive incrociate sul Patrimonio Storico Educativo / Perspectivas cruzadas sobre o Patrimonio Histórico Educativo / Perspectivas entrelazadas en el Patrimonio Histórico Educativo* (pp. 151-178). Lecce, Rovato: Pensa MultiMedia Editore.

Mogarro, M. J. & Namora, A. (2013). *Educação e Património Cultural: escolas, objetos e práticas, perspectivas multidisciplinares sobre a cultura material*. In M. J. Mogarro (Coord). *Educação e Património Cultural: escolas, objetos e práticas* (pp. 9-44). Lisboa: Colibri/IEUL.

Mogarro, M. J. & Sanches, I. (2009). *A presença de obras alemãs nas bibliotecas portuguesas: a acção pedagógica de Francisco Adolfo Coelho*. In J. M. Hernández Díaz (Coord.). *Influencias alemanas en la educación española e iberoamericana (1809-2009)* (pp. 535-550). Salamanca: Globalia Ediciones Anthemá.

Otero Urtaza, E. (2004). Giner y Cossío en el verano de 1883. Memoria de una excursión inolvidable. *BILE - Boletín de la Institución Libre de Enseñanza*, Madrid, n.º 55, octubre, pp.9-37.

Popkewitz, T. S. (2005). *Inventing the modern self and John Dewey: modernities and the traveling of Pragmatism in Education. An introduction*. In T. S. Popkewitz (Ed.). *Inventing the modern self and John Dewey: modernities and the traveling of Pragmatism in Education* (pp. 3-36). Nova York: Palgrave Macmillan.

Proença, M. C. (2011). *Educar - Educação para Todos. Ensino na I República*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemorações do Centenário da República – CNCCR, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Reis, L. A. dos (1892). *O ensino público primário em Portugal, Hespanha, França e Bélgica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

Raven, J. (Ed.) (2004). *Lost libraries: the destruction of great book collections since Antiquity*. New York: Palgrave Macmillan.

Sá, V. (1978). *Esboço histórico das ciências sociais em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.

Sanches, I. (2010). *Em busca de bibliotecas perdidas: a biblioteca do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências Documentais (Orientação de M. J. Mogarro). Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.

Sanches, I. (2016). *A Biblioteca do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa*. Lisboa: Secretaria-Geral da Educação e Ciência.

Terenas, F. (1883). Museu pedagógico municipal de Lisboa. *Froebel. Revista de Instrução Primária*, n. 16, pp. 121-123.

Toledo, M. R. A. & Mogarro, M. J. (2011). Circulação e apropriação de modelos de leitura para professores no Brasil e em Portugal: Edições pedagógicas da Companhia Editora Nacional nas bibliotecas portuguesas. In M. M. C. Carvalho & J. Pintassilgo (Orgs.). *Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais: Portugal e Brasil, histórias conectadas* (pp.161-183). S. Paulo: Edusp/Fapesp.

Walker, A. (2009). The Library of Sir Hans Sloane (1660-1753): creating a catalogue of a dispersed library. In *World Library and Information Congress: IFLA General Conference and Council*, 75, Milan. Disponível em: <https://www.ifla.org/past-wlic/2009/78-walker-en.pdf>.



El Museo Pedagógico en Argentina: nacimiento y avatares de una Institución renovadora (1883-1940)

The Pedagogical Museum in Argentina: birth and vicissitudes of a renovating Institution (1883-1940)

O Museu Pedagógico da Argentina: nascimento e vicissitudes de uma instituição renovadora (1883-1940)

María Cristina Linares
Universidad Nacional de Luján (Argentina)
<https://orcid.org/0000-0002-2949-0723>
25cristinamaria@gmail.com

Resumen

Los museos pedagógicos surgieron a partir de mediados del siglo XIX acompañando la formación de maestros y la construcción de los sistemas educativos nacionales. Eran centros que comprendían una biblioteca con obras de educación, legislación y otro tipo de documentos, como también mobiliario escolar y colecciones de materiales para la enseñanza. Abonaron a la circulación de ideas, prácticas y materiales escolares. Tenían un carácter prospectivo e instituyente de las nuevas metodologías, utillaje, política y estructura escolar, y la intención expresa de construir identidades nacionales. En la Argentina, la iniciativa de crear un museo pedagógico en el ámbito del Consejo Nacional de Educación, el Museo Escolar Nacional, anexo a la biblioteca y dirigido a la enseñanza primaria, fue entendida como motor para la renovación pedagógico-política y material de la educación. El museo era uno más de los mecanismos estatales dentro del sistema educativo para llevar a la sociedad, paulatinamente, a un nivel de “civilización”.

Palabras clave: Museo pedagógico. Argentina. Renovación escolar.

Abstract

Pedagogical museums emerged from the mid-nineteenth century accompanying the training of teachers and the construction of national educational systems. They were centers that included a library with educational works, legislation and other types of documents, as well as school furniture and collections of teaching materials. They subscribed to the circulation of ideas, practices and school materials. They had a prospective and instituting character of the new methodologies, tools, politics and school structure, and the express intention of constructing national identities. In Argentina, the initiative to create a pedagogical museum within the scope of the National Education Council, the National School Museum, attached to the library and aimed at primary education, was understood as a motor for the pedagogical-political and material renewal of the education. The museum was one of the state mechanisms within the educational system to gradually bring society to a level of “civilization”.

Keywords: Pedagogical museum. Argentina. School renovation.

Resumo

Os museus pedagógicos surgiram a partir de meados do século XIX acompanhando a formação de professores e a construção dos sistemas educacionais nacionais. Eram centros que incluíam uma biblioteca com obras pedagógicas, legislação e outros tipos de documentos, bem como mobiliário escolar e acervos de material didático. Eles subscreveram a circulação de ideias, práticas e materiais escolares. Tiveram um caráter prospectivo e instituidor das novas metodologias, ferramentas, política e estrutura escolar, e a intenção expressa de construção de identidades nacionais. Na Argentina, a iniciativa de criar um museu pedagógico no âmbito do Conselho Nacional de Educação, o Museu Nacional da Escola, anexo à biblioteca e voltado para o ensino fundamental, foi entendido como um motor de renovação político-pedagógica e material da educação. O museu foi um dos mecanismos do Estado dentro do sistema educacional para levar gradualmente a sociedade a um nível de “civilização”.

Palavra-chaves: Museu pedagógico. Argentina. Renovação escolar.

Sobre los Museos Pedagógicos

En principio vamos a establecer algunas diferencias, que no siempre se han tenido en cuenta, para tratar el tema de los museos pedagógicos.

Los *museos pedagógicos* comenzaron a surgir a mediados del siglo XIX en Europa, bajo distintas denominaciones: museo de educación, museo pedagógico, museo escolar, exposición escolar permanente; acompañando la formación de maestros y la construcción de los sistemas educativos. Creados en pleno auge de la constitución de los Estados naciones, la idea de renovar los aspectos pedagógicos de la educación se asoció al objetivo de construcción de la nacionalidad y al desarrollo de la ciencia y la técnica para favorecer el desarrollo industrial. Con el triunfo del modo de enseñanza simultánea y graduada, la renovación pedagógica incluía el método intuitivo articulado con fragmentos del positivismo. Este tipo de museo no reducía su organización a la preservación y exposición de materiales pedagógicos, sino que solía disponer de bibliotecas, editaba publicaciones diversas y resultados de investigaciones, realizaba ciclos de conferencias pedagógicas, diseñaba materiales educativos, etc. Se proponía no solo cumplir con una función recopiladora, sino principalmente formativa e instituyente, apuntando al perfeccionamiento docente, a la actualización pedagógica y a la renovación de la cultura material escolar.

Diferentes a los anteriores, los *museos escolares* surgieron a fines del siglo XIX con una función didáctica: acompañar las lecciones. Estaban formados por una serie de «cajas enciclopédicas» que contenían objetos para la enseñanza de la Botánica, la Zoología, la Anatomía y la Mineralogía, clasificados en series y grupos o por colecciones ubicadas en un espacio especial en las escuelas o en algún armario de un aula, incorporando materiales de flora, fauna y minerales de distinta procedencia, modelos para las clases de anatomía, la historia natural y también otros objetos para ser utilizados en las «lecciones de cosas».

Los *museos sobre la educación*, desde la perspectiva de la Historia de la Educación, son museos históricos. La mayoría fueron creados a partir de la década de 1980; otros mantuvieron una continuidad institucional desde sus orígenes como museos pedagógicos, pero sus objetivos y funciones han sido modificados. Estos museos pueden o no compartir objetivos pedagógicos específicos, es decir, involucrarse en discusiones sobre la educación actual o proponer proyectos educativos. En este escrito vamos a tratar el tema de los museos pedagógicos, especialmente en Argentina.

Algunos orígenes de Museos Pedagógicos

La creación de varios museos pedagógicos en Europa y América tuvo su origen en las exposiciones universales. En estas se presentaron materiales pedagógicos para la enseñanza, mobiliario, bibliografía, estadísticas, diseños arquitectónicos, etc. El objetivo principal era intercambiar internacionalmente adelantos técnicos y teóricos, asociando el desarrollo científico y pedagógico con la ampliación y producción del material escolar. Aunque las secciones educativas ocuparon un lugar secundario en dichas exposiciones, bastaron para impulsar la creación de este nuevo tipo de museos.

La incorporación de secciones especiales sobre la educación fue adquiriendo mayor importancia con el tiempo. Durante la Exposición de París, en 1867, los materiales escolares fueron presentados en el grupo X, bajo el rubro de: “los objetos especialmente expuestos teniendo en vista mejorar la condición física y moral de la población”. Entre los materiales expuestos figuraban planos de edificios escolares, aparatos, instrumentos, modelos y láminas, libros, atlas, publicaciones periódicas, trabajos de los alumnos, etc.

En la exposición de París de 1878, dichos materiales fueron colocados en un grupo aparte, el II, bajo el rótulo *Educación y Enseñanza*.

En estos grandes eventos, los avances tecnológicos, las riquezas naturales y los adelantos en materia educativa participaban del “ideal civilizador”. El pasado aparecía representado como elemento fundamental en una cadena de progreso y con intención homogeneizadora, al servicio del Estado y de la cultura burguesa dominante.

El Museo Pedagógico en la Argentina

En el caso argentino, vamos a seguir el devenir del museo creado en el ámbito del Consejo Nacional de Educación (CNE). Dicho museo surgió a partir de la Exposición Sudamericana Industrial, Agrícola y de Bellas Artes de 1882, en la que se llevó a cabo el Congreso Pedagógico. Aunque la Argentina ya había presentado una muestra en la Exposición Universal de París de 1867, no fue sino hasta la conformación del Consejo Nacional de Educación que se tomó la iniciativa de crear un museo pedagógico. Esto marca una diferencia con algunos museos europeos, en los que la iniciativa de crear museos pedagógicos surgió, en sus comienzos, de grupos de industriales. Esto se entiende en un contexto en el que los grandes productores de materiales escolares se localizaban principalmente en Europa y los Estados Unidos, y exponían sus obras en las exposiciones universales.

El CNE le encargó a una comisión especial el armado de una exposición de objetos escolares para que fuera presentada durante la Exposición Sud-Americana. Los objetos fueron recolectados en las escuelas, con mucha dificultad, por el escaso tiempo de antelación con que se contó, según expresó la comisión. La muestra se compuso de costuras y bordados, dibujos, caligrafía, textos, bancos y útiles escolares.

Un año después del Congreso Pedagógico, en 1883, el Consejo Nacional de Educación, bajo la presidencia de Benjamín Zorrilla, resolvió la creación de un “Museo Escolar Nacional” (que tendría las características de museo pedagógico) anexo a la biblioteca y dirigido a la enseñanza primaria. En 1886, habiendo pasado tres años y bajo la misma presidencia, se expresaron los propósitos que debían orientar las acciones de un museo pedagógico:

El progreso humano, en su elaboración continua y trabajosa, no cesa de arbitrar nuevos elementos, cambiar ó modificar métodos, procedimientos, sistemas, siempre aspirando al perfeccionamiento y persiguiendo siempre la difusión de los conocimientos humanos, la propagación al mayor número de las comodidades que proporcionan cada día los nuevos adelantos y los nuevos inventos. Este hecho que puede palparse diariamente en lo que atañe al comercio y á las industrias, no deja de producirse en las manifestaciones de la vida intelectual de cada pueblo y muy particularmente en lo que concierne á la educación de la juventud. [...] la educación de un pueblo, es el principal factor con que se computa su estado de civilización. De aquí los Congresos y los Museos pedagógicos, que vienen a representar en la esfera educacional, lo que los tratados comerciales y las grandes exposiciones representan en la esfera industrial. [...] los museos vienen a ser una fuente viva de informaciones, una exposición permanente de materiales que se necesitan o se usan, de los resultados que se obtienen, y hasta pueden ser una muestra tangible de las evoluciones y progresos sucesivos en uno o en varios países (*El Monitor*, 1886, p.1315; se mantuvo la ortografía del original; el subrayado es nuestro).

Como se observa en el texto anterior, el Museo Pedagógico estuvo pensado como motor para la renovación metodológica y material de la educación, una educación para la mayoría, primaria o básica. Ello estaba enmarcado en una concepción progresista y evolutiva de la historia, de carácter positivista, para una sociedad que debía alcanzar los adelantos técnicos brindados por la ciencia y en el marco de un capitalismo industrial que se pretendía desarrollar dentro del territorio nacional. La educación era la que finalmente elevaría a la sociedad a un estado de “civilización”.

Pero la concreción del museo, aparentemente, presentaba dificultades o la falta de apoyos necesarios ya que, entre 1883 y 1886, no hubo grandes cambios. La idea era poder llegar a concretar lo que otros museos pedagógicos en el mundo habían logrado. En ese sentido, un museo que se expuso como ejemplo fue el Museo Pedagógico de Bruselas, creado en 1878 y puesto en funciones dos años más tarde.

Nombramos a continuación las secciones que reunió aquel museo, para observar las características que se pensaba que debía tener un “típico” museo pedagógico: Administración, legislación, estadística; material de escuelas; útiles didácticos; cosmografía y geografía; historia; ciencias naturales; dibujo; conocimiento de las lenguas; ciencias varias (gimnástica, música, higiene, moral, escritura, etc.; revistas pedagógicas) y trabajos manuales.

En Argentina, todavía se estaba lejos de alcanzar aquel modelo. Pasaron dos años; en diciembre de 1888, el Consejo Nacional de Educación aprobó el *Reglamento del Museo Escolar*, incorporado a la Biblioteca Nacional de Maestros: El reglamento de la institución procura que el museo responda al objetivo de ser medio de difusión de todo lo relacionado con la educación primaria:

Art. 1°. El Museo Escolar Nacional establecido en la capital de la República está destinado a difundir en cuanto sea posible el conocimiento de las materias que comprende los diversos ramos de la Instrucción Pública especialmente para la Instrucción Primaria común que le está confiada.

Art. 2°. Los depósitos del Departamento Nacional de Educación se formarán con una doble colección de los materiales de enseñanza que contienen la base del Museo Escolar. (Reglamento del Museo Escolar, El Monitor de la Educación Común, 1889, No 147, p. 334)

Para la formación de sus colecciones, el reglamento contempla tanto la acción del Estado nacional como del provincial, y también el recurso de préstamos o donaciones privadas.

Respecto del público al que estaba destinado el museo, por un lado se pensó en los alumnos de las escuelas y, por otro, a los docentes formados o en formación.

No queda claro, a partir del texto del articulado, cuál sería la experiencia que los alumnos podrían realizar en el museo; lo único que se desprende es la intención de que los escolares observaran lo que se presentaba en él. Ahora bien, analizando el inventario realizado un año y medio después, entendemos que este museo respondía más al modelo de museo pedagógico que al de museo escolar.

Uno de los principales objetivos que tenía era la difusión del método intuitivo lo que se evidencia en la profusa colección de carteles, mapas, cuadros y láminas, como así también en la incorporación de las ciencias naturales en los planes de estudio.

También se observa la ausencia de materiales relacionados con la enseñanza de la historia nacional, pues en aquel momento aún no existían estos materiales de producción local. Así lo evidencian las críticas de Mercante (1893) y Senet (1896) en sus respectivas publicaciones.

Volviendo al inventario del museo, podemos percibir en él la intención de “modernizar” e “higienizar” las prácticas escolares a través de la arquitectura, el mobiliario o el uso de ciertos útiles escolares. El estado de las escuelas en varios distritos del país presentaba deficiencias en cuanto a la arquitectura, la provisión de materiales didácticos, el mobiliario, la formación docente y los métodos implementados.

En 1893, la Argentina participó en la Exposición Colombina de Chicago, a la que envió parte del material de que disponía el museo: Legislación, reglamentos, programas, mobiliario, textos, memorias, informes, censos, edificios, conferencias, trabajos de los maestros y alumnos.

La articulación del método intuitivo con el positivismo naturalista argentino señaló la orientación que iba a tener el museo pedagógico en la Argentina. “El método intuitivo experimental ejerce en la enseñanza primaria, aplicado a las diversas materias que ella comprende y muy singularmente en las lecciones sobre cosas y en las ciencias naturales [...]” (“Conferencia del Sr. Guillermo Navarro”, en *El Monitor*, 1894, p. 1.167). Esta relación promovió la utilización de objetos en las aulas expresada en dos vertientes: el establecimiento de las llamadas *lecciones de cosas* como asignatura y la promoción de colecciones o *museos escolares* en las escuelas.

El Museo Pedagógico en “Corredores”

El museo pedagógico continuó en proceso de construcción por varios años: “El museo escolar ha adquirido ya la apariencia de tal” (*El Monitor*, 1898, p. 92). Es significativa la incorporación de una disciplina novedosa: trabajo manual, aunque la necesidad de incorporar el trabajo manual a las disciplinas escolares ya había sido planteada con anterioridad.

Mudada la colección del museo en 1903 al nuevo edificio del Consejo Nacional de Educación (FIG. 1), ocupó la planta alta de la Biblioteca Nacional de Maestros (FIG. 2). Para entonces contaba con 693 objetos y fue visitado por 441 personas. También, por el sistema de préstamos a los maestros, figuran en ella 856 “objetos naturales, imitaciones plásticas o láminas para la enseñanza intuitiva”. “Se exhibe en él cuanto puede concurrir a facilitar la enseñanza intuitiva” (*El Monitor*, 1903, p. 64).

Figura 1: Nuevo edificio del Consejo Nacional de Educación



Fonte: <http://www.cienciayfe.com.ar/buenosaires/mirarx2.php?nroid=767>

Figura 2: Biblioteca Nacional de Maestros

Fonte: El Monitor, 1904: 1.379.

Según un informe del propio museo, hacia 1904 éste iba progresando. El sentido dado a la palabra *progreso* se asentaba sobre la cantidad de visitantes (187 más que el año anterior), la cantidad de préstamos (248 más que el año anterior) y el incremento de sus colecciones (65 objetos, 23 por donación, 37 por compra, 2 del depósito de útiles y textos y 3 enviados por el Consejo). Para este período, el museo se define como institución *complementaria* de la escuela primaria y como un museo que refuerza el préstamo más que la exhibición.

Veintisiete años habían pasado desde la decisión de crear un museo pedagógico nacional con un sentido prospectivo e instituyente para crear y consolidar el sistema educativo, renovando la educación en sus aspectos político-pedagógicos. Sin embargo, en todo ese tiempo el museo no llegó a contar con un lugar adecuado. En sus últimos años, solo disponía de los corredores del Consejo Nacional de Educación: una historia muy diferente de la que vivieron algunos museos pedagógicos en otros lugares, como Francia, Bélgica y Uruguay, instituciones que aparecían como modelos a imitar.

Cuando Ramos Mejía accedió al Consejo Nacional de Educación, comenzó un nuevo impulso al museo, reforzando el sentido de *museo escolar*, modalidad que, como expusimos, había comenzado a extenderse en las escuelas de la Argentina. Pero no solo se daba respuesta a problemas político-pedagógicos o didácticos: la creación de museos escolares y museos pedagógicos se produjo en un momento en donde la cuestión de la “construcción de la nacionalidad” era un tema cada vez más prioritario.

El Museo Escolar Sarmiento (1910-1940)

El Museo Escolar Sarmiento fue la continuidad del Museo Escolar Nacional del Consejo Nacional de Educación, no solo por su dependencia institucional, sino también por su conformación.

Como parte de la conmemoración del Primer Centenario de la Revolución de Mayo, el Consejo Nacional de Educación, presidido por Ramos Mejía, organizó entre otras iniciativas una Exposición Escolar y un Museo Histórico. La conmemoración transcurrió en un clima festivo y, a la vez, hostil. Dentro del contexto de las naciones occidentales, el Centenario en la Argentina se coloca en el cuadro temporal de construcción de identidades nacionales que comenzó a mediados del siglo XIX hasta la culminación de la Primera Guerra Mundial,

caracterizado por procesos de homogenización de identidades dirigidos principalmente por las elites gobernantes en contextos de industrialización y urbanización. Se suma a este panorama, como contrapartida, la emergencia de un movimiento obrero internacionalista, que encontraría sus límites en la defensa de la patria en peligro, como ocurrió durante la Primera Guerra Mundial. En cuanto a la Argentina, hay que tener en cuenta dos importantes aspectos:

- La ola inmigratoria que había recibido durante el último cuarto del siglo XIX. Los inmigrantes eran proveedores de mano de obra para un mercado en rápida expansión.
- La crisis de la oligarquía, que había comenzado en la década de 1890, dejando a la vista una creciente ilegitimidad de su autoridad y la lucha entre fracciones al interior de la misma.

En este contexto, y apoyada quizá por la cercanía de los festejos del Centenario, se produjo una profundización del nacionalismo.

Una de las principales características de la gestión de Ramos Mejía fue la expansión administrativa, mediante el aumento de agentes estatales y controles destinados a consolidar la burocracia, manteniendo una dirección fuerte y centralizada de su presidente.

Se reformaron los planes de estudio con objetivos “nacionales y patrióticos”; la obligatoriedad de ser argentino o nacionalizado para acceder al cargo de maestro y la apelación al poder de la imagen mediante la creación de museos, la “pedagogía de las estatuas” y la producción de materiales escolares. Cada escuela debía procurarse de los medios para una enseñanza “objetiva de la historia”. Objetos varios como retratos, armas, láminas.

En este contexto se proyectó la creación de un Museo Histórico Escolar y una Exposición Escolar, ambos llegarían a ser parte del futuro Museo Escolar Sarmiento. El Museo Histórico Escolar, se componía de Cartas geográficas en color o en relieve, Reproducción fotográfica de las cartas geográficas antiguas, Planos topográficos, escenas históricas.

Por su parte, la Exposición Escolar se conformaría a partir del material seleccionado que trabajaron las escuelas durante el año 1910 y con una serie de cuadros y relieves sobre historia nacional que el Consejo compró a Carlos M. Biedma.

Luego de finalizada la exposición, el Consejo decidió que permanecieran abiertas las muestras del Museo Histórico Escolar y la Exposición Escolar en los meses del receso de verano (diciembre y enero) para que pudiera ser visitada por los maestros de Territorios y Colonias, para lo cual “recibirán gratuitamente el pasaje” (Ramos Mejía, 1910).

Es así que nació la idea de convertir ambas exposiciones en un museo “[...] en donde se hallarían objetivados todos los tópicos de los programas, dando una preferente atención [...] a la Historia Patria” (Ramos Mejía, 1910, p. 423).

El Museo Escolar Sarmiento nació a partir de los materiales del Museo Escolar Nacional que funcionaba en el CNE y con las muestras preparadas para el Centenario del Museo Histórico Escolar y la Exposición Escolar. Además, se sumó el patrimonio heredado del Museo Pedagógico que dependía del Ministerio de Justicia e Instrucción Pública y materiales adquiridos en los Estados Unidos.

Ramos Mejía intentaba imprimir al nuevo museo una orientación que reforzara el concepto de *museo escolar*:

Para satisfacer las exigencias actuales de la instrucción no basta la exposición de ejemplares y cuadros agrupados en materias afines con un criterio científico, sino que es menester ofrecer un lugar donde se ejerciten realmente la inteligencia escolar no solo observando sino también trabajando, no solo en forma pasiva sino activa; que el museo,

en una palabra, sea la futura escuela práctica y experimental del maestro y del educando (Ramos Mejía, 1910: 242; el subrayado es nuestro).

Planteaba, por lo tanto, un museo-escuela, orientado tanto hacia el alumno como al docente:

Es, ante todo, un centro docente destinado a desenvolver la enseñanza en forma fácil, amena, rápida y comprensiva. [...] El museo es no solo la casa donde aprenden sus conocimientos científicos [...], sino un lugar donde se crearán hábitos de estudio, [...] y reconforta [rán] su espíritu con el ejemplo de los próceres y las enseñanzas de los maestros (Ramos Mejía, 1910, p. 424).

Además de funcionar como un modelo de museo escolar a la par de los museos instalados o por instalarse en las escuelas, cumpliría con las funciones de un museo pedagógico, en lo relativo a su objetivo de formación docente. El público potencial en el que se estaba pensando cuando se desarrolló el proyecto eran los estudiantes de primaria, los maestros y los estudiantes de magisterio.

El Museo se Concreta

En 1911 asume como director (honorario) del museo Carlos M. Biedma y como subdirector Luis María Jordán, ex director del Museo Pedagógico dependiente del Ministerio. En el mes de julio el Museo Escolar Sarmiento fue abierto al público.

El alcance y la categoría que Ramos Mejía le quiso dar al museo quedaron plasmados en su constitución. El edificio que lo albergaba era la escuela Sarmiento (Callao 450), una de aquellas construcciones calificadas como “escuelas palacio”, ubicada en un lugar céntrico de la ciudad de Buenos Aires y muy cercana al Palacio Sarmiento, donde funcionaba el Consejo Nacional de Educación.

La idea del museo-escuela quedó así concretada: “Podría decirse que es una gran escuela, provista de una cantidad enorme de material de enseñanza y en donde irá a recibir sus lecciones frecuentemente el mayor número posible de educandos” (*El Monitor*, 1911: 156). Sería una “escuela modelo” para consolidar el “normalismo” de base científicista e intuitivista.

A solo un año de su constitución, el museo comenzó a recibir críticas y el espacio designado para el museo en 1910, de a poco, iba a sufrir constricciones. Sin el respaldo político de sus mentores, en particular el de Ramos Mejía, la suerte del museo cambiaría. En principio, el 12 de febrero de 1913 se autorizó (mediante el expediente 1.231) a la Presidencia del Consejo para que adoptara las medidas necesarias a fin de que desde el 1º de marzo, la escuela Sarmiento se reabriera en su local propio de la calle Callao 450, debiendo al mismo tiempo proyectar lo relativo al mejor funcionamiento del Museo Escolar Sarmiento. Días después, el 15 de febrero (expediente 1.441): “Siendo escasa la inscripción obtenida por la escuela N° 4 del C. E. 1º”, se resuelve que la Oficina de Decorado Escolar funcione en el mismo edificio. Por último, en 1914 se fundó en el edificio la Escuela Normal Sarmiento N° 9, que aún continúa funcionando, y el museo pasó a ubicarse en la calle Charcas 1081¹.

De los datos relevados en la revista *El Monitor*, pudimos observar que el museo continuó en actividad realizando actos públicos, conferencias y clases magistrales, tales como: “La finalidad de la escuela primaria”, “Clase sobre gráficos de expresión”, “Procedimientos que se emplean en la educación de los niños que concurren a las escuelas de niños débiles”, “Conferencia sobre el ahorro escolar” (1915). Se realizaron conferencias mensuales sobre

¹ Esa manzana de la ciudad de Buenos Aires ya no existe, debido a las obras que se realizaron para construir la Avenida 9 de Julio durante la presidencia de Agustín P. Justo, a partir de 1937.

principios y práctica de la enseñanza para directivos y maestros (1918), y también se participó en exposiciones internacionales: “El Jurado de la Exposición Internacional realizada en San Francisco (E.U.), en 1915, ha otorgado al M E S una medalla de plata, con su correspondiente diploma, por su colaboración en la parte de Educación de la República Argentina, en esa Exposición” (*El Monitor* N° 529, 1917, p. 183).

Si este tipo de actividades demuestran que el Museo Sarmiento continuó siendo una institución pedagógica, otras actividades nos confirman que también fue un museo escolar. Bajo la dirección *ad honorem* de María A. Torr , el 30 de junio de 1916 se inauguró la “Sala de los Niños” en el Museo Escolar Sarmiento, “cuya tendencia de museo-escuela se acentúa con esta nueva y simpática idea” (*El Monitor*, 1916, p.58). En el programa del museo para 1918 se contemplaba “Recibir diariamente visitas de escuelas o grados preparándose en cada caso un programa de clases apropiado a la edad y capacidad de los niños visitantes” (*El Monitor*, 1918, p.12).

Algunos intelectuales argentinos señalaban que el Museo Sarmiento se diferenciaba de un museo pedagógico tal como se los definía en América o Europa. En ese sentido, el inspector técnico general Reyes M. Salinas defendía, en el discurso de inauguración de la Sala de los Niños, que al Museo Sarmiento se le hubiera dado el nombre de *museo escolar* en vez de *pedagógico*, porque

no debe ser un archivo de cosas viejas usadas por niños y maestros de otras épocas o de cosas que de alguna manera se relacionan con la educación, sino una verdadera escuela de ambiente en que se hace revivir el alma de las cosas para que sirva de ejemplo, de comprobación y de estudio (*El Monitor*, 1916, p. 59)².

El museo debía proyectarse como un modelo de lo que debería ser un *museo escolar* en cada escuela, pero, a la vez, se planteaba como museo pedagógico, es decir, modelo de la materialidad y las prácticas escolares que se querían instituir.

Luis María Jordán, subdirector del museo desde 1911, llegó a ser su director en 1919. Fue un defensor de la articulación de los dos conceptos de museo: el museo escolar, basado en la metodología de la enseñanza intuitiva, y el museo pedagógico, orientado a la formación y el perfeccionamiento de los docentes. Por esos años, continuaron suscitándose inconvenientes y disputas respecto del emplazamiento del museo. En noviembre de 1920 se reanudaron las conferencias que habían sido interrumpidas por las refacciones del local, y en 1921, a diez años de su creación, continuaban los problemas que afectaban a la institución desde sus inicios: la falta de un local adecuado, de materiales completos y de personal técnico. Para hacer frente a esta situación, se profundizó la metodología del préstamo.

Jordán también marca los préstamos como una cualidad del Museo Escolar Sarmiento que lo diferenciaba de los museos pedagógicos de Uruguay, Chile y Brasil, que no prestaban material, pues respondían a un tipo de museos pedagógicos enfocados en presentar una colección de objetos que demostraran la evolución de la ciencia pedagógica. En los Estados Unidos, solo algunos museos prestaban material; el de París, por su parte, “presta muy poco y solo da facilidades para la consulta de los libros”. Algunos cantones suizos tienen museos con carácter circulante, “pero el trámite administrativo es engorroso y el material escolar reducido” (Jordán en *El Monitor*, N° 588, 1921, pp.162-163). Los alemanes, antes de la Gran Guerra, tenían establecimientos de primer orden, pero no se había generalizado entre ellos el régimen de préstamos de material. Además de los anteriores, Jordán menciona los museos escolares de Rusia (Petrogrado), Japón (Tokio), España, Italia, Suecia, Noruega, Bélgica, Portugal, Holanda, Grecia y Dinamarca, pero

² A finales de 1916, era director del museo José Berrutti, y subdirector Luis María Jordán.

aclara que “ninguno presta el material”. En 1936, estando el Museo a cargo de Carlos A. Salinas, se continúa ofreciendo formación para maestros, clases de taxidermia y otras técnicas, recibiendo a grupos de docentes y alumnos y dando materiales en préstamo a escuelas y docentes. Paralelamente, por iniciativa del CNE, se instaba a la creación de museos pedagógicos regionales en provincias y territorios, como filiales del Museo Escolar Sarmiento³. Sin embargo, la revista *La Obra* publicó una fuerte crítica al museo: “Es que el museo Sarmiento no presta la utilidad que de él se esperaba cuando se propuso su creación. Solo cumple bien una parte de su cometido: es un museo. Y un museo de cosas muertas” (“Museos escolares regionales en provincias y territorios”, en *La Obra*, 1936, p. 384). Según esta publicación, el museo solo se aprovechaba para las clases “modelo” que realizaban las alumnas de las escuelas normales, pero las escuelas no recibían ningún beneficio, ya que no estaban informadas del material con que contaba el museo.

En 1940, siendo presidente del CNE Pedro M. Ledesma, el Consejo publicó el expediente⁴ que daría por terminada la trayectoria del museo: “1°. Sustituir la designación de la dependencia denominada *Museo Escolar Sarmiento* por la de *Oficina de Ilustraciones, Decorado y Cinematografía Escolar Domingo Faustino Sarmiento*” (*El Monitor*, 1940, p. 162).

Fin de Ciclo

¿Qué sucedió entre el deseo manifiesto de que el museo fuese “un organismo vivo, en relación directa con los maestros y escuelas de la comarca” y de “quitarle el carácter solemne y suntuario”, como pretendía Luis María Jordán, y el “museo de cosas muertas”, como lo describía la revista *La Obra*? Y sobre todo, ¿por qué dejó de existir?

Pensamos que el cierre del museo no se explica por razones pedagógicas o didácticas, ya que el método intuitivo seguía vigente y, tanto los representantes del movimiento de la Escuela Nueva como los más normalistas, más allá de las diferencias en sus prácticas, utilizaban este método y hacían uso de museos escolares para sus clases.

Por un lado, entendemos que las escuelas ya se estaban proveyendo de materiales para la enseñanza, fundamentalmente de láminas, aunque también de otro tipo de objetos que componían grandes o pequeños museos escolares. A raíz de ello, los pedidos al Museo Escolar Sarmiento comenzaron, lentamente, a decrecer.

Cuadro 1: Préstamos y Visitantes en el Museo Escolar Sarmiento

Año	Préstamos	Visitantes
1903	856	441
1904	1104	628
1911	4500	s/d
1912	10.000	s/d
1913	18.900	s/d
Abril de 1924	10.210	3.221
Octubre de 1924	12.641	5.196
Abril de 1926	6.403	2.757

Datos contruidos en base al Monitor de la Educación

Los datos que disponemos son pocos y parciales (Cuadro 1.); sin embargo, podemos realizar algunas inferencias a partir de ellos. Si durante todo el año 1903 se

³ Resolución del CNE del 5 junio 1936, en *El Monitor* No 762, p.118

⁴ Expediente 29375/M/938, en *El Monitor* No 816, p. 162.

efectuaron 856 préstamos en lo que era el Museo Escolar Nacional y en 1924, siendo Museo Escolar Sarmiento, en un solo mes (octubre) se realizaron 12.641 préstamos, podemos acordar en que se produjo, entre ambas fechas, un estimable aumento de sus actividades, en cuanto a préstamos se refiere. Lo mismo si observamos la cantidad de visitantes: 441 durante 1903 y 5.196 durante el mes de octubre de 1924. En el lapso de veinte años, el museo creció. Ahora bien, si comparamos los meses de abril de 1924 y 1926 en cuanto a los visitantes y los préstamos, observamos una merma sustancial en la última fecha. La mayor demanda de los pedidos era de láminas: 3.800 durante abril de 1924, 4.900 durante octubre del mismo año, 3.200 en abril de 1926.

Por otro lado, es significativo que el cierre del Museo Sarmiento coincidiera con la inauguración oficial del Museo Argentino para la Escuela Primaria en el Instituto Bernasconi, en 1939 por iniciativa de Rosario Vera Peñaloza, un museo escolar de grandes proporciones con respaldo económico suficiente.

El Museo Escolar Sarmiento, hacia 1939, no contaba con un espacio adecuado para exposiciones y dentro del presupuesto del CNE, la partida para el museo era la más baja entre todas las partidas de las demás reparticiones y en ese año, registraba “ventas” además de los préstamos de material escolar que venía realizando para distintas escuelas de la Capital, territorios, provincias y museos regionales. Esto puede ser un síntoma del desmantelamiento que estaba sufriendo el museo.

Por último, pensamos que el carácter prospectivo e instituyente que tuvo el museo pedagógico del CNE en sus primeros momentos, a finales de la década de 1930 ya no era necesario: las bases del sistema ya estaban constituidas. La difusión y puesta en práctica del método intuitivo y la construcción de una identidad nacional a través de materiales contruidos para y en la Argentina eran objetivos ya logrados.

Referencias

MERCANTE, Víctor (1893). *Museos escolares argentinos y la escuela moderna*. Buenos Aires, Imprenta de Juan Alsina.

RAMOS, Juan P. (1910). *Historia de la Instrucción Primaria en la República Argentina, 1810-1910 (Atlas Escolar)*. Buenos Aires, Jacobo Peuser.

RAMOS MEJÍA, José María (1910). *La Educación común en la República Argentina*. Consejo Nacional de Educación.

SENET, Honorio J. (1896). *Museos Escolares. Cómo se pueden formar*. La Plata, Talleres Solá, Sesé y Cía.

Fuentes

Monitor de la Educación Común (1889) “Reglamento del Museo Escolar”, No 147, p. 334.

Monitor de la Educación Común (1894) “Conferencia del Sr. Guillermo Navarro”, No 254, p. 1.167.

Monitor de la Educación Común (1898) “Biblioteca y Museo”, No 302, p.92.

Monitor de la Educación Común (1903) “Biblioteca y Museo Escolar”, No 361, p.64.

Monitor de la Educación Común (1904) “Biblioteca de Maestros - Museo Escolar”, No 380, p. 1375.

Monitor de la Educación Común (1911) “El Museo Pedagógico y Reglamento de la Oficina de Canje y Museo Escolar Sarmiento”, No 460, p.156.

Monitor de la Educación Común (1917) “Exposición de dibujo en el Museo Sarmiento”, No 529, p. 183.

Monitor de la Educación Común (1916) “La fiesta del árbol en el Museo Escolar Sarmiento”, No 527, p.58.

Monitor de la Educación Común (1918) “Distinción al Museo Escolar Sarmiento”, No 550, p.12.

Monitor de la Educación Común (1936) “Museos Escolares”, No 762, p.118

Monitor de la Educación Común (1940) “Sección Oficial”, No 816, p. 162.

Revista La Obra (1936) “Museos escolares regionales en provincias y territorios”, p. 384.



Museu e Biblioteca Pedagógicos: um grande gabinete experimental de ciência popular (Montevidéu / Uruguai, 1889...)¹

The Museum and Library of Pedagogy: a grand experimental showcase of popular science (Montevideo / Uruguay, 1889...)

Museo y Biblioteca Pedagógicos: un gran gabinete experimental de ciencia popular (Montevideo / Uruguay, 1889...)

Vera Lucia Gaspar da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina (Brasil)
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
<https://orcid.org/0000-0003-2957-5708>
<http://lattes.cnpq.br/8881750759405221>
vera.gaspar.udesc@gmail.com

Gabriel Scagliola
Museo Pedagógico José Pedro Varela e Institutos Normales de Montevideo (Uruguai)
<https://orcid.org/0000-0003-2470-4179>
gabriel.scagliola@gmail.com

Resumo

O Museu Pedagógico do Uruguai foi fundado em Montevidéu em 1889, formando par com a Biblioteca Pedagógica num projeto que buscou interlocução internacional. Agregou em suas funções uma espécie de formação prática de professores primários com laboratórios e instrumentos que permitissem ensaios de práticas, divulgação de ideias pedagógicas e exposição de artefatos que ajudassem a construir socialmente um modelo ideal de escola, bem como apoiava sua comercialização. Alberto Gómez Ruano (1858-1923), seu primeiro diretor, teria tido atuação fundamental na criação dos Institutos Nacionales: Museo y Archivo Histórico Municipal, do Servicio Meteorológico de Uruguay e da Biblioteca y Museo Pedagógicos, um aparato estatal com base científica e modernizadora. A exemplo de congêneres, este museu funcionou como canal de conexão com outros países, promovendo troca de peças para os acervos, de informações sobre gerenciamento e organização, visitas, arranjos para a exposição e comercialização de artefatos.

Palavras-chave: Museu Pedagógico. Circulação de ideias pedagógicas. Cultura material escolar. Museu Pedagógico José Pedro Varela.

¹ Trabalho articulado ao Projeto de Pesquisa “Objetos da Escola: Por uma história material da experiência escolar (1880-1920)” (UDESC/CNPq/FAPESC). Revisão dos originais de Fernando Coelho - zeffiretto@gmail.com.

Abstract

The Museum of Pedagogy of Uruguay was founded in Montevideo in 1889, paired with a Library of Pedagogy in a project that sought international dialog. Its functions included practical training for primary school teachers with laboratories and instruments that could test practices, disseminate pedagogical ideas and exhibit artifacts that could help form ideal models for schools. The Museum also helped the sale of these artifacts. Alberto Gómez Ruano (1858-1923), its first director, had a fundamental role in the creation of the Institutos Nacionales: Museo y Archivo Histórico Municipal, of the Servicio Meteorológico of Uruguay and of the Biblioteca y Museo Pedagógicos, a state apparatus dedicated to science and modernization. Like similar institutions of this kind, the museum served as a channel for connections with other countries, promoting the exchange of items for the collections, information about management and organization, visits, arrangements for the exhibition and the sale of artifacts.

Keywords: Museum of Pedagogy. Circulation of pedagogical ideas. Material school culture. José Pedro Varela Pedagogical Museum.

Resumen

El Museo Pedagógico de Uruguay fue fundado en Montevideo en 1889, formando pareja con la Biblioteca Pedagógica en un proyecto que buscaba el diálogo internacional. Añadió en sus funciones una especie de formación práctica de profesores de primaria con laboratorios e instrumentos que permitieron experimentaciones de prácticas, difusión de ideas pedagógicas y exhibición de artefactos que ayudaran a construir socialmente un modelo ideal de escuela, así como apoyaba su comercialización. Alberto Gómez Ruano (1858-1923), su primer director, habría tenido un papel fundamental en la creación de los Institutos Nacionales: Museo y Archivo Histórico Municipal, del Servicio Meteorológico de Uruguay y de la Biblioteca y Museo Pedagógicos, un aparato estatal basado en la ciencia y la modernización. Al igual que sus congéneres, este museo funcionó como un canal de comunicación con otros países, promoviendo el intercambio de piezas para las colecciones, información sobre gestión y organización, visitas, arreglos para la exposición y comercialización de artefactos.

Palabras clave: Museo Pedagógico. Circulación de ideas pedagógicas. Cultura material escolar. Museo Pedagógico José Pedro Varela.

Recebido: 09/09/2021

Aprovado: 11/11/2021

Um pouco do contexto

El Museo y Biblioteca Pedagógicos de Montevideo, es una exposición permanente de libros, publicaciones y material general de enseñanza primaria y especial, creado por el Gobierno del Uruguay con el objeto de hacer conocer los progresos realizados en el país en tal sentido por el concurso oficial y la iniciativa privada, como también los que con el mismo fin efectúan en el extranjero las autoridades, corporaciones y especialistas más caracterizados. (Gómez Ruano, 1894, p. 1)

Esta citação é uma nota explicativa que se acha estampada em vários documentos que compõem narrativas sobre a instituição e, como podemos ver, já anuncia sua conexão com o estrangeiro. Ainda que espelhe descrição localizada em outras fontes e com referência a diferentes países, os estudos que temos acumulado evidenciam a impossibilidade de cristalizar um conceito e uma função para os Museus Pedagógicos, seja em sua origem, seja no transcurso de sua atuação. Por certo, é possível encontrar pontos de convergência, e são muitos, que identificariam uma geração de instituições desta natureza, mas há características que as diferenciarão, assim como suas funções serão alteradas ou “atualizadas” para atenderem novas demandas. E é nesta perspectiva que pretendemos abordar o atualmente nominado Museo y Biblioteca José Pedro Varela², criado em Montevideu, capital do Uruguai, em 1889 e ainda em funcionamento, como uma instituição com vida própria, mas articulada a necessidades e demandas da educação nacional e constituída com inspiração e parceria com instituições congêneres.

Segundo Angel García del Dujo, no “Manuel général de l’instruction primaire”, de autoria de Ferdinand Buisson e publicado em 1878, este afirma que “Todos los países celosos del progreso de la instrucción tienen hoy sus museos nacionales de instrucción primaria” (*apud* GARCÍA del DUJO, 1985, p. 41). Destacamos esta como uma referência importante que ganha força no discurso pedagógico que atua, de forma significativa, na materialização dos projetos de escolarização da infância em vários países nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX.

Referindo-se à Espanha, Agustín Escolano Benito caracteriza os museus pedagógicos como “una de las instituciones que más han contribuido a la modernización de nuestra educación en la época contemporánea” (*in* GARCÍA del DUJO, 1985, p. 11). Gómez Ruano sabia tirar proveito deste tipo de argumento, como se pode ver em correspondência de abril de 1899 na qual, ao encaminhar proposta orçamentária para a composição do projeto de gastos da nação, apresenta a instituição como “una oficina valiosa para el país y única en su género en toda la América de habla latina, como ha sido calificada por Mr. Buisson, Mr. Compayré, Dr. Berra, etc.” (Memoria Descriptiva Extracto³, 18 de abril de 1899, s.n.p.), linha de discurso que será utilizada reiteradas vezes.

Ainda que num cenário de otimismo em relação ao papel que estes museus desempenhariam, a sua criação era debatida, defendida, e muitas vezes a sua fundação se dava

² Atualmente as duas instituições, Museu e Biblioteca, funcionam administrativamente separadas, ainda que compartilhem o mesmo edifício; a primeira com o nome “Museu Pedagógico José Pedro Varela”, e a segunda “Biblioteca Pedagógica Central Mtro. Sebastián Morey Otero”.

³ Por tratar-se de referência muito longa optamos por abreviá-la no corpo do texto com o uso de reticências; a forma completa encontra-se ao final.

entre exposições e conferências pedagógicas, exigindo-se, portanto, cautela, como advertira Manuel Bartolomé Cossío, recuperado na análise apresentada por Ángel García del Dujo ao tratar do Museo Pedagógico Nacional da Espanha:

El peligro que encerraba, sin embargo, esta corriente era grave, la atribución a los medios materiales de la enseñanza de un poder supremo y decisivo. M. B. Cossío llamaría acertadamente a esta excesiva veneración fetichismo pedagógico⁴. (GARCÍA del DUJO, 1985, p. 43)

Ainda que o autor construa seu argumento particularmente destacando a questão da higiene escolar, um aspecto bastante exaltado em exposições universais e congressos de educação do período, entendemos ser possível fazer uma analogia com os museus pedagógicos. No alerta, Bartolomé Cossío oferece indícios da construção de um aparato burocrático estatal que contribuiu para homogeneizar e normalizar as práticas escolares. A organização das bibliotecas pedagógicas, a manutenção de modelos de plantas e de mobiliário escolar em seus acervos, de textos com legislação de outros países, bem como de dados estatísticos, e a organização de conferências e cursos destinados aos professores são elementos que caracterizam tal instituição na maior parte dos países e que assegurariam, de certa forma, a circulação de informações e o estabelecimento de países de referência ou, como aconteceu no Uruguai, a criação de um modelo próprio mas que, para ser concebido, precisaria inspirar-se no outro e dele extrair o melhor ou o mais viável.

No intuito de ampliar as lentes de leitura e inserir o museo pedagógico do qual nos ocupamos aqui num contexto alargado, trazemos à cena um quadro montado com base na relação de museus pedagógicos criados entre 1850 e 1906, apresentada por Ángel García del Dujo.

Quadro 1 - Relación de los Museos Pedagógicos creados entre 1850-1906⁵

Lugar	Nación	Año	Lugar	Nación	Año
Stuttgart	Alemania	1851	Gotha	Alemania	1889
Hambourg	Alemania	1855	Montevideo	Uruguay	1889
Toronto	Canadá	1857	Bozen	Austria-Hungría	1889
Londres	Inglaterra	1857	Praga	Austria-Hungría	1890
Saint-Petersbourg	Rusia	1864	Kiel	Alemania	1890
Leipzig	Alemania	1865	Breslan	Alemania	1891
Viena	Austria-Hungría	1872	Hildesheim	Alemania	1891
Roma	Italia	1874	Londres	Inglaterra	1892
Zürich	Suiza	1875	Wolfenbüttel	Alemania	1892
Munich	Alemania	1875	Hanovre	Alemania	1892
Berlín	Alemania	1875	Bamberg	Alemania	1896

⁴ Na nota de rodapé (de número 39) que acompanha esta análise o autor informa que “Son varias las obras en las que Cossío denuncia este defecto” e indica a consulta de “*El maestro, la escuela y el material de enseñanza*”, obra escrita por Cossío (Madrid, R. Rojas, 1906).

⁵ Em outros trabalhos reproduzimos este quadro a partir do texto de Kazumi Munakata e Katya M. Z. Braghini, intitulado “Fontes para a história da educação dos sentidos, numa abordagem transnacional” (2014), citado nas referências. Para o presente texto tivemos acesso ao livro de Ángel García del Dujo, localizado na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de Ilhas Baleares, na Espanha, o que permitiu ajustes de grafia e datas. Também fomos à fonte indicada por García del Dujo, qual seja, o verbete *Musées Pédagogiques* de autoria de Maurice Pellisson, que integra o *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d’Instruction Primaire*, organizado por Ferdinand Buisson (Paris: Librairie Hachette et Cie, 1911, pp. 1367-1376). Consultamos a versão impressa do Dicionário, disponível na Biblioteca Pedagógica Central Mtro. Sebastián Morey Otero, que funciona no mesmo edifício que abriga o Museu Pedagógico José Pedro Varela, em Montevideu, além da versão disponível on-line disponível no endereço <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/document.php?id=3241>.

Donauwoerth	Alemania	1876	Posen	Alemania	1897
Berlín	Alemania	1877	Rixdorf	Alemania	1897
Magdebourg	Alemania	1877	Hambourg	Alemania	1897
Budapest	Austria-Hungria	1877	Laibach	Austria-Hungria	1898
Amsterdam	Holanda	1877	Belgrado	Yugoslavia	1898
Tokio	Japón	1878	New York	EE.UU.	1900
Berna	Suiza	1878	Oldembourg	Alemania	1900
París	Francia	1879	Francfort-sur-le-Main	Alemania	1900
Bruselas	Bélgica	1880	Cologne	Alemania	1901
Palermo	Italia	1880	Agram	Austria-Hungria	1901
Regensbourg	Alemania	1880	Lausanne	Suiza	1901
Washington	EE.UU.	1881	Christiania	Noruega	1901
Genes	Italia	1881	Brême	Alemania	1902
Koenigsberg	Alemania	1881	Viena	Austria-Hungria	1903
Augsbourg	Alemania	1881	Kolberg	Alemania	1904
Graz	Austria-Hungria	1882	Stade	Alemania	1904
Rio de Janeiro	Brasil	1883	Straubing	Alemania	1904
Lisboa	Portugal	1883	Dresde	Alemania	1904
Madrid	Espana	1884	Danzig	Alemania	1904
Fribourg	Suiza	1884	Sofia	Bulgaria	1905
Copenhague	Dinamarca	1887	Atenas	Grecia	1905
Neuchâtel	Suiza	1887	Lucerne	Suiza	1905
Aarhus	Dinamarca	1887	Saint-Louis	EE.UU.	1905
Buenos Aires	Argentina	1888	Gleiwitz	Alemania	1905
Innsbruck	Austria-Hungria	1888	Potsdam	Alemania	1905
Rostock	Alemania	1888	Dresde	Alemania	1905
Jena	Alemania	1889	Wurzburg	Alemania	1905

Fonte⁶: García del Dujo, Ángel. *Museo Pedagógico Nacional (1882-1941): teoría educativa y desarrollo histórico*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1985, pp. 179-181. Pellisson, Maurice. *Musées Pédagogiques*. In: F. Buisson, *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'Instruction Primaire*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1911, pp. 1367-1376.

Se em países comumente apresentados na literatura da área como referências, como a França e a Inglaterra, os Museus Pedagógicos têm como embrião edições de Exposições Universais ou exposições vinculadas a conferências pedagógicas (ou similares) e delas herdaram parte significativa do acervo, em outros, como é o caso do Uruguai, a justificativa de criação é construída com outros argumentos, embora a herança do espólio inicial também seja uma Exposição Universal. No ano 1888, Alberto Gómez Ruano, a quem seria delegada a direção do Museu, visitou vários países do continente europeu e “por indicación del Inspector Nacional de Instrucción Primaria [do Uruguay], don Jacobo A. Varela”, incluiu “en el programa de su viaje [...] el estudio de la organización de un Museo Pedagógico y de una Biblioteca Especial para la Escuela Normal”. Gómez Ruano finaliza a sua alocução propondo a criação de ambos os establecimientos, “sin exigir por ello compensación alguna” (ACEVEDO, 1929, p. 138). A condição de diretor honorário permaneceria por cerca de 10 anos, após os quais começou a receber remuneração regular.

⁶ Segundo nota do autor este quadro tem como fonte a obra “Die ausländischen Schulmuseen”, de Max Hübner (Alemania: Breslau, 1906. Recogido por M. Pellisson, « Musées Pédagogiques », en F. Buisson, *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'Instruction Primaire*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1911, pp. 1367-1376.). García del Dujo advierte que, comparando-se os dados deste quadro com os de outras fontes, existem algumas variações no tocante a datas, o que poderia ser atribuído ao fato de alguns registrarem a data de criação e outros a data de início de funcionamento (García del Dujo, 1985, p. 181).

Ainda que a criação do Museu e da Biblioteca fizessem parte do projeto político para a instrução uruguaia capitaneado inicialmente por José Pedro Varela (1845-1879), com sua morte o irmão Jacobo A. Varela (1841-1900) assumiria a empreitada de dar-lhe materialidade. Contudo, nas *Memorias Descriptivas* que compõem o acervo documental da instituição encontramos rastros da autoproclamação de Alberto Gómez Ruano como seu criador e diretor. Acompanhemos um dos registros:

Por iniciativa de su actual Director, Dn. Alberto Gómez Ruano, el Poder Ejecutivo decretó el 5 de Enero de 1889 la creación del Museo y Biblioteca Pedagógicos, destinando al efecto uno de los edificios de propiedad nacional más amplios y mejor situado en la ciudad de Montevideo, y, a la vez, comisionó al mismo Sr. Gómez Ruano, en carácter honorario, para organizar y dirigir la referida Institución. (Memoria Descriptiva ..., 17 de mayo de 1901, p. 1.)

Conforme já anunciado, o crédito a Alberto Gómez Ruano como criador é reafirmado na documentação que compõe as memórias do museu, produzida, em grande parte, de próprio punho, por este diretor que esteve à frente da instituição desde a sua fundação, ali permanecendo por 30 anos. Em um dos poucos textos localizados até o momento dedicados a uma espécie de minibiografia, escrito por Raúl Montero Bustamante, encontramos uma descrição do Museu, destacado como a principal obra de Alberto Gómez Ruano:

El Museo y Biblioteca Pedagógicos, institución oficial creada y fundada por él desinteresadamente en 1889, fue su obra maestra. La concibió como **un gran gabinete experimental de ciencia popular**, dotado de una copiosa biblioteca circulante, en la cual agrupó las mejores obras del ingenio humano, y una biblioteca técnica y didáctica donde reunió las obras que tienen relación con la enseñanza y sus diversas disciplinas, y completó este acervo bibliográfico con vastas salas donde expuso el material objetivo de enseñanza para ponerlo al alcance de pedagogos, maestros, estudiantes y simples curiosos. Moblaje y menaje escolar, planchas murales, piezas anatómicas, colecciones zoológicas y botánicas, pequeños gabinetes de ciencias físico-naturales, modelos plásticos para la enseñanza del dibujo, exposición de métodos de enseñanza y material relacionado con el trabajo manual escolar, demostraciones de los problemas de higiene escolar, reliquias de la historia pedagógica, evocación de métodos y sistemas de la escuela del pasado, todo lo reunió, clasificó, coordinó y dispuso para el estudio objetivo y experimental, a fin de que los profesores y maestros y las escuelas concurren a hacer cursillos prácticos sobre el modelo vivo. (Montero Bustamante, 1955, pp. 313-314 – grifo nosso).

Para levar a cabo estes ideais, a instituição uruguaia teria entre suas funções⁷:

1. Disponer de originais de artigos de mobiliário escolar e material de ensino, tanto do país quanto do estrangeiro, para acesso às autoridades escolares, professores e especialistas na fabricação deste tipo de objetos.

⁷ Fonte: Memoria Descriptiva del Museo y Biblioteca Pedagógicos. Montevideo, 17 de mayo de 1901, pp. 2-7. Carpeta nº 47. Caja 42.

2. Disponibilizar material de ensino para fins de estudos, especialmente aos professores residentes⁸ no complexo que abriga o Museu.

3. Através de conferências periódicas, difundir novos conhecimentos sobre métodos de ensino.

4. Popularizar estratégias pedagógicas que favorecessem o progresso das escolas.

5. Apresentar os últimos modelos de material escolar enviados por fabricantes em forma de doação, sempre que reunissem as condições didáticas e higiênicas sugeridas para substituir com vantagens aqueles em uso. O Museu também deveria fornecer informações sobre preços e condições de venda destes materiais, incluindo livros.

6. Fomentar no país o desenvolvimento da literatura pedagógica, assim como a criação de novos ramos de indústrias relacionadas com a escola pública. Nesse intento previa-se a abertura de concursos e exposições

invitando para que concurran con sus obras a los profesores, autores y editores de libros didácticos y métodos de enseñanza, a los médicos e higienistas, a los ingenieros, arquitectos y constructores de modelos y planos de edificios escolares, a los industriales autores de aparatos, colecciones tipos de mobiliario y menaje para escuelas. (Memoria Descriptiva, 17 de mayo de 1901, p. 3)

7. Fornecer material para a representação do país em exposições nacionais e no estrangeiro.

8. Providenciar a publicação trimestral de uma revista intitulada

Anales del Museo Pedagógico de Montevideo, destinada a insertar con ilustraciones las conferencias y cursos dados en la Sala de Actos Públicos de la Institución, biografías, producciones y autógrafos de educacionistas y de personalidades que hayan contribuido al desenvolvimiento de la enseñanza; modelos, vistas y planos de edificios de escuelas; monografías de mobiliario y de material general, bibliografías de obras pedagógicas y de textos escolares, etc. (Memoria Descriptiva, 17 de mayo de 1901, p. 5)

9. Contribuir para a melhoria das escolas do ponto de vista higiênico, por meio da construção, em espaço destinado a este fim no próprio museu, de modelos de mesas-bancos escolares, do aperfeiçoamento da iluminação e ventilação das salas de aula, bem como da sua melhor localização, além de outros aspectos que envolvam questões de saúde de professores e alunos. Este item também contemplaria ensinamentos sobre o uso adequado e a conservação de lousas (*pizarras*), papel, livros, tinta, mapas e cartazes, entre outros.

10. Contribuir para popularização, em todas as classes sociais, sobre a importância do ensino popular, “mostrando en forma objetiva la suma de estudios y trabajos verificados en el Uruguay y fuera de él, por las autoridades escolares, protectores de la educación, especialistas e industriales”. (Memoria Descriptiva ..., 17 de mayo de 1901, p. 6.)

Quanto à organização interna, diversas seções compunham a instituição no início do século XX: *Sección de productos nacionales*; *Sección Jardines de la Infancia y Trabajos Manuales*; *Sección Geografía*; *Sección Higiene Escolar*; *Galerías*; *Sección Enciclopedia*; *Sección Histórica*; *Sección Arqueológica*; *Sección Iconográfica*; *Observatorio Meteorológico*; *Biblioteca Pedagógica* (composta por duas seções: uma

⁸ Referência às normalistas residentes no piso superior do complexo que abrigava também o Museo y Biblioteca e a Escola Normal.

teórica – com publicações do Uruguai e do estrangeiro que tratam de matéria pedagógica –, e outra didática – contendo livros de textos já utilizados ou em uso em escolas do país e do estrangeiro); *Sección Catálogos*; *Sala de Lectura y Trabajo*; *Sala de Conferencias Públicas*; *Laboratorio Fotográfico*; *Taller*.

Os dados até aqui apresentados oferecem indícios reveladores de que, ao menos no despontar do século XX, este Museu se utilizou de inúmeras estratégias para conectar ações do Estado com o que se fazia de “mais avançado” no estrangeiro, especialmente no tocante ao ensino primário. Desempenharia também funções de popularização do ensino e de difusão de ações do Estado. As seções que mais diretamente desempenharam estas funções foram *Galerías*, *Biblioteca Pedagógica*, *Sección Catálogos*; *Sala de Conferencias Públicas*; *Laboratorio Fotográfico e Taller*.

Intercâmbios e Conexões

Além dos dados já indicados, no tocante à relação com o estrangeiro, o Museo y Biblioteca Pedagógicos contava com uma espécie de grupo de conselheiros – no original “miembros corresponsales” –, que atualizariam o Diretor da instituição sobre os avanços relativos ao ensino primário e especial levados a cabo em seus países de residência. Para tal, elaborariam trabalhos sobre o tema, enviariam monografias, estatísticas, além de outros documentos, os quais seriam lidos na Sala de Conferências Públicas. Também enviariam livros, publicações, plantas, fotografias de edifícios escolares e de material destinado ao ensino, os quais seriam expostos na instituição.

Los miembros corresponsables deberán empeñarse por demostrar a los autores, editores, industriales y comerciantes, las ventajas que, como exposición permanente gratuita, les ofrece el Museo y Biblioteca Pedagógicos, siempre que envíen a el, en calidad de donación, sus obras, catálogos, libros y publicaciones didácticas, modelos reducidos o de tamaño natural de mobiliario, menaje y material escolar. (Memoria Descriptiva..., 17 de mayo de 1901, p. 7.)

Num raio de atuação bastante alargado, Gómez Ruano mobilizava representantes uruguaios que atuavam em outros países, como se pode identificar em correspondências trocadas em 1896 com Sebastián Cahn, então Cônsul de la República do Uruguai na Alemanha, a quem solicitou folhetos, livros e exemplares de objetos de escolas públicas alemãs. Outro indicativo de trocas e parcerias é o intercâmbio de revistas e catálogos, doações e correspondências. Em documento de 1900 encontramos dados sobre o recebimento das seguintes revistas:

Monitor de la Educación Común (Buenos Aires)
Boletín de Enseñanza y de Administración Escolar (La Plata)
Boletín de las Escuelas Primarias (San José de Costa Rica)
La Educación (Buenos Aires)
Journal of Education (Boston)
Revista del Instituto Paraguayo (Asunción)
Memorias y Revista de la Sociedad Científica Antonio Alzade (México)
El Ateneo (Lima).
(Memoria Descriptiva... , 19 de marzo de 1901, p. 7-8.)

Para o mesmo ano registra-se o recebimento de catálogos⁹ oriundos de diferentes países:

Quadro 2 – País de origem e quantidade de catálogos recebidos.

País de Origem	Quantidade
Francia	317
Estados Unidos	188
Alemania	145
Inglaterra	109
República Oriental	45
España	41
República Argentina	29
Brasil	20
Austria	15
Suiza	14
Colombia	09
Perú	03
Ecuador	09
Total de catálogos	937

Fonte: Memoria Descriptiva... , 19 de marzo de 1901, p. 6.

A Direção do Museu também fazia gestões, verbalmente ou por correspondências, tanto no país quanto no exterior, para recebimento de doações. Algumas destas, entre as consideradas “realmente valiosas”, estão registradas nas Memorias de 1900. Destacamos alguns nomes de casas comerciais, comerciantes e autoridades públicas localizados nestas correspondências:

Sres. Monroeg Hnos., de Paris / Francia;
 Sr. Dn. Federico Casalia, Uruguay;
 Sres. Zubillaga y Beramendi, Uruguay;
 Sr. Dn. Luis Aboal, Uruguay;
 Sr. Teniente Coronel Dn. Manuel O. Chrisly, Uruguay;
 Sres Salvo Hnos, Uruguay;
 Sr. Pedro L. Fernández, Uruguay;
 Sr. Ingeniero Dn. Felix Auger, Uruguay;
 George Philip & Son, Londres / Inglaterra;
 D. Appleton y Cia, Buenos Aires / Argentina;
 D. Appleton y Cia, Nueva York / EUA;
 Hachette y Cia, de Paris / Francia;
 Molteni y Cia, Paris / Francia;
 Dn. Manuel A. Ponce, Secretaría de la Inspección General de Instrucción Pública de Chile;
 Blanzzy Poure et Cie, Paris / Francia;
 Suzanne, Havez y Cie, Paris / Francia;
 Sr. Henry Sabin, Superintendente de Instrucción Pública en el Estado de Iowa, EUA;
 Dn. Carlos Prince de Lima, Perú;
 Gauthier Villars et Fils, Paris / Francia;
 Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro, Brasil;

⁹ Ainda que na maioria das vezes estes possam ser traduzidos como catálogos de produtos fabricados por indústrias, observa-se também o recebimento de catálogos de instituições.

Education Department, de Londres, Inglaterra;
 Dr. Antonio da Cunha Barbosa, Rio de Janeiro, Brasil;
 O Pedagogium, Rio de Janeiro / Brasil;
 Poulenc Frères, Paris / França;
 Legación del Uruguay en Chile;
 Biblioteca Nacional de Colombia;
 Dn. Sebastián Cahn, Cónsul del Uruguay en Frankfurt;
 J. J. Pérez, de Bogotá / Colombia;
 Ministerio del Interior de Suiza;
 Instituto Smithsonian de Washington, EUA;
 (Memoria Descriptiva 19 de marzo de 1901, p. 15)

Entre suas ações, a Direção também mantinha correspondência com pessoas e instituições do país e do estrangeiro. Trata-se de “[...] librerías, editores y fabricantes de mobiliario escolar y material general de enseñanza, de más renombre en Europa y América” (Memoria Descriptiva ..., 19 de marzo de 1901, p. 4).

O Museu teria ainda a função de servir como fiel depositário e expositor dos objetos que compunham a escola pública uruguaia, função esta estabelecida pela Resolución de 16 de agosto de 1889, por meio da qual se ordena que

el Depósito de Útiles debe entregar al Museo, por duplicado, un ejemplar de cada uno de los libros de texto, útiles de consumo diario, muebles escolares, menaje, etc. Etc., que actualmente se utilizan en las Escuelas Públicas, así como también de los que se adquieran en lo sucesivo para las mismas, y los cuales le serán entregados por la Oficina del Depósito. (Memoria Descriptiva ... Montevideo, 27 de enero de 1897, s.n.p.)

Além da exposição ao público e da afirmação pública de um projeto de escolarização, esta iniciativa agregava o objetivo de facilitar a representação da escola pública primária uruguaia quando convidada a participar em exposições internacionais.

O Museo y Biblioteca Pedagógicos de Montevideu como referência

Se por um lado, como fica evidenciado nas informações apresentadas, a inspiração no estrangeiro acompanhou a criação e consolidação do Museo y Biblioteca Pedagógicos instalados em Montevideu, por outro, a instituição também foi considerada modelo de referência e inspiração para países como a Argentina e o Chile. Conforme registrado por Gómez Ruano, no ano de 1906 o Dr. Carlos R. Gallardo, engenheiro comissionado oficial do Ministerio de Instrucción Pública da República Argentina esteve em missão “[...] para estudiar el plan y organización de nuestro Museo Pedagógico a fin de plantear sobre esa base el Museo y Biblioteca Pedagógicos Argentino que acaba de ser instalado en Buenos Aires” (Memoria Descriptiva. Montevideo., 26 de diciembre de 1906, pp. 11.). Tal fato ganhou repercussão na imprensa local, tendo sido reproduzida no relato de 1906 parte da notícia publicada no “El Siglo”, de Montevideu. Ainda conforme registrado por Gómez Ruano, Carlos Gallardo

ha quedado asombrado de la forma en que se halla establecido el Museo, de su adelanto en relación con los museos extranjeros, de la unidad que preside su admirable plan científico y de la organización que ha sabido imprimirle su director y fundador. (Memoria Descriptiva... Montevideo., 26 de diciembre de 1906, p. 13)

No ano seguinte o então diretor da Biblioteca y Museo Pedagógicos de Buenos Aires, Prof. Pascual Guaglianone, visitou o Museo uruguaio, tendo sido “[...] comisionado por el Ministerio de I. Pública de la R. Argentina, con el fin de estudiar el plan y organización de la Oficina que tengo el honor de dirigir.” (Memoria Descriptiva ... Montevideo, 1907, s.n.p.).

Há ainda o registro de que o Museo de Educación Nacional da República do Chile, recém-fundado, teria adotado o plano da instituição uruguaia. O Teacher College da Columbia University de Nova Iorque também teria solicitado uma descrição monográfica da instituição uruguaia.

Numa articulação bastante engenhosa, que ajudaria a divulgar internacionalmente o Museo, Gómez Ruano informa que

A fines del año 1905, el que suscribe recibió una carta del Señor Prof. Max Hübner, Director del Museo Pedagógico de Breslau (Alemania) en la cual solicitaba una descripción del Museo Pedagógico de Montevideo con el objeto de utilizarla en una obra que escribía sobre los Museos Pedagógicos del mundo. (Memoria Descriptiva Montevideo., 26 de diciembre de 1906, p. 14)

Trata-se da obra “Die ausländischen Schulmuseen », de Max Hübner, a qual, conforme informação localizada na fonte em tela, bem como em livro de Ángel García del Dujo (1985, p. 181), foi publicada em Breslau, na Alemanha, em 1906. Max Hübner, que teria exercido a função de diretor do Museu de Breslau, fundado na Alemanha em 1891, enviou exemplares¹⁰ do volumoso tomo de 400 páginas, escrito em alemão, para o Museo Pedagógico do Uruguai (Memoria Descriptiva... Montevideo, 26 de diciembre de 1906, p. 14). Em correspondência de 9 de março de 1907, Gómez Ruano informa Ferdinand Hirt, de Breslau, sobre o envio, através do Banco Español del Río de la Plata, de ordem para pagamento de 39 marcos referente aos 12 volumes da obra de Max Hübner recebidos pela instituição uruguaia. O apoio à elaboração desta obra, a compra de exemplares e sua divulgação estão entre as estratégias acionadas por Gómez Ruano para dar visibilidade ao Museo. Vejamos um exemplo de como ele utiliza a obra de Max Hübner:

Todos los países de Europa y Norte América están representados en el libro [a obra de Max Hübner] por los museos que en cada uno de ellos existe. La América del Sud solo está representada por el Museo Pedagógico de Montevideo, el de Bueno Aires y el del Brasil. El Japón tiene también su capítulo dedicado al notable Museo de Tokio. El autor del libro dedica varias páginas a cada Museo; al de Buenos Aires dedica tres, cuatro al del Brasil y ocho al de Montevideo, lo que claramente indica el interés que le ha merecido nuestra Institución nacional y la importancia que le acuerda pues de los Museos europeos pocos son los que están tratados con tanta extensión como el nuestro. (Memoria Descriptiva... Montevideo, 26 de diciembre de 1906, p. 15)

Considerações finais

¹⁰ Há indicação de que Gómez Ruano enviara um exemplar para o Ministerio de Fomento do Uruguai, acompanhando a Memoria do Museo y Biblioteca Pedagógicos de 1906.

Num primeiro olhar desponta, através do Museo y Biblioteca Pedagógicos, a ênfase em um caráter mais científico com o qual se pretendia dotar a educação primária uruguaia. Identifica-se também que a biblioteca e o museu desempenhavam funções específicas e que, além da busca de modelos de excelência a seguir, procurava-se construir uma identidade nacional a ser propagada com o apoio do acervo do museu.

Destaca-se também a conexão com o setor industrial e comercial, o enlaçamento de ações do Museo com este setor e as ações empreendidas. Não menos importante é o papel de popularização da ciência, especialmente no que se refere à sua aplicabilidade prática. De maneira ilustrativa citamos o desenvolvimento de experimentos, na “Sección de Higiene Escolar”, de sistemas de lâmpadas e iluminação a gás, que recebeu apoio da Compañía del Gas de Montevideo por meio do fornecimento gratuito de aparatos para demonstração. A intenção era apresentar tal experimento na Exposición Internacional de Higiene, realizada em Montevideo, na qual o Museo y Biblioteca Pedagógicos foi condecorado com medalha. (Memória Descriptiva Montevideo, 19 de enero de 1907, s.n.p.)

Neste quadro é possível interpretar o Museo como um aparato educativo-cultural e também comercial. Em passagem localizada nas Memórias do Museo de 1900, o relator afirma que as generosas doações recebidas teriam sido feitas por

personas que tienen el convencimiento de que esta Institución es una exposición permanente de sumo valor para los intereses comerciales de todos los que envían, con el objeto de ser exhibidos en ella, los artículos que tengan relación inmediata con la escuela primaria y con profesorado.

Esto explica que la correspondencia haya tenido que ser activa, como lo comprueba el simple resumen siguiente.

Notas y cartas enviadas 324

Notas y cartas recibidas 269.

(Memoria Descriptiva Montevideo. 19 de marzo de 1901, p. 2)

Se por um lado o percurso de investigação que resultou no presente artigo revela claramente que Gómez Ruano mantinha relação com casas comerciais, especialmente as europeias, com destaque para a Maison Deyrolle, por outro, para “discutir” o projeto e as questões dos Museus Pedagógicos, ele o fazia com pares latino-americanos. Tal estratégia merece novas investigações.

Referências

ESCOLANO BENITO, Agustín (1985). Presentación. In.: GARCÍA del DUJO, Angel. Museo Pedagógico Nacional (1882-1941): Teoría educativa y desarrollo histórico (pp. 11-12). Salamanca / Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca. Instituto de Ciencias de la Educación.

GARCÍA del DUJO, Angel (1985). Museo Pedagógico Nacional (1882-1941): Teoría educativa y desarrollo histórico. Salamanca / Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca. Instituto de Ciencias de la Educación.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SCAGLIOLA, Gabriel (2019). Museu Pedagógico José Pedro Varela: expressando uma comunidade de aspirações! *Museologia & Interdisciplinaridade*. v.8, n.16, Ago./Dez., 88-104. DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.25135>.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele; CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.) (2018). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: EDUFES - Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil, Volume 14.

MUNAKATA, Kazumi; BRAGHINI, Katya M. Z. (2014). Fontes para a história da educação dos sentidos, numa abordagem transnacional. In: XVIII Jornadas Argentinas de Historia de la Educación, 2014, General Sarmiento. *Historia de la educación: usos del pasado y aportes a los debates educativos contemporáneos*. ANAIS... General Sarmiento: Sociedad Argentina de Historia de la Educación (pp. 1-11).

Fontes consultadas

ACEVEDO, Eduardo (1929). Gobierno de Tajes 1886-1890. *Anales de la Universidad*. Montevideo: Imprenta Nacional - T. VIII, Nº124.

GÓMEZ RUANO, Alberto (1894). *Museo y Biblioteca Pedagógicos: Publicación del Museo y Biblioteca Pedagógicos, N.º 1*. República Oriental del Uruguay. Ministerio de Fomento. Departamento de Instrucción Pública. Montevideo.

HENESTROSA, Armonia Etchepare de (1973) Museo Pedagógico “José Pedro Varela”- 80 Años de Vida. *ANALES – Revista Oficial del Consejo Nacional de Enseñanza Primaria y Normal. Centro Nacional de Documentacion y Divulgacion Pedagogicas*. Epoca II. Tomo XXXVI. Montevideo / Uruguay: Imprenta Nacional, Años 1968-1970 (Impresso em 1973), 143-186.

MONTERO BUSTAMANTE, Raúl (1955). Alberto Gómez Ruano. In.: *Homenaje a D. Raúl Montero Bustamante*: Selección de sus Escritos Literarios e Históricos. Prologo del Dr. Dardo Regules (pp. 307-317). Tomo I. Montevideo, Instituto Historico y Geografico del Uruguay. Academia Nacional de Letras.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1897). Montevideo, 27 de enero de 1897. Carpeta 8. Caja 48.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1899). Extracto. Montevideo, 18 de abril de 1899. Carpeta n. 21, Caja 48.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1899). Extracto. Montevideo, 30 de abril de 1899. Carpeta n. 23, Caja 48.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1901). Correspondencia. Montevideo, 19 de marzo de 1901. Carpeta nº 27. Caja 42.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1901). Montevideo, 19 de marzo de 1901. Carpeta nº 27. Caja 42.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1901). Montevideo, 17 de mayo de 1901. Carpeta nº 47. Caja 42.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1906). Montevideo, 1906. Carpeta nº 48. Caja 39.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1906). Extracto. Montevideo, 26 de diciembre de 1906. Carpeta n. 166, Caja 42.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1907). Extractos. Montevideo, 14 de enero de 1907. Carpeta 9. Caja 47.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1907). Extractos. Montevideo, 19 de enero de 1907. Carpeta 12. Caja 47.

MEMORIA DESCRIPTIVA DEL MUSEO y BIBLIOTECA PEDAGÓGICOS (1907). Montevideo, 1907. Carpeta nº 47. Caja 39.

PELLISSON, Maurice (1911). BUISSON, Ferdinand (Directeur) (1911). ***Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire***. Paris: Librairie Hachette et Cie. L'édition électronique. Disponível em <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/>. Acesso em 04/06/2021.



Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium*, uma vitrine comercial (Rio de Janeiro, Brasil / 1890-1919)¹

National Pedagogical Museum – *Pedagogium*, a comercial showcase (Rio de Janeiro, Brasil / 1890-1919)

Museo Pedagógico Nacional – *Pedagogium*, escaparate comercial (Rio de Janeiro, Brasil / 1890-1919)

Camila Marchi da Silva
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-6309-7220>
<http://lattes.cnpq.br/1716993144196948>
ca.marchi09@gmail.com

Resumo

O Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* foi fundado em 1890 e funcionou até 1919, na cidade do Rio de Janeiro. Estabelecido pelo Decreto nº 981, era função da instituição oferecer ao público e aos professores os meios de instrução profissional, a exposição dos melhores métodos e material de ensino inovador, disponibilizando formações de diferentes tipos. Sabe-se de uma parcela da história dessa instituição como centro de formação de professores, porém, além disso, a história dos museus pedagógicos está intimamente ligada às Exposições Universais, já que eles seriam centros difusores de tecnologias educacionais; não raro, museus pedagógicos poderiam ser formados a partir do que era apresentado em exposições. Esta publicação tem por objetivo apresentar variadas facetas entre o *Pedagogium* e suas relações com feiras universais, comerciais e museus, bem como compreender e analisar a constituição do acervo do *Pedagogium*, levando em conta as suas afinidades com o comércio e a indústria.

Palavras-chave: *Pedagogium*. Museus. Exposições universais. Cultura material escolar.

¹ Este artigo é resultado da tese de doutorado intitulada: História do Museu Pedagógico Nacional: *Pedagogium* – um museu de grandes novidades (1890-1919), pelo Programa de Estudos Pós-graduados Educação: História, Política, Sociedade na PUC-SP (Brasil).

Abstract

The National Pedagogical Museum - Pedagogium was founded in 1890 and operated until 1919, in the city of Rio de Janeiro. Established by Decree nº 981, it was the institution's function to offer the public and teachers the means of professional instruction, the exhibition of the best methods and innovative teaching material, providing different types of training. A portion of the history of this institution is known to be a teacher training center, however, in addition, the history of pedagogical museums is closely linked to Universal Expositions, since they would be centers for the diffusion of educational technologies; not infrequently, pedagogical museums could be formed from what was presented in exhibitions. This publication aims to present various facets between the Pedagogium and its relations with universal fairs, commercials and museums, as well as to understand and analyze the constitution of the Pedagogium collection, taking into account its affinities with commerce and industry.

Keywords: Pedagogium. Museums. Universal exhibitions. School supplies culture.

Resumen

El Museo Pedagógico Nacional - Pedagogium fue fundado en 1890 y funcionó hasta 1919, en la ciudad de Río de Janeiro. Establecida por Decreto nº 981, era función de la institución ofrecer al público y docentes los medios de formación profesional, la exhibición de los mejores métodos y material didáctico innovador, brindando diferentes tipos de formación. Una parte de la historia de esta institución se conoce como centro de formación docente, sin embargo, además, la historia de los museos pedagógicos está estrechamente ligada a las Exposiciones Universales, ya que serían centros de difusión de tecnologías educativas; no pocas veces, los museos pedagógicos pueden formarse a partir de lo que se presenta en las exposiciones. Esta publicación tiene como objetivo presentar diversas facetas entre la Pedagogium y sus relaciones con ferias universales, comerciales y museos, así como comprender y analizar la constitución de la colección Pedagogium, teniendo en cuenta sus afinidades con el comercio y la industria.

Palabras-clave: Pedagogium. Museos. Exposiciones universales. Cultura de útiles escolares.

Recebido: 09/09/2021

Aprovado: 11/11/2021

Museus Pedagógicos – centros de tecnologia educacional

O Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* foi fundado em 1890, na cidade do Rio de Janeiro, pelo decreto de lei nº 667 e funcionou até 1919. De acordo com o decreto, a instituição tinha por objetivo:

Constituir-se centro impulsor das reformas e melhoramentos de que carece a instrução nacional, oferecendo aos professores públicos e particulares os meios de instrução profissional de possam carecer, a exposição de melhores métodos e de material de ensino mais aperfeiçoado.(BRASIL, ART. 1º, 1890)

O decreto previa que neste Museu deveria constar: a boa organização e exposição permanente de um Museu Pedagógico; conferências e cursos científicos adequados ao fim da instituição; gabinetes e laboratórios de ciências físicas e naturais; concursos; exposições escolares anuais; direção de uma escola primária modelo; instituição de uma classe-tipo de desenho e de oficinas de trabalhos manuais; organização de coleções-modelos para o ensino científico concreto nas escolas públicas; publicação de uma Revista Pedagógica.

Ainda em 1890, o Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890, conhecido como Reforma Benjamin Constant, aprovou o regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal que, entre outras decisões, ratificou a criação de um órgão ao qual seria responsável pela formação de professores. Seria este o Museu Pedagógico Nacional, conhecido como *Pedagogium*.

As pesquisas sobre a instituição reafirmam o caráter de formação profissional de professores destacado nas leis de fundação do Museu Pedagógico. Kuhlman Jr. (2013, p. 32) afirma que o Museu Pedagógico, por ser um espaço de exposição de materiais didáticos que serviam ao ensino intuitivo, poderia ser compreendido como uma instituição de formação de professores. Bastos (2013, p. 103) aponta que estes tipos de museus deveriam servir aos educadores para complementar informações sobre métodos de ensino. De acordo com Alves (2013, p. 51), a formação de professores no *Pedagogium* era importante para que modelos de educação em voga fossem colocados em prática.

Segundo o Dicionário de Pedagogia organizado por Buisson (1888, p.683), museus pedagógicos ou educacionais deveriam incluir: uma biblioteca com livros educativos, legislação e administração escolar, livros clássicos, material didático e mobília escolar (Dictionnaire de Pédagogie et D’Instruction Primaire, 1ª parte, Tome Second, Paris, 1888).

Museus pedagógicos foram formados no mundo inteiro a partir de meados do século XIX basicamente com o mesmo objetivo: reunir objetos e documentações sobre os materiais pedagógicos que circulavam nas grandes feiras comerciais.

Muitos destes estabelecimentos foram formados a partir do espólio de objetos oriundos de Exposições Universais. Isto significa que esses museus eram formados por um acervo tecnológico, tornando-se grandes centros de novidades pedagógicas. (Gaspar da Silva e Souza, 2018)

As Exposições Universais foram grandes feiras de comércio em que empresas de diferentes ramos expunham seus mais inovadores produtos. De acordo com Pesavento (1997, p. 13), essas grandes feiras de novidades funcionavam como palco de um encontro universal das trocas e exibição de tecnologias.

Pesavento (1997, p. 191) ressalta que tais feiras organizavam as mercadorias com o objetivo de seduzir o público, dando destaque ao caráter de fetiche, mistério e magia, por isso a aparência era muito importante. Nestas feiras, a exposição tinha por objetivo encantar as pessoas, seduzir, criar a necessidade de compra.

De acordo com Borges (2011, p. 151, 154), o comissário geral da Exposição Universal de Paris de 1867, Frédéric Le Play, propôs que o espólio das exposições fossem transformados em Museus Comerciais. Isso significa na prática que toda a mercadoria continuaria exposta em museus específicos. Nesse sentido, os museus comerciais estavam associados às grandes exposições visando à atração do público por meio de atividades de publicidade. A ideia era ativar o interesse do público às novidades com o objetivo de vendê-las, ampliando a circulação dos interesses desde o fabricante, o expositor – pensado como um intermediário – e o comprador.

No caso do *Pedagogium*, semelhante a outros museus pedagógicos do mundo, veremos que ele herdou o acervo do Museu Escolar Nacional, o qual por sua vez, tinha sido formado a partir do espólio da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883.

Ao longo dos anos de funcionamento, é de conhecimento geral que o Museu Pedagógico Nacional aumentou o seu acervo de materiais pedagógicos, como também organizou e divulgou as exposições destes objetos adquiridos de empresas responsáveis pela fabricação e comercialização de materiais didáticos.

O Relatório Anual de 1892 escrito pelo então diretor do *Pedagogium* Menezes Vieira é de extrema relevância, pois nos dá informações a respeito do tipo de objetos que compunha o acervo da instituição, mas, sobretudo, indica-nos sobre a relação comercial com a indústria pedagógica existente por trás dessa composição de acervo. O Anuário do Ensino do Rio de Janeiro de 1895, que replicou o Relatório Anual de 1892 de Menezes Vieira, apresenta ainda fotografias do *Pedagogium*, permitindo-nos comparar o documento escrito com os retratos, e de conhecer o tipo de organização visual adotada pelo Museu. Catálogos de empresas de vendas de materiais didáticos e Anuários de comércio nos contam a trajetória e a especialidade das empresas presentes no Museu. Todos estes documentos são importantes para percebermos quem eram as empresas de materiais didáticos circulantes no período, quais materiais foram escolhidos para formar o acervo do museu, e qual a relação do *Pedagogium* com a indústria pedagógica da época.

Veremos que essa associação comercial do *Pedagogium* tem início quando seu acervo começa a ser formado a partir do recebimento do espólio da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883. Acompanhando uma tendência do período, a visualidade do *Pedagogium* muito se aproximava das grandes feiras, podendo ser chamado também de uma vitrine comercial pedagógica.

Este artigo tem por objetivo mostrar a faceta do *Pedagogium* que, para além de centro de formação de professores, era um espaço mais associado ao sentido de divulgação comercial de materiais didáticos.

Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883, Museu Escolar Nacional, Fundação do *Pedagogium*

A Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, em 1883, resultou na fundação do Museu Escolar Nacional. Segundo a Associação Mantenedora do Museu Escolar registrada no Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional, a Comissão Diretora da Exposição achou necessário o estabelecimento de um Museu Escolar Nacional, já que tal evento trouxe valiosos subsídios originários de outros países (Marchi da Silva, 2015, p. 84).

O Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional (1885), organizado por Junior Lima Franco, finaliza o texto de introdução fazendo uma longa descrição dos espaços da instituição:

No primeiro salão, que é destinado especialmente a leitura, além de várias cartas geográficas e espécimes de cartas do Brasil, encontram-se dois valiosos porta-cartas do sistema belga e vários modelos ingleses

de carteiras para monitores ou para adjuntos, e das carteiras usadas na escola da Imperial Quinta da Boa Vista. No segundo salão, onde foi colocada a biblioteca (...) estão os modelos de mobílias inglesas, americanas, alemães, belgas e francesas, para escolas do 1º e 2º graus, coleções de planos de arquitetura de edifícios escolares e métodos de escrita e de desenho, também de vários autores. No terceiro salão (...) uma variedade de globos terrestres e celestes, de autores e procedências diferentes, planisférios, aparelhos para o estudo da física, da química, do desenho, do sistema métrico e para o ensino intuitivo, duas importantes cartas-relevo, uma representando a Bélgica, a outra a França, aritmômetros de vários autores, minerais, fotografias e gravuras reproduzindo algumas das principais escolas brasileiras e estrangeiras, fatos da história, uma riquíssima coleção cartográfica, a mais bem sortida talvez que entre nós existe, taboas pretas, fixas e móveis, ainda alguns espécimes de mobília (...) Contém o quarto salão uma mobília sistema Hachette para jardim de infância, caixas-compêndios do sistema inglês, cartas de anatomia, de fisiologia, de física, de história natural, de mecânica aplicada, de leitura, de geografia e de música, contadores aritméticos, pequenos museus para o ensino de lições de coisas, coleções completas para os jardins de infância, entre as quais caixinhas com os afamados dons de Froebel, aparelhos para o estudo de taximetria de agulha executados na escola normal de Namur. (Franco, 1885, p. 11 e 12)

Nesta descrição, percebe-se a grande variedade de objetos oriundos de diferentes países. A intenção é fazer com que o visitante tivesse contato com o maior número de materiais de diversas nacionalidades para poder estabelecer uma comparação entre eles. Além disso, essa organização permite conhecer um pouco da produção e especialização de casas de materiais didáticos de fora do país.

Vários documentos relatam o fato de que o *Pedagogium* é proposto com a transferência deste espólio da Exposição, a partir do desmantelamento do Museu Escolar Nacional. A Revista Pedagógica nº 3, de 15 de dezembro de 1890, informa na sua seção de Crônicas do Interior, que a intenção do *Pedagogium* é manter os objetivos da Associação Mantenedora do Museu Escolar, que por sua vez já mantinha o espólio de tal evento.

Braghini (2011, p. 27), quando analisa o catálogo desta Exposição, identifica o tipo de material que foi apresentado no evento e apresenta algumas das empresas expositoras. Possivelmente esses objetos foram transportados para o *Pedagogium*:

Alguns comparecimentos internacionais também mostraram os seus aparelhos científicos em seções diferenciadas, como foi o caso dos Estados Unidos (sala nº 7 – seção nº 1); Alemanha (seção nº 7) com a apresentação do fabricante Paulsen Steft com modelos anatômicos de toda natureza e instrumentos para o ensino de Física-Química. A Inglaterra esteve presente com as seguintes empresas (sala nº 11 – seção nº 1): James Reynolds & Sons, fabricantes de instrumentos científicos; S. Hensen, com peças de Mineralogia; Newton & Comp. com aparelhos de ótica, telescópios, microscópios, câmaras óticas e “vidros e correções para estas”; A. N. Myers Comp., com gabinetes de fósseis, fósseis britânicos, caixas com diversos minerais etc. (Braghini, 2011, p. 27)

Vemos, portanto, uma lista de produtores de materiais didáticos, neste caso de materiais científicos, que mostra a diversidade de países, seções e objetos expostos sob interesses de mostruário, circulação, apreciação do público e possível venda; muitos desses materiais passam a compor o acervo do *Pedagogium*.

Percebe-se que, assim como outros museus pedagógicos, o *Pedagogium* teve como acervo inicial objetos que fizeram parte de uma exposição local que prestigiava a visualização de novos objetos para o ensino. O que inicialmente já se configurava como caráter comercial, ao longo dos anos viu-se aprofundado, especialmente pelo tipo de exposições muito parecidas com aquelas adotadas nas grandes feiras comerciais e de aquisições de objetos, que algumas vezes eram enviados pelas empresas de materiais didáticos.

A organização do acervo do *Pedagogium*: uma vitrine comercial

A edição n. 18 de 15 de agosto de 1892 da Revista Pedagógica² publicou um relatório minucioso sobre o Museu feito pelo seu então diretor Menezes Vieira. No relatório, o diretor presta contas da instituição entre os dias 15 de maio de 1891 a 30 de abril de 1892. Menezes Vieira inicia o relatório explicando como organizou o espaço:

No pavimento térreo organizei a exposição permanente do material escolar estrangeiro e nacional: modelos de bancos, carteiras, mesas para professores, adjuntos e alunos; estrados, quadros negros, contadores, arithmômetros, cabides, lavatórios, compêndios de sistema métrico decimal, quadros com vistas e plantas de edifícios escolares. Uma inspeção superficial descobre a importância que os países europeus e americanos ligam a esta parte da organização escolar. Cada um dos objetos expostos prova e explica o progresso que tanto admiramos nos Estados Unidos, na Confederação Argentina, na França, na Bélgica, na Alemanha e na Itália. Na diversidade dos modelos de mobília percebe-se ao mesmo tempo o respeito escrupuloso dos preceitos fundamentais da higiene e o desejo de uma adaptação inteligente. As fotografias, as plantas dos edifícios escolares com indicação da área, número de alunos, valor da construção atestam de modo eloquente que as casas escolares são hoje os verdadeiros monumentos da civilização de um povo. Detenha-se o visitante brasileiro no estudo desses quadros e reconhecerá que todas as reformas devem começar pela construção de tais edifícios. (Revista Pedagógica n.18, Tomo 3, 1892, p. 324 - 5)

Neste trecho do relatório, o diretor começa narrando alguns espaços de exposições, permitindo o leitor fazer um percurso mental de como seria visitar o museu. Ao entrar no *Pedagogium*, o visitante teria contato, em primeiro lugar, com a exposição de mobília escolar estrangeira e nacional, permitindo que fosse feita dessa maneira uma comparação entre os objetos oriundos de diferentes países. Além da mobília, o visitante poderia apreciar fotografias e plantas de diversos edifícios escolares. Em seguida, o relatório faz uma longa descrição da seção de História Natural do Museu:

A seção de História Natural ocupa a sala da frente e um gabinete do primeiro andar. As coleções metodicamente classificadas e contidas em

² De acordo com Gondra (1997 p. 35) a Revista Pedagógica foi o primeiro periódico editado pelo governo durante a República, especializado em questões educacionais com ampla circulação nacional e internacional. Teve duração de seis anos, sendo a primeira edição de 15/11/1890 e a última edição em 15/6/1896.

armários envidraçados, abrangem o que me pareceu necessário para a instrução do nosso professorado primário. Ali existem: um esqueleto humano articulado, um homem clástico (l'écorché) completo, com as vísceras, em caoutchoue; um coração de adulto, uma laringe humana, um olho humano (peça clástica), três quadros de ovologia humana, (17 peças aumentadas), três bacias humanas com os órgãos de reprodução (trabalho em cera e cautchoue), um tronco de homem (tamanho natural, dissecado para mostrar principalmente o pneumogástrico), treze cérebros dos principais grupos de vertebrados (fac-símile em cera), treze tipos de sistema nervoso das principais subdivisões do reino animal, seis ditos do sistema circulatório, trinta e cinco tipos de mamíferos empalhados ou em esqueletos, cinquenta e quatro tipos de aves, dezessete répteis e batrachios, trinta e seis dito peixes, quatrocentos e trinta e quatro insetos, crustáceos, moluscos e vermes, três quadros: metamorfoses dos peixes, das aves, dos batrachios; três peças clásticas: anatomia do bicho da seda, do caramujo e da abelha; três herbários completos, treze peças anatômicas de flores, dez modelos de enxertos em arvores frutíferas; cem amostras de madeira brasileira, rochas, fósseis, minerais e formas cristalinas em madeira. Anexo ao gabinete de História Natural encontra-se um pequeno laboratório completo de micrografia. Todo este material foi fornecido ao *Pedagogium* pelo conhecido naturalista Mr. Emile Deyrolle, preferindo-se nas coleções os tipos da fauna e flora do Brasil. Acredito que os professores estudiosos continuarão a colher grande vantagem visitando esta seção e consultando o respectivo catálogo, disposto de acordo com o fim que deseja alcançar o *Pedagogium*. (Revista Pedagógica n.18, Tomo 3, 1892, p. 325-6).

Toda a imensa coleção de objetos de História Natural ocupava dois espaços do Museu, sala no térreo e primeiro andar e fora fornecida pela casa comercial do naturalista Emile Deyrolle, conforme aponta o relatório. O documento informa ainda que, ao final da visita ao espaço, o professor poderia consultar as peças em seus respectivos catálogos. Isso significa que a doação do naturalista ao *Pedagogium* era uma eficiente maneira de promover a venda de seus produtos escolares aos professores e interessados. A seção de História Natural mostrava as novas tecnologias educacionais ao público interessado e era uma grande vitrine da empresa francesa Deyrolle³.

O *Annuario de Ensino do Rio de Janeiro de 1895* publicou uma foto com parte da seção de História Natural do *Pedagogium*:

³ A Deyrolle Nature Art Education, empresa que ainda está em funcionamento, foi criada em 1831 por Jean-Baptiste Deyrolle e repassada posteriormente para seu filho Achille; era voltada inicialmente para venda de insetos e equipamentos de caça para a coleção de história natural, desenvolviam ainda atividades de taxidermia. Em 1866 Émile Deyrolle assume a direção da empresa criada por seu avô, continuando a atividade de taxidermia e desenvolvendo a venda de equipamentos de caça e coleta de inseto, e inserindo a venda de obras especializadas em flora e fauna. A partir de 1871 a empresa passa a investir na área educacional, comercializando também todo tipo de material didático para aulas, mobiliário escolar, modelos anatômicos, instrumentos de física, placas de vidro fotográfico, peças de biologia e quadros parietais. Em 1888 Émile Deyrolle instalou seu escritório e lojas na 46 rue du Bac, a partir de então a empresa expande na área educacional vendendo material científico. Os materiais Deyrolle chegaram a mais de 120 países. Em 2001 a empresa foi comprada por Louis Albert de Broglie que reforça o caráter educacional reeditando e comercializando placas antigas e reconstituindo coleções. Animais taxidermizados continuam sendo comercializados, porém não são mais frutos de caças, mas sim, trazidos de zoológicos após falecimento por velhice ou doença. Todas as informações sobre essa empresa foram retiradas do site da própria instituição: <https://www.deyrolle.com/histoire/historique-de-la-maison-deyrolle/naissance-la-famille-deyrolle>.

Figura 1: Gabinete de História Natural do *Pedagogium*

Fonte: Anuario de Ensino do Rio de Janeiro, 1895.

A foto publicada no documento é de 1892 quando o museu ainda estava em seu primeiro endereço, na rua Visconde do Rio Branco. Portanto, a foto é do mesmo momento em que o relatório de Menezes Vieira foi escrito. Comparando o retrato com a descrição do relatório, percebe-se na fotografia somente uma parte do que era o acervo do gabinete.

Numa observação mais atenta, identifica-se três armários do tipo vitrine e prateleiras vazadas fixas no canto direito. O armário envidraçado, no canto esquerdo, tem pendurado na parte central superior um quadro parietal com a ilustração de uma figura de tartaruga. Com três prateleiras, repletas de objetos, na primeira de cima para baixo estão dispostas aves taxidermizadas; na prateleira seguinte, é possível identificar uma grande quantidade de objetos, sendo que muitos também são aves taxidermizadas; na última prateleira deste armário, estão objetos fixos em bases de madeira que podem ser pendurados na parede. Entre os dois armários, está um esqueleto humano em tamanho real, montado e preso por um fio que está fixo no teto.

Seguindo para o outro armário, ao lado do esqueleto, observa-se a presença de dois esqueletos montados de animais na parte superior do armário. Este armário também apresenta um quadro parietal em sua parte central superior, que retrata um tipo de pássaro. Também são identificadas três prateleiras, na primeira superior, identifica-se esqueletos montados e tipos de macacos taxidermizados, sendo que, no canto direito, observa-se a presença de um pequeno quadro parietal representando uma ave; na prateleira imediatamente abaixo, estão mais animais taxidermizados não identificados; por fim, na prateleira inferior, observam-se peças taxidermizadas e esqueletos de crânios de animais.

Imediatamente ao lado direito desse armário, está um novo armário vitrine, com a presença da peça descrita na documentação como um “homem clástico completo com as vísceras”. Percebe-se que essa peça ocupa um armário sozinha e, assim como o esqueleto humano, está em tamanho real.

Por fim, no canto direito observa-se prateleiras vazadas fixadas na parede. Nessas prateleiras identificam-se três objetos mencionados pela documentação, são as peças clásticas: da abelha, na primeira prateleira de cima para baixo; do bicho da seda, uma peça numa base de madeira que poderia ser pendurada na parede, e do caramujo.

Além das tipologias de objetos, destaca-se a organização visual adotada na composição deste espaço. Os objetos seguem uma certa ordem de categoria, sendo agrupados nas prateleiras

animais de mesma classificação. De acordo com Barbuy (1999), esse tipo de visualidade era conhecido como exposição-instrução. Esta era uma composição visual comum no século XIX e estava ligada com uma forma de organizar os objetos, a fim de se ensinar pelo aspecto visual, chamado de “estratégias de ensino pelo visão” (Barbuy, 1999, p. 58).

Aqui vale destacar ainda a influência visual das Exposições Universais na organização do Gabinete de História Natural do *Pedagogium*. Esse formato de armários lotados de objetos a ponto de dificultar a identificação num primeiro momento é uma característica das grandes feiras cujos suportes e vitrines estavam totalmente preenchidos com objetos, fazendo do conjunto o grande objeto da exposição. (Barbuy, 1999, p. 62). O relatório de Menezes Viera segue descrevendo o gabinete de Física:

O gabinete de física ocupa uma sala e uma alcova do primeiro andar e possui as peças necessárias para o curso experimental. Em oito armários envidraçados acham-se classificados e cuidadosamente conservados os instrumentos e aparelhos para as noções de mecânica; gravitação, hidrostática, calor, eletricidade, magnetismo, acústica e ótica. Estes objetos foram fabricados pelos Srs. Ch. Noé e A. Picart, fornecedores das escolas normais e dos liceus da França. A máquina pneumática, a máquina Carré, a bobina de Rhumkorff, os modelos de locomotiva e de um barco a vapor, as balanças de precisão, os termômetros, os barômetros, higrômetros, um fonógrafo, um microfone etc., demonstram a incontestável superioridade da indústria francesa. Na aquisição dos instrumentos de física convém preferir os fabricantes mais conscienciosos, porque não é raro sermos logrados pela aparência e seduzidos pela modicidade dos preços. Felizmente a opinião de uma autoridade, respeitável e respeitada pela ciência e pela prática, tranquiliza-me a este respeito. Refiro-me ao Sr. Dr. Martins Teixeira, que honrando este Pedagogium com a sua visita, teve a bondade de felicitar-me pela organização do gabinete de física. Nesta seção julguei conveniente incluir o material necessário para trabalhos de galvanoplastia, cujo conhecimento é hoje tão necessário, em razão de suas variadíssimas aplicações industriais. (Revista Pedagógica n.18, Tomo 3, 1892, p. 326-7)

Segundo o relatório, o Gabinete de Física não era menos importante que o de História Natural. Ao contrário, conforme demarca Menezes Vieira, ele foi formado com o material, julgado por ele, de mais qualidade e também fabricado por empresas francesas, as quais ele, inclusive, nomeia, ou seja, divulga quais eram as melhores empresas nas quais os professores e interessados poderiam adquirir tais objetos, os mesmos objetos expostos no Museu. Nota-se ainda que esse espaço era dotado dos objetos necessários para a realização de curso experimental. Isso significa que os objetos ali reunidos não estavam somente para serem expostos, e sim utilizados em suas funções de demonstração.

De acordo com o Laboratorium Begara⁴, a casa Ch. Noé foi fundada por Charles-François Noé, em 1862, e era uma empresa voltada para a fabricação de instrumentos científicos, permanecendo ativa até 1930. Recebeu uma medalha de ouro na Exposição

⁴ Nos anos finais da década de 1870 as instalações crescem e se desdobram em duas filiais, uma na 8 rue Amyot e outra oficina na 9 rue Laromiguière se estabelecendo dessa maneira como uma empresa de construção de instrumentos de precisão. Cf. <https://www.laboratorium.eus/es/ekoizle/ch-noe-constructeur-dinstruments-de-precision>. Acessado em 17 jul. 2020.

Universal de Paris de 1889 e, a partir de então, aumentou a produção de material científico para o ensino e experimentação, especializando-se na produção de instrumentos científicos eletrostáticos, eletromagnéticos e dispositivos para a produção de raio X.

Segundo o *Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration* de 1901, a empresa A. Picart⁵ fabricava instrumentos para ciência, ótica, polarização, iluminação, projeção, microscópios solares e elétricos, luz oxídrica, espectroscópios de todos os gêneros. Foi premiada com uma medalha de prata na Exposição Internacional do Centenário de 1888, em Melbourne, na Austrália, com uma de ouro e mais duas de prata pela Exposição Universal de 1889, de Paris, e recebeu mais dois prêmios na Exposição de Bruxelas, em 1897. O *Annuario de Ensino do Rio de Janeiro* também publicou uma foto do Gabinete de Física:

Figura 2: Gabinete de Física do *Pedagogium*



Fonte: *Annuario de Ensino do Rio de Janeiro*, 1895.

Assim como a fotografia do Gabinete de História Natural, o retrato do Gabinete de Física apresenta apenas uma parte do espaço. Percebemos pendurados na parede dois quadros parietais representando objetos de Física e a foto de um homem não identificado na documentação. Abaixo desses quadros, vemos alguns objetos pendurados na parede, sendo possível identificar que um deles é um violino com seu arco. Nesse espaço retratado na imagem, não identificamos os armários envidraçados mencionados pela documentação, mas sim, algumas mesas com muitos objetos dispostos. No chão, observa-se a presença dos objetos maiores, entre eles, bem ao centro, identifica-se a máquina de Carré e, no canto direito, um modelo de máquina pneumática.

A apresentação do gabinete vai ao encontro do que anuncia Barbuy (1999), quando diz que a valorização da tecnologia era algo muito comum nas exposições universais, sendo que as demonstrações tecnológicas funcionavam como recursos pedagógicos enaltecendo aspectos visuais (Barbuy, 1999, p. 71). Entende-se que a organização visual adotada na composição do Gabinete de Física acompanha o aspecto visual das grandes feiras, especialmente quando coloca em evidência peças tidas como importantes

⁵ A empresa foi fundada por Alexandre August Picart e funcionou entre 1875 e 1907, conhecida inicialmente como A. Picart instrumentos de ótica, estava situada na 20 rue Mayet, podendo ser encontrada na documentação também como Picart et Fils. Cf. <http://microscopist.net/PicartA.html>. Acessado em 17 jul. 2020.

aquisições, ou seja, que dão valor a coleção, é o caso da Máquina de Carré que aparece no centro da foto.

O relatório de Menezes Vieira informa também aquisições de materiais feitas por ele, por achar que tais objetos fossem representantes da modernidade do ensino:

Convencido da utilidade do ensino por meio das projeções luminosas, com tanto proveito empregado nos cursos e nas conferências populares de Londres, Paris, Havre, Madrid, S. Petersburgo, adquiri o material mais completo e moderno fabricado pela casa A. Picart. Deste modo poderá o *Pedagogium* realizar sessões importantíssimas no mesmo gênero daquelas que a tempos celebrou uma associação desta capital, o malogrado Clube Politécnico. O ensino pelas projeções, admitido em 1883 nas escolas de Havre, tem se propagado rapidamente, não só pelos departamentos da França, como também pela Bélgica, Suíça, Áustria, Rússia, Inglaterra, Espanha, Estados Unidos da América do Norte. A lanterna mágica deixou de ser um brinquedo, um passatempo inútil; transformou-se em um verdadeiro instrumento de instrução, obtendo no ensino da história universal, da geografia, da astronomia, da geologia, das ciências naturais e até do ensino de química resultados de valor incontestável. (Revista Pedagógica n.18, Tomo 3, 1892 p. 327)

Mais uma vez, a aquisição de material feita pelo diretor foi realizada com base no que era utilizado no ensino fora do país, sobretudo na Europa. Tal coleção de projeção luminosa era novamente produzida por uma empresa francesa, a renomada A. Picart. A descrição do museu se confunde com uma propaganda de empresas didáticas. O próximo espaço descrito no relatório por Menezes Vieira fora o laboratório de química:

O laboratório de química esta colocado na parte posterior do pavimento térreo e possui não só um material completo para as lições experimentais, como também uma série de laboratórios para manipulações individuais, segundo o plano Mr. Boudreaux, professor da Escola Politécnica e da Escola Normal de Fontenay aux Roses. Creio ter prestado um pequeno serviço aos estudiosos, tornando conhecidos os excelentes laboratórios do notável professor. A ideia que presidiu à constituição destes laboratórios, diz ele, era realizar uma economia tal que a arte do químico fosse acessível a todas as bolsas, conseguindo resolver ao mesmo tempo, em favor dos mestres e da mocidade das escolas, o problema de vulgarizar uma ciência que abre as portas de diversas profissões. Efetivamente os pequenos laboratórios de Mr. Boudreaux permitem que a experiência individual grave para sempre as afirmações dos compêndios. Com pequena quantidade de matéria, alguns tubos de experiencia, pequenos balões, um bico de Bunsen, uma lâmpada, dispensamos toda a bateria atravancadora e custosa de fornos e retortas, chegando ao ideal: - que o estudante possa ter um laboratório como tem uma biblioteca. (Revista Pedagógica n.18, Tomo 3, 1892, p. 328)

O laboratório de química do *Pedagogium*, conforme descrição, fora montado exclusivamente para seu uso prático. Além disso, o material que compunha tal espaço também era importado da França. Organizado por Mrs. Boudréaux, o Laboratório de Química

adquirido pelo museu era dividido em oito conjunto de objetos de diferentes áreas de estudo do ensino de química: material para as escolas primárias; produtos químicos; produtos e vidrarias para experimentos simples; material para experiência sobre metalloides; materiais para experiência sobre metalloides e metais; materiais para a experiências de química orgânica; materiais para curso de matemáticas especiais; materiais para experiências com gás de iluminação.

O *Pedagogium* contava com seis laboratórios Boudreaux, prontos para manipulações das oito séries de objetos cada um. Os interessados em utilizar esse material deveriam enviar uma declaração para diretoria do museu para terem acesso livremente ao laboratório (Revista Pedagógica n.28, 29 e 30, Tomo 5, 1893, p. 212). O relatório apresenta posteriormente a descrição da sala de leitura:

A sala de leitura, amplamente iluminada e arejada, está situada no primeiro andar. O visitante ali encontra uma boa mesa de escrita, cadeiras confortáveis, papel, pena, tinta e uma escolhida coleção de publicações periódicas estrangeiras e nacionais, de assunto pedagógico, além do grande dicionário enciclopédico de Larousse, da grande enciclopédia francesa, a geografia universal de Réclus, biblioteca das ciências contemporâneas, documentos escolares, álbuns ilustrados, cadernos de trabalhos dos alunos das escolas francesas, belgas, italianas, etc. Deste material tem-se utilizado alguns professores no correr do ano letivo de 1891 e neste último período de férias. (Revista Pedagógica n.18, Tomo 3, 1892, p. 328-9)

Neste trecho do relatório, é interessante notar que Menezes Vieira destaca com o que os visitantes teriam contato nesse espaço: diversas publicações periódicas estrangeiras e nacionais, dicionários franceses, uma biblioteca contemporânea com documentos de diversos países. Nesse sentido, o museu reforça o caráter de conhecimento do tipo enciclopédico e de comparação entre objetos, algo comum nas grandes feiras.

No relatório, consta ainda uma longa descrição sobre a chamada seção Froebel. Nesta sala, as condições não eram as melhores, como nos espaços anteriormente citados:

A seção Froebel foi pessimamente aquinhoadada, ocupa uma alcova do primeiro andar e ressepte-se da falta de luz. O material criado pelo grande educacionista e os diversos objetos auxiliares inventados por seus sectários estão dispostos em três prateleiras e nas paredes da sala. Estudando esta seção, verificara o visitante a influência que tem exercido o sistema froebeliano, baseado nos grandes princípios que devem dirigir a educação humana. Os dons, os brinquedos ali expostos representam para o educador uma série gradual, racional e harmônica de instrumentos de aperfeiçoamento da humanidade. Nessa pequena alcova sente-se o espírito que anima o ensino moderno: cada objeto revela a alma bondosa e amorável de Froebel. Em uma sala contigua figuram as coleções tecnológicas ou museus escolares de Saffray, Emile Deyrolle, Paravia, para servirem de modelo aos museus que os nossos professores tiverem de criar com os seus alunos para as respectivas escolas. Servirem de modelo, porque o grande mérito destas coleções consiste em que sejam feitas pelos alunos e mestres, demonstrando a iniciativa, o zelo, o interesse em sua organização. Compreende-se que isto requer muito boa vontade, muito amor a profissão, porém não é um

trabalho irrealizável. A prova temos em França, onde em 1889 havia treze mil museus escolares, notando-se que, a contar de 1878, foram criados na média mil e duzentos anualmente. (Revista Pedagógica n.18, Tomo 3, 1892, p. 329-30).

Além da grande coleção de Fröebel, o trecho cita também a presença de modelos de museus escolares dos franceses Deyrolle e Saffray, e um de uma empresa italiana, a Paravia. No trecho, Menezes Vieira dá total importância a formação de museus escolares por professores e alunos e suas respectivas escolas, e cita como modelo a França onde foram criados, segundo ele, treze mil museus escolares.

Os museus escolares Saffray eram organizados pelo Dr. Charles Saffray (1833-1890), médico, botânico e professor de fisiologia⁶. O professor organizou modelos de museus escolares que poderiam ser adquiridos por meio da compra em casas de materiais didáticos.

Mirella D'Ascenzo (2018, p. 944) identificou que uma das coleções assinadas pelo professor francês, a “Saffray Collection Natural Sciences Industries” era composta por dez caixas contidas em um armário de madeira carvalho e poderia ser comprada na sua totalidade ou vendido separadamente, por assunto: do reino animal, que tinha 203 objetos organizados em duas caixas; do reino vegetal, com 439 objetos divididos em quatro caixas; e ginástica sensorial, com 144 objetos em uma caixa; o material acompanhava um manual explicativo.

Já a empresa italiana Paravia⁷ era uma grande editora do país com filiais em Milão, Florença e Roma. Era especializada na produção de livros escolares de gramática, antologias, aritmética, geometria, textos científicos e manuais de desenho. (Bianchini, 2008, p. 2)

Ainda segundo Bianchini (2008, p. 2), após a unificação da Itália, a casa Paravia controlava o mercado nacional, tanto nas escolas primárias quanto nas escolas secundárias, ampliando a diversidade de produção de materiais para a produção de alfabetos, ábacos, murais de história natural e, sobretudo, mapas geográficos e globos.

Além das coleções de física, química e história natural, o *Pedagogium* tinha um espaço reservado para o material geográfico:

O material geográfico acha-se disposto em um gabinete próximo do salão das conferências. Compreende uma preciosa coleção de globos terrestres e celestes de Ch. Smith, Jouvett, Baker & Pratt, Ch. Vetter, Dieu, Delagrave, Paravia, etc., o cosmógrafo Mouret, o planetário de Newton e uma grande quantidade de atlas e cartas, entre as quais a série das antigas províncias do Brasil, trabalho dos alunos da classe de cartografia do colégio Menezes Vieira, diversos aparelhos porta-cartas de origem belga e francesa. Esta seção oferece indicações metodológicas de grande utilidade. Os trabalhos de Sluys, Dufief, Genoneeaux, Vidal Lablache, Levasseur, Schrader, Nioux, Monteith, Swinton, Guyot, etc., contribuirão para que abandonemos os soporíferos compêndios-ladainhas, adotados, infelizmente, em nossos colégios e escolas. (Revista Pedagógica, Tomo 3, p. 331-2).

⁶ Cf. https://data.bnf.fr/15287949/charles_saffray/. Acessado em 17 jul. 2020.

⁷ De acordo com as informações do Museo Torino, a empresa nasce em 1802 quando Giovanni Batista Paravia (1765-1826) assumiu a tipografia Avondo, dedicando-se a textos religiosos e escolásticos. Segundo Bianchini (2008, p.2), as atividades da empresa continuaram pela direção do filho do fundador Giorgio Paravia quando a empresa aumenta a atuação no mercado escolar. A partir de 1850, após a morte de Giorgio e sob a direção de Innocenzo Vigliardi, que até então era um tipógrafo especialista assistente da loja, a empresa passa a se chamar G.B.Paravia. cf. <http://www.museotorino.it/view/s/711631f47c004a09b5d48afdb2459324>. Acessado em 16 jul.2020.

Os diferentes tipos de fornecedores especializados dão indício do tamanho do mercado didático envolvido na confecção de tais objetos. Ao fim da descrição do espaço, Menezes ressalta a importância da coleção, afirmando ser essa melhor do que ele classifica como “compêndios-ladainhas”, ou seja, a coleção geográfica do Museu seria, do seu ponto de vista, mais moderna para as nossas escolas.

Entre os fornecedores de material geográfico, estava a empresa londrina Ch. Smith & Son⁸. Charles Smith era produtor e vendedor de mapas e globos em Londres por volta de 1800. Entre 1827 e 1852, a venda desse tipo de material foi feita pela empresa Charles Smith & Son, a partir de 1853 dirigida por William Smith, a empresa passou a se chamar Smith & Sons. E, a partir de então, passa a produzir um grande número de mapas, globos e atlas, todos caracterizados por gravuras lúcidas, finas e coloridas.

A americana Baker Pratt & Comp. também assinou parte do material geográfico do museu. Com sede na cidade de Nova York, a empresa vendia mesas, cadeiras, globos, borrachas, armários de livros, materiais de papelaria, canetas, lápis, capas de livros, sinos, relógios, materiais de ginástica, tinta entre outros. (Catálogo Ilustrado Baker Pratt & Comp., 1879)

A descrição sobre os globos terrestres produzidos pela casa informa que eram vendidos muitos estilos, incluindo globos de bibliotecas e globos esféricos para o estudo de geometria. Todos eles apresentavam as seguintes vantagens: mostravam as últimas mudanças políticas e as principais características topográficas; contornos naturais e divisões políticas; correntes oceânicas; eram feitos de papel machê e cobertos por um produto que dificilmente seria quebrado; eram impermeáveis a água, podiam ser limpos com uma pano úmido ou esponja. (Catálogo ilustrado Baker Pratt & Comp., 1879, p. 48)

Já a empresa francesa Delagrave foi fundada em 1865 por Charles Delagrave⁹. A casa era especializada na venda de material científico, educacional e especialmente de livros escolares. Segundo o relatório da Exposição Universal de Saint-Louis, de 1904, a livraria Delagrave expandiu o escopo de suas publicações, até então seu catálogo tinha mais de 5 mil volumes assinados por pessoas famosas da educação, publicava uma média de 150 volumes e colocava mais de um milhão de cópias em circulação, sendo que os livros de educação primária estavam em todos os colégios da França. O documento afirma ainda que a casa Delagrave também tinha um departamento de materiais escolares, fabricados pela empresa em larga escala, produzindo desde objetos pequenos, até mesas e bancos de classes. (Ministère du Commerce, de l'industrie, des postes et des télégraphes. Exposition internationale de Saint-Louis (USA), 1904, p. 61)

De acordo com o catálogo de venda da empresa de 1886, a Delagrave vendia onze tipos de globos terrestres e celestes: levasseur; perigot et moureux; larochette et bonfont; parquet; celeste Simon; terrestre scolaire perigot; elementaire larochette et bonfont; miniature globes ardoises; montes cosmographique Hernard. (Catalogue special, Mobilier, Matériel Scolaires et accessoires de classes, Librairie Delagrave, 1886)

A próxima descrição feita é sobre a Sala de Trabalhos Manuais que, segundo o relatório, representava uma miniatura de uma oficina de carpinteiro ou marceneiro:

A sala de trabalhos manuais representa em miniatura uma oficina de carpinteiros e marceneiro, como existem anexas às escolas francesas. O material foi encomendado ao estabelecimento Aux Forges de Vulcain,

⁸ cf. <https://www.abebooks.com/SMITH%C2%92S-TERRESTRIAL-GLOBE-Containing-Recent-Discoveries/4857542387/bd>. Acessado 16 jul. 2020.

⁹ A empresa foi vendida em 1995 para Flammarion e depois para Abin Michel em 2010. Podem ser encontradas informações sobre essa empresa pelos nomes: Delagrave, Ch Delagrave et Cie, Delagrave & Cie, Charles Delagrave, Editions Delagrave, Librairie Delagrave. cf. <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG199625>. Acessado 15 jul. 2020.

fornecedor das escolas de França. Uma série de modelos tipos da escola de Naas, e outra da escola da rua de Tournefort mostram a orientação dos sistemas pedagógico e econômico, aplicados ao ensino dos trabalhos manuais. Ao lado desses espécimes figura brilhantemente a coleção de trabalhos em madeira e ferro, executados pelos alunos da escola Rodrigues Sampaio, anexa ao Museu Pedagógico de Lisboa, e oferecidos a este *Pedagogium*, a pedido do Sr. Professor Luiz Augusto dos Reis. (Revista Pedagógica, n.18, Tomo 3, p. 332-3)

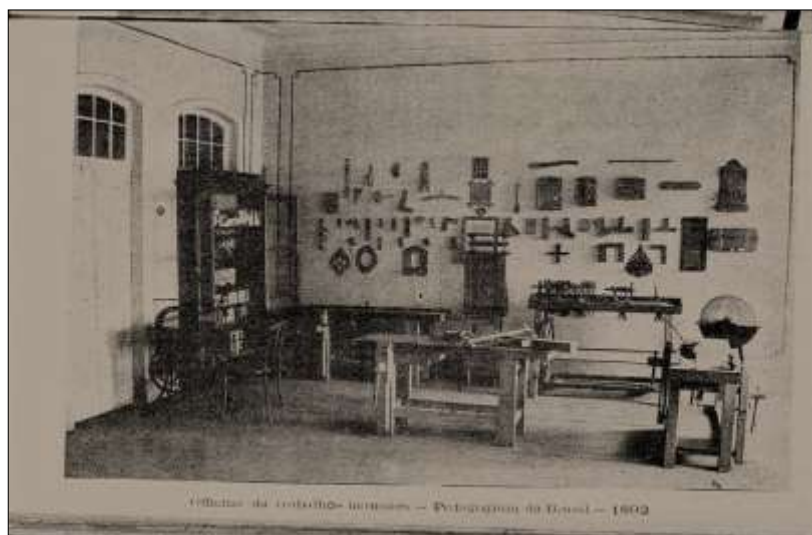
Percebe-se que o objetivo desse espaço era fazer com que as escolas seguissem este padrão ao formar uma sala de trabalhos manuais em seus respectivos espaços. A coleção de objetos para carpintaria e marcenaria da sala de trabalhos manuais do *Pedagogium* foram adquiridos da empresa francesa Aux Forges de Vulcain.

Segundo o Anuário do Comércio francês, a empresa, fundada em 1807, era especializada na venda de: ferragens, aços, lima, cobre, fios de ferro, aço e latão, pedras de amolar e pedras de toda a natureza, ferramentas para artes e fábricas, torres e acessórios para oficinas e amadores, fabricação de ferramentas de carpinteiros e serras mecânicas. (Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration de 1901, p. 2408)

Analisando o catálogo da empresa, identifica-se que Emile Chouanard era o engenheiro administrador e Henry Bres-Chouanard era o diretor geral da Aux Forges de Vulcain, também conhecida como uma sociedade anônima francesa, sendo que a produção da casa poderia ser adquirida em quatro magazines em cidades distintas da França: Paris, Lyon, Bordeaux e Lille. (Catálogo Aux Forges de Vulcain, 1923)

O Anuário do Ensino do Rio de Janeiro publicou o retrato do espaço descrito pelo diretor do Museu:

Figura 3: Oficina de Trabalhos Manuais do Pedagogium



Fonte: Anuário do Ensino do Rio de Janeiro, 1895.

Nota-se pela imagem que, realmente, o espaço se parece com uma oficina, pela configuração dos objetos pendurados na parede, os quais poderiam ser facilmente localizados em caso de necessidade de uso e pelas diversas ferramentas distribuídas pelo espaço.

Identifica-se ainda, no canto esquerdo da foto, a presença de armário com objetos diversos que parece tratar-se da coleção de objetos em madeira e ferro fabricados pelos alunos da escola Rodrigues Sampaio, anexa ao Museu Pedagógico de Lisboa. (Anuário do Ensino 1895, p. 470)

Essa opção de exposição serve principalmente para oferecer um modelo de organização escolar; dessa forma, o visitante consegue ter ideia de como reproduzir esse espaço em sua unidade escolar, incluindo os objetos.

No terceiro andar do prédio, estava destinado um espaço para exposição escolar permanente, conforme relata Menezes Vieira:

No terceiro andar acha-se também a exposição escolar permanente de autores e editores nacionais e estrangeiros. Ali existem atualmente os objetos remetidos ao *Pedagogium* pelo *Sindicat français du materiel d'enseignement* (Paris) e da *American Book Company* (New York). Examinando os atlas geográficos, os livros escolares, principalmente os *readers* norte-americanos, o visitante verá quanto estamos atrasados nesta matéria. (Revista Pedagógica n.18, Tomo 3, p. 334)

O *Sindicat français du materiel d'enseignement* tinha sede social na rua Saint-Benois em Paris, e era representado no Rio de Janeiro por Charles Vautelet e por Etienne Collet. (Alcântara, 2014, p. 155)

Segundo o Almanak Laemmert Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1893, p. 1893), entre as empresas que o *Syndicat Français du materiel d'enseignement* representava, estavam a Deyrolle, Delagrave, Noé e Picart. Percebe-se que todas elas são mencionadas pelo relatório de Menezes Vieira. A esse respeito, é importante destacar um ponto do relatório. O diretor do museu menciona que os objetos eram remetidos pelos representantes estrangeiros; isso significa que o professor, ao visitar esse espaço do *Pedagogium*, teria a oportunidade de ter contato com os representantes de vendas dos objetos presentes no Museu.

A empresa *American Book Company*¹⁰ (ABC) era uma editora educacional de livros que publicava livros didáticos para os níveis fundamental e médio. A editora foi formada em 1890, a partir da junção entre as empresas Van Antwerp, Bragg e Co, As Barnes e Co, D. Appleton e Co, Iveson, Blakeman e Co. Atuou por mais de setenta anos em parceria com o sistema escolar público dos Estados Unidos e outras instituições de ensino publicando livros das áreas de contabilidade, agricultura, arte e educação cívica. Nas décadas de 1960 e 1970, a marca foi adquirida pela Litton Industries e depois para a International Thomson Organization, em 1981 foi adquirida pela DC Heath and Company. Por fim, Menezes Vieira refere-se aos espaços de transição, os corredores do Museu:

Todas as paredes internas do edifício, escadas, salas, corredores estão revestidos de quadros para o ensino pelos olhos. As estampas de Emilie Deyrolle, Paravia, Armengaud, Reynold, Appleton, Pape Carpentier, Callawert, Johnson etc., ali estão para mostrar que em França, na Itália, na Bélgica, na Inglaterra, etc., este meio de vulgarização é geralmente empregado. A geografia, a história universal e pátria, os processos industriais, a história natural ensinadas deste modo gravam-se no espírito infantil, as palavras do mestre são, por assim dizer, estereotipadas pela memória da vista. (Revista Pedagógica, n.18 Tomo 3, p. 334)

Os quadros parietais Armengaud eram de autoria do engenheiro e ex-aluno da escola de artes e manufaturas da França e foram editados e comercializados pela empresa Delagrave.

¹⁰ Cf. https://library.syr.edu/digital/guides/a/amer_book_co.htm. Acessado em 21 de jul. 2020.

Armengaud produziu uma coleção chamada “Quadros de educação escolar e pinturas decorativas”. A coleção de quadros era composta por: uma coleção sobre habitação com 7 grandes quadros e 11 quadros simples e uma coleção sobre agricultura e indústria; sobre história natural e sobre lições de coisas. (Catálogo de Venda Delagrave, 1898, p.55)

A casa Delagrave editou e comercializou também os quadros parietais da professora francesa Marie Pape Carpentier. Segundo D’Ascenzo e Vignoli (2008, p. 16), Carpentier foi uma das responsáveis por disseminar o método intuitivo pela Europa, compartilhando sua prática de atuação nas classes do jardim de infância mostrando como o ensino poderia ser mais produtivo partindo do concreto.

Considerações

O relatório de funcionamento do *Pedagogium* de 1892, publicado na Revista Pedagógica e no Anuário de Ensino de 1895 escrito por Menezes Vieira, permitiu-nos conhecer um pouco sobre as instalações do Museu. Percebe-se que o prédio deveria ser bastante amplo para que pudesse dar conta de receber os objetos e visitantes; identificamos, ainda, as coleções dos museus por meio da explicação detalhada: é possível identificar os tipos de objetos, quantidades e organização visual; por fim, é possível identificar as empresas de materiais didáticos fornecedoras do Museu, incluindo representantes comerciais, jogando luz para uma parceria entre o Museu e o mercado didático da época.

Numa análise atenta do documento escrito por Menezes Vieira, é possível confirmar a função do *Pedagogium* como espaço divulgador de objetos e casas comerciais fabricantes de materiais didáticos.

Sobre a formação de professores, o relatório do diretor do museu deixa claro que todos os espaços são pensados para essa função. Serviam sobretudo de modelos de aprendizagem que poderiam ser reproduzidos nas unidades escolares dos professores visitantes. Isso fica claro pelo aspecto visual do museu, organizado a partir de classificações e tipologias de ensino, em que o expectador aprende pela observação atenta da exposição.

Além disso, o professor tinha possibilidade de utilizar esses espaços para realizar práticas de ensino, como no caso dos laboratórios de química, física e a sala de trabalhos manuais. Isto significa que, na falta desses espaços em suas respectivas escolas, o professor poderia conduzir suas aulas, utilizando os laboratórios do *Pedagogium*.

Por fim, todo o acervo e organização de exposições e laboratórios tinham um intuito central de servir de modelo para reprodução nas unidades escolares, ou seja, o museu era um local de divulgação de modelos e práticas escolares.

Sendo o *Pedagogium* um espaço de formação e também de circulação e um centro difusor de tecnologia educacional, o relatório de Menezes Vieira nos apresenta uma faceta diferente da conhecida, um Museu que estava associado com a função de publicidade comercial, ou seja, um lugar onde o professor era formado, mas poderia ter contato com empresas e materiais didáticos de diversas partes do mundo.

Vimos que essa “visualidade comercial” herdada das grandes feiras estava presente sobretudo no Gabinete de História Natural, onde os objetos estavam todos alocados em armários do tipo vitrine, e no Gabinete de Física, que colocava em posição central objetos que davam valor a exposição e que foram adquiridos de casas comerciais renomadas.

Ressalta-se ainda que o Relatório Anual de 1892 divulgava não somente as atividades e o acervo do museu, mas também, as empresas de materiais didáticos. É evidente a divulgação, o incentivo e o empenho com que o diretor do Museu se refere às empresas citadas. Todos os espaços relatados apresentam o local de origem dos objetos, onde foram adquiridos. Aqui outro ponto deve ser destacado, nem sempre o museu comprava esses objetos, foi o caso do acervo de História Natural, em que o relatório indica que todos os objetos foram enviados pela empresa

francesa Deyrolle. Isso significa que empresas de materiais didáticos entendiam museus pedagógicos, como uma potente vitrine pedagógica.

Esse uso de museus pedagógicos como uma vitrine comercial, no caso do *Pedagogium*, é reforçado quando uma das salas do museu era reservada para representantes de vendas. Não sabemos se era possível que o professor fizesse a compra, mas ao final da visita, ele teria contato com as empresas, catálogos e representantes de venda no país. Na prática, o professor visitante conhecia os espaços, tinha a informação da origem mercadológica daqueles objetos, poderia fazer uso na prática dos materiais dentro do *Pedagogium* e, ao final da visita, caso tivesse interesse, teria o contato com os representantes de vendas das casas de materiais expostas no Museu.

Percebe-se que a formação de professores no *Pedagogium* estava diretamente associada à divulgação comercial de materiais didáticos, o que nos faz compreender que práticas de ensino e indústria didática andaram de mãos dadas nesse período.

Empresas didáticas, que antes foram apresentadas na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883, com a criação do *Pedagogium*, poderiam expor de maneira permanente suas tecnologias educacionais. Nesse sentido, o Museu Pedagógico Nacional replica as ações das grandes feiras, tornando-se um espaço que reunia pessoas, conhecimento e objetos do mundo inteiro.

Portanto, o Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* era um espaço de circulação transnacional de pessoas, conhecimento, práticas escolares e material didático. Um museu do progresso, da modernidade e da inovação pedagógica, um museu de grandes novidades.

Referências e fontes

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. *Por uma história econômica da escola: a carteira escolar como vetor de relações São Paulo (1874-1914)*. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo. 2014.

Almanak Laemmert Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro 1893. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

ALVES, Claudia Maria Costa. *Benjamin Constant e o Pedagogium: memórias positivistas em disputa*. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org) *Pedagogium Símbolo da modernidade educacional republicana*. Rio de Janeiro. RJ: Quartet Editora, pp. 43-75, 2013.

American Book Compani. Disponível em: https://library.syr.edu/digital/guides/a/amer_book_co.htm. Acesso em: 21 de jul. 2020

Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration, 1901. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>.

Anuário do Ensino do Rio de Janeiro, 1895. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

A.Picart. Disponível em: <http://microscopist.net/PicartA.html>. Acesso em: 17 jul. 2020

BARBUY, Heloisa. *A exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Loyola, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara. *Ideias que viajam: Menezes de Vieira, peregrino da educação brasileira*. In: MIGNOT, Ana. (org) *Pedagogium Símbolo da modernidade educacional republicana*. Rio de Janeiro. RJ: Quartet Editora, pp. 77-118, 2013.

BIANCHINI, Paulo. Paravia. Storia. *Centro online storia e cultura dell'industria il nord ovest dal 1850*. Luiglio, 2008.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *Exposições Universais e Museus Comerciais: entre o efêmero e o permanente*. In: BORGES, M. (org) *Invações, coleções, museus*. São Paulo. SP: Autêntica, pp. 145-166, 2011.

BUISSON, F. *Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire*. Paris: Librairie Hachette, 1888.

BRAGHINI, Katya Mitsuko. *O que os instrumentos científicos dos Museus Escolares nos contam sobre a educação dos sentidos, na passagem do século XIX para o século XX?* Relatório Técnico de Pós-Doutorado – UFGM, 2011.

BRASIL. Decreto de lei n. 667 de 16 de agosto de 1890.

BRASIL. Decreto de lei n. 981 de 8 de novembro de 1890.

Catálogo Aux Forges de Vulcain, 1923.

Catálogo Ilustrado Baker Pratt & Comp., 1879.

Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional organizado por Julio de Lima Franco, 1885.

Catálogo de Venda Delagrave, 1898. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>.

Catalogue special, Mobilier, Matériel Scolaires et accessoires de classes, Librairie Delagrave, 1886. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>.

Charles Saffray. Disponível em: https://data.bnf.fr/15287949/charles_saffray/. Acesso em: 17 de jul. 2020.

CH. Noé. Laboratorium Bergara, Disponível em: <https://www.laboratorium.eus/es/ekoizle/ch-noe-constructeur-dinstruments-de-precision>. Acesso em: 17 jul. 2020

Ch. Smith & Son. Disponível em: <https://www.abebooks.com/SMITH%C2%92S-TERRESTRIAL-GLOBE-Containing-Recent-Discoveries/4857542387/bd>. Acesso em: 16 de jul. 2020.

D'ASCENZO, Mirela. *I musei didattici nella storia scolastica italiana tra esperienze pionieristiche e modelli commerciali (1860-1945)*. In GONZÁLEZ, Sara; MEDA, Juri; MOTILLA, Xavier; POMANTE, Luigiaurelio. *La pratica educativa Historia, memoria y patrimonio*. Salamanca, Espanha: FahrenHouse, pp. 939-948, 2018.

D'ASCENZO, Mirela. VIGNOLI, Roberto. *Scuola, didattica e musei tra otto e novecento Il museo didattico Luigi bombicci di Bologna*. Bologna, Itália. CLUEB, 2008.

Delagrave. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG199625>. Acesso em: 15 de jul. 2020

Deyrolle. Disponível em: <https://www.deyrolle.com/histoire/historique-de-la-maison-deyrolle/naissance-la-famille-deyrolle>.

GASPAR DA SILVA, Vera. SOUZA, Gizele de. *Objetos de utilidade prática para o ensino elementar: museus pedagógicos e escolares em debate*. In: GASPAR DA SILVA, Vera. SOUZA, Gizele de. CASTRO, César Augusto (org.) *Cultura Material Escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória. ES: Edufes Editora, pp. 119-141, 2018.

GONDRA, José Gonçalves. *O veículo de circulação da pedagogia oficial da República: a Revista Pedagógica*. Revista Brasileira de estudos Pedagógicos, v.8, n.188/189/190, p.374-395. Brasília, 1997.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. *O Pedagogium: sua criação e finalidades*. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org) *Pedagogium Símbolo da modernidade educacional republicana*. Rio de Janeiro. RJ: Quartet Editora, pp. 25-42, 2013.

MARCHI DA SILVA, Camila. *Museus Escolares no Estado de São Paulo (1879-1942)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

Ministère du Commerce, de l'industrie, des postes et des télégraphes. *Exposition internationale de Saint-Louis (USA), 1904*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>.

Paravia História e origem. Disponível em: <http://www.museotorino.it/view/s/711631f47c004a09b5d48afdb2459324>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PESAVENTO, Sandra. *Exposições Universais. Espetáculos da modernidade do século XX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

Revista Pedagógica n.3 Tomo 1, 1890. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Revista Pedagógica n.18 Tomo 3, 1892. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Revista Pedagógica n.28, 29, 30 Tomo 5, 1893. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.